ANTOLOGIA DO PADRE MONTE

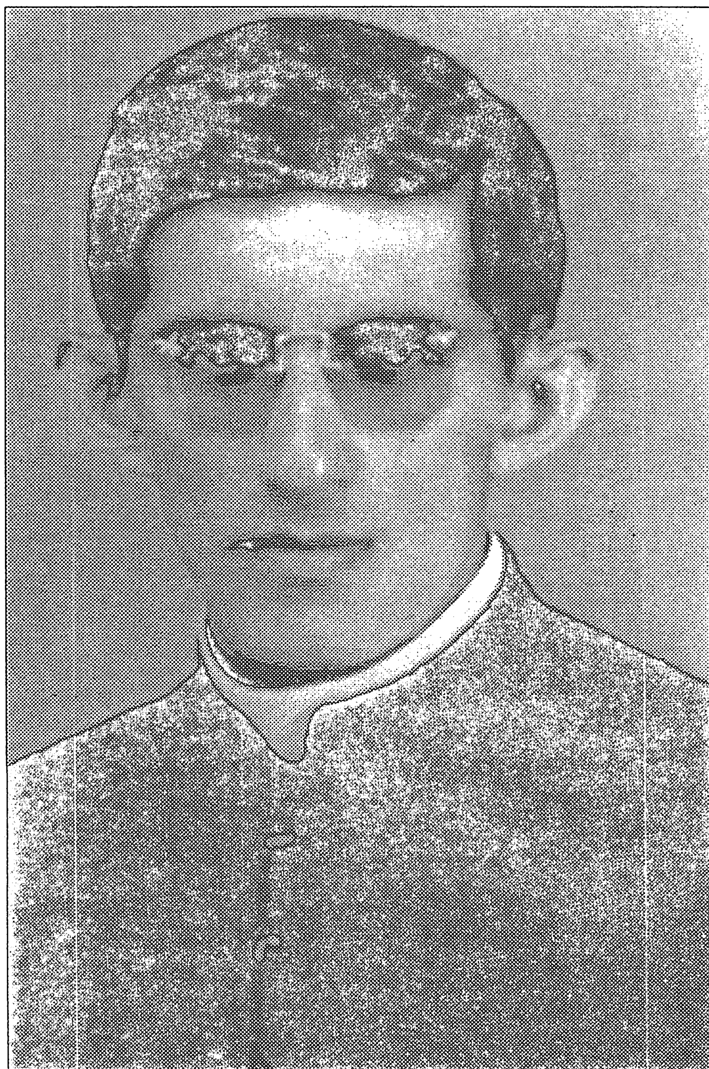
Ao Cezildo, companheiro de pesquisas – eternas –, of. com admiração,

Jurandyr

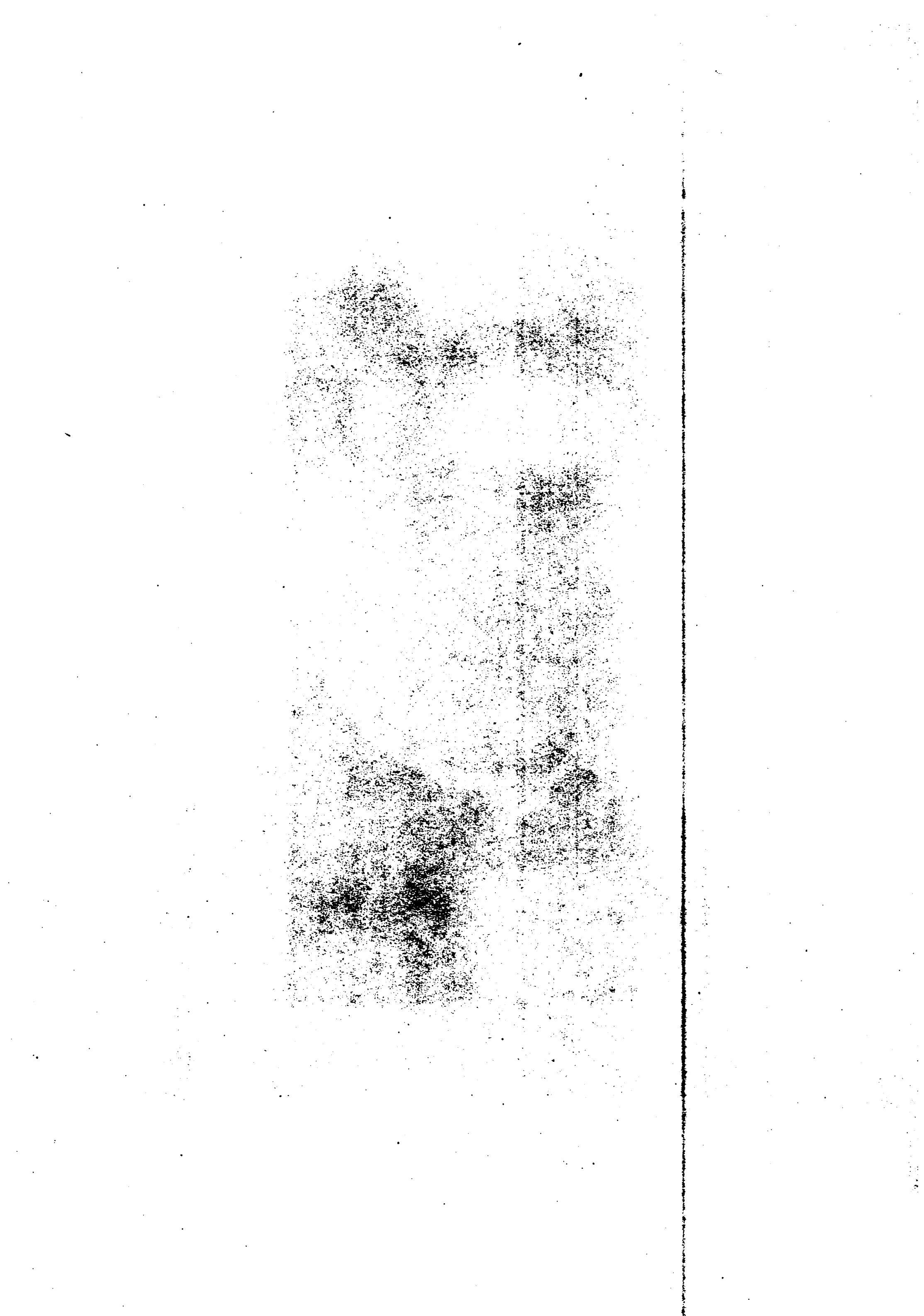
Natal, [illegible] 2002

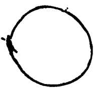
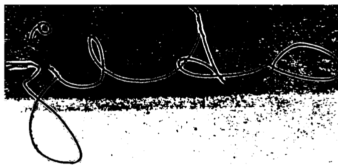
PESQUISA DE
Jurandyr Navarro

VOLUME - 08



Padre Monte





- 26-09-02

Apresentação

Além de exibir uma personaliddae marcante e atuante no seu ministério sacerdotal, exercendo a liderança intelectual do Clero do seu tempo, e orientador de associações de fiéis, da parte do laicato, dentre juvens e adultos, de ambos os sexos, e ainda com a responsabilidade do exercício do magistério em diversas escolas de Natal, adicionando, também, os encargos de secretário do Bispado, durante algum tempo, o Padre Luis Gonzaga do Monte, assoberbado, inclusive, com suas horas dedicadas aos seus estudos, ele muito escreveu na imprensa católica.

Escreveu não somente sobre Ciência mas abordou, outrossim, temas ligados à Religião, principalmente, além de preocupar-se com o homem integral. Pois o homem moderno não pode prescindir desse trimônio existêncial: religião, ciência e sociedade.

Neste oitavo volume da Antologia publicamos trabalhos de fundo religioso.

Emérito cultor da Teológia, o Padre Monte não poderia deixar represados esses conhecimentos, embora os soltasse aos poucos, em breves artigos ou sucintos ensaios, elucidando os mistérios da doutrina cristã e os colocando ao nível do entendimento dos leigos no assunto.

Ao leitor, portanto, alguns textos, sob o ângulo religioso, do cansagrado autor de saber múltiplo.

Voltaremos com o nono volume.

Mês de Maio em, Natal, 1996
Jurandyr Navarro

Sumário

“A inteligência foi criada para a Verdade, como o coração para o Amor”.

(Padre Monte)

MEDITAÇÕES

QUARESMA

Passados os três dias ruidosos do carnaval, a Igreja convida os fiéis à penitência quaresmal.

Malgrado tantos avisos e decepções, ainda assim, a humanidade se deixa conduzir ao torvelinho alucinante do prazer, doce, linda e contagiosa ilusão de ser feliz neste vale de lágrimas!...

Mas este ano, como nos outros, o déficit moral deve ter ficado, após os três dias de loucura pagã.

Entretanto, faz-se mister saldar o deleite. A humanidade delinqüente toma o seu grabato e vai à piscina probática lavar as manchas de sua clâmide, qual outrora os doentes à fonte de Siloé.

A vida que Deus nos deu acode com a misericórdia do tempo.

Cristo-Redentor nosso, na aflição dolorosa por nossos delíquios, ruma os seus passos, peregrino das lágrimas, caminho do deserto, em rigorosa abstinência de quarenta dias.

- Que ides fazer, meu divino Mestre, a humanidade brada, há quase dois mil anos!

- Abrir o meu ascetério de piedade e deixar cair, da fonte de meus olhos, o rorejo de lágrimas sobre a terra estéril da alma pecadora...

Assim, pois, a Igreja faz o seu apelo salvítico para uma quarentena de penitencia, à imitação da vida de Jesus no deserto.

Há já tanto tempo que se repete, cada ano que se passa, este abençoado tempo, que melhor fora que entrássemos logo de aproveitá-lo sem perda de um só instante.

A quaresma é de origem apostólica, assim afirmou S. Jerônimo, St° Agostinho e a maior parte dos antigos padres da Igreja.

Isto mesmo refere Santo Irineu no segundo século, confirmado pelos concílios de Nicéa, efetuado em 325 e o de Laudicéa em 365.

O jejum quaresmal é uma instituição divina e o seu tempo é consagrado pela tradição dos apóstolos.

O doutíssimo canonista **Luch Ferraris**, no seu "Dicionário de Disciplina Eclesiástica", assim se expressa:

"Quadragesima ratione jejunii est de jure divino; ratione temporis extradione apostolorum".

É pois, de direito divino, pelo jejum rigoroso observado por Nosso Senhor, durante os quarenta dias no deserto, e assim vem sendo a tradição dos tempos apostólicos até nossos dias, sob a regulamentação dos cânones da igreja.

A penitência quaresmal, pela qual seremos justificados, não consiste apenas na prática exterior da abstinência de viandas e licores.

A grupalidade é uma das formas de penitencia: deve ser uma revelação externa da mortificação interna com que a alma cristã entra em comunhão, no seu insulamento, com as privações que o divino Mestre impôs a si próprio como possível das penas de nossos pecados. Quem guardasse o jejum, ainda que rigorosíssimo, como para satisfazer uma formalidade legal, à guisa de um fariseu a práticas exteriores, não teria o espírito de penitencia requerido no tempo quaresmal.

Vem de molde aqui a frase do Redentor: "a letra mata", negligenciando-se "o espírito que vivifica".

A quaresma é antes de tudo um tempo de retiro e de desprendimento. Como na frase do Pe. Giraud "é o deserto que é preciso atravessar antes de chegar à terra da promissão".

O espírito exige de cada um de nós o retraimento às festas e diversões profanas, ao jogo, mesmo lícito, bem como os banquetes e "soirées" mundanas, até mesmo de toda visita ociosa e conversação frívola.

O cristão deve criar em torno de si um ambiente de silêncio e solidão, porquanto é na solidão que Deus fala ao coração.

O contrário disto é perder a voz de Deus no tumulto do século.

Eis por que nos refere Oséias, 11,14: "Ducam eam in solitudinem, et loquor ad cor ejus; conduzi-lo-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração.

Ademais. A Igreja nos prescreve a adoração da Cruz, o exercício da Via-Sacra, ofícios e cerimônias que nos convidam à ascese

do espírito junto ao divino Mártir, tudo isto para preparar a alma para receber os salutares carismas da Páscoa.

A palavra de Deus ressoa nos púlpitos como trombetas evangélicas. É sobretudo neste tempo que a igreja encarece aos bispos e párocos o dever da pregação.

É no tempo quaresmal que a esmola se faz preceito para excitar-se em nós a sensibilidade generosa para com os deserdados da fortuna.

Em nosso deserto de abstinência, o quinhão do pobre está reservado, como em nenhum outro tempo.

E assim devemos passar este tempo de bênçãos e de salvação, coando, nos filtros da caridade, as rorejantes lágrimas da penitência purificadora das almas.

E no grande Dia das Solenidades Pascais que, coroam as solenidades expiatórias, hemos de sentir a juventude espiritual da ressurreição de nossa vida cristã. E somente assim teremos o direito, pela absolvição sacramental e manducação do "Agnus" eucarístico, aos estos sublimes do aleluia: "ad Deum qui letificat juventutem meam" - ao Deus que alegra a minha juventude.

(1926)

PAENITENTIAM AGITE!

São chegadas as horas amargas para os cristãos, que através das cerimônias do altar recordam os sofrimentos de Cristo Nosso Senhor.

A Sabedoria da Igreja designou o espaço de tempo de cinzas à aleluia para os fiéis, pela penitência, se prepararem para a gloriosa ressurreição do divino Mestre.

Nesse dia todos devem ressurgir para a glória, para a contemplação dos grandes mistérios da santa Religião.

Antes, porém, do dia do triunfo, os cristãos devem tomar parte no banquete eucarístico, como fizeram os apóstolos antes que Jesus deles se ausentasse para a sua paixão e morte.

Estamos dentro da Grande Semana, semana de dor e de amor, de tristeza e alegrias.

O vidente de Patmos, o sublime S. João mais do que nunca levanta o grito: **paenitetiam agite**, fazei penitência! Esquecei-vos das iniquidades e misérias do mundo, aproximai-vos do tribunal da penitência onde a alma é banhada com graça divina e reconquista o estado de justiça, a amizade de Deus.

Quão grandes e inefáveis são as munificências divinas.

Deixai, por conseguinte, o maldito respeito humano, que tem arrastado tantos às penas eternas, e nestes dias do perdão abri a consciência e falai para o bom Jesus: Senhor, eis o pecador arrependido, que como o filho pródigo volta ao lar paterno, cheio de defeitos e iniquidades.

Se assim não fizerdes, ouvireis as sentenças de S. Lucas: **si paenitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis.**

Se não fizerdes penitência, todos igualmente perecereis.

São palavras eternas, que ferem os ouvidos dos maus e lhes abalam o ser.

Meditando-as muitos têm deixado o erro e voltado para Deus, consolo dos que sofrem.

Só a confissão dá a paz aos atribulados, ela somente, pelos merecimentos de Jesus Cristo, eleva o espírito e o coloca superior a todas as coisas terrenas.

Voltai-vos, ó homem, para os dias de misericórdia. Hoje estão abertos os canais da graça.

Em todo orbe os fiéis vão cumprir o grave dever da confissão para coroarem-no com a comunhão pascal.

Paenitentiam agite!

Não vos leveis pelas máximas do mundo que são enganadoras, querem o afastamento de Deus, para por em perigo as vossas almas.

O mundo não conhece o que seja paz ou tranqüilidade de espírito.

Vêde, cumprí o dever pascal e experimentareis as delícias do amor de Deus.

O quam suave est jugum meum.

Quão suave é o meu jugo, quão doce é a minha convivência, diz o Senhor.

Gozai esses momentos de felicidade que são a recompensa da penitência.

(1929)

O MISTÉRIO SUBLIME

A Eucaristia é o mistério sublime do amor de Deus.

É o testamento que nos deixou o Salvador.

É o legado precioso em que Jesus se nos dá em corpo, sangue, alma e divindade.

É a perpetuidade do sacrifício do Calvário, que se desdobra através dos séculos, no santo sacrifício da Missa.

Foi na véspera de sua morte.

Jesus, depois de lavar os pés dos seus apóstolos, vai instituir o sacerdócio e o sacramento do amor.

Na ceia memorável, o Divino Mestre toma o pão e diz: "este é o meu corpo; tomai e comei". E tendo o cálice em suas mãos, fala: "este é o meu sangue que será derramado por vós e por muitos em remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim"'

Aquelas palavras tinham força de eternidade. Assemelha-se às que proferira na criação, quando os mundos acordaram ao **fiat** maravilhoso.

Quem ousará duvidar do seu poder, da força da sua palavra?

Antes, Ele dissera: "eu sou o pão vivo que desceu do céu. Vossos pais comeram o maná e morreram, mas quem come da minha carne e bebe do meu sangue terá a vida eterna. Se não comerdes da carne do Filho do Homem não beberdes do seu sangue não tereis a vida. Minha carne é verdadeiramente alimento e meu sangue é verdadeiramente bebida".

Na ceia, Jesus confirma as palavras que proferira depois da multiplicação dos pães, instituindo a Eucaristia.

Dentro de algumas horas, tudo estaria consumado. Ele, depois de ressuscitado, voltaria ao seio do Eterno Pai.

Queria, porém, ficar com os homens, queria perpetuar o seu sacrifício através dos tempos. Fê-lo como lhe ditou sua sabedoria incriada.

O sacrifício do Calvário revive todos os dias, a cada instante em toda terra, de um modo, porém, incruento, sem efusão de sangue, na santa Missa.

Em nossos altares, Jesus se imola misticamente pela salvação dos homens.

Ficou Ele conosco, distribuindo-se aos fiéis em tantas hóstias, onde está em corpo, sangue, alma e divindade, todo em toda hóstia e todo em qualquer parte dela, como a alma está no corpo.

Os olhos vêem na Eucaristia o pão e o vinho do sacrifício. A fé nos diz, porém, que alí apenas restam do pão e do vinho as simples aparências, ou acidentes, porque Jesus ocupa o lugar da substância.

Mistério sublime que só o amor divino pode conceber!

Um Deus que se oculta para nos inspirar confiança de nos aproximarmos dele!

Mistério acima da nossa razão, mas que em nada lhe é contrário.

Rendamos hoje a Jesus na Eucaristia o tributo da nossa fé, do nosso amor e da nossa gratidão.

(1927)

O MISTÉRIO DE HOJE

Como encerramento das comemorações festivas da Incarnação, Paixão e morte de Jesus e da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, a Igreja celebra hoje o mistério da Santíssima Trindade. É o primeiro e mais sublime mistério do Cristianismo.

Sem dúvida, a existência de Deus e suas perfeições infinitas têm alguma coisa de misterioso para o homem. Não compreendemos Deus na sua própria essência e na sua natureza. Não temos noção absoluta adequada de sua onipotência, eternidade e onisciência. A razão humana, no entanto não somente concebe estas grandes verdades mas proclama a necessidade das mesmas.

Quando, porém, se trata do mistério da Santíssima Trindade, mistério de um Deus único em três pessoas distintas, a razão não descobre esse mistério, não percebe sua necessidade nem penetra sua natureza.

É esse o motivo porque se diz que esta dogma é o primeiro e o mais sublime mistério. É ele a origem de todos os outros mistérios da Religião.

A fé nos ensina que em Deus há três pessoas: o Padre, o Filho e o Espírito Santo. São coeternas as pessoas divinas, cada uma existindo do modo que lhe é próprio.

Deus Padre existe sem nascimento; Deus Filho existe originado do Padre, por via de geração: Deus Espírito Santo origina-se do Padre e do Filho por via de processão.

Esse mistério se encontra no antigo testamento e, claramente, no novo. É bastante recordar aquelas palavras de Nosso Senhor Jesus

Cristo-Deus Filho feito homem: ide, ensinai por toda parte, batizando em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo.

Nas religiões antigas da Índia, China, Pérsia, Grécia, há vestígios da revelação desse mistério.

A própria razão predispõe-se à afirmação do dogma da Trindade.

Realmente, Deus possue eminentemente as perfeições que se encontram nas criaturas. Na criação, há uma princípio de fecundidade.

Os vegetais e os animais se reproduzem. A inteligência humana se reproduz nas suas obras, produzindo antes, interiormente, uma imagem de si mesma, na expressão, seu pensamento.

Deve existir em Deus uma fecundidade superior.

Se a alma produz, com seu pensamento, uma imagem de si mesma, se produz, com sua vontade, o amor de uma e de outra; se esse pensamento e essa vontade, unidos ao princípio de que dimanam, tem entre si, uma distinção real, por que, quando se trata do Infinito, essa distinção e essa relação não atingiriam o mais alto grau que se possa imaginar - a personalidade?

Sendo como é, ativo, Deus pode produzir.

Sendo necessariamente ativo, produz necessariamente alguma coisa.

Essas operações íntimas, distintas da criação, são eternas, necessárias, infinitas e tem por termo a própria essência divina.

Sendo essa essência única, infinita, individual, segue-se que o termo da produção há de ser, também único, infinito, individual, idêntico com Deus.

São duas as operações íntimas de Deus: o conhecimento e o amor.

Deus conhecendo-se, esse conhecimento é infinito, perfeito, igual ao mesmo Deus e, ao mesmo tempo distinto dele, como o nosso pensamento o é de nossa alma. Este conhecimento é o verbo - o Filho.

Deus ama seu pensamento e o amor entre o Padre e o Filho é também infinito, necessário, idêntico à essência divina - é o Espírito Santo.

Adoremos o mistério profundo da Trindade Augusta, sem querermos penetrar os abismos da essência divina.

(1927)

OS MISTÉRIOS DE DEUS

Não podemos nos admirar de que haja mistérios em Deus e na religião, porque a nossa vida está cheia de mistérios. E se há dentro das cousas criadas, como não os haverá na vida íntima do Criador, e nas nossas relações com Ele? O primeiro mistério de Deus é a trindade de pessoas na unidade de essência.. Deus sempre existindo e eternamente pensando. Seu pensamento, seu Verbo mental, é a pessoa do Filho. O amor eterno entre o Pai e o Filho é também uma pessoa, a terceira da Trindade, o Espírito Santo.

Jamais teríamos conhecimento de tão profundos mistérios se o próprio Deus não no-lo tivesse revelado.

São obscuras as primeiras revelações sobre a SS. Trindade. O texto hebraico da Bíblia, narrando a criação do mundo põe o sujeito no plural e o verbo no singular, dando-nos a tradução literal: "Os deuses fez o céu e a terra". Manifestação de uma pluralidade de pessoas na Divindade.

Outros vestígios dessa pluralidade encontram-se no Antigo Testamento. É, porém, com o Cristo que se tem uma revelação completa do mistério. Na Incarnação, o Pai manda à terra o Filho que se faz homem por obra e graça do Espírito Santo.

No batismo de Jesus, enquanto o Filho se batiza, o Pai se faz ouvir, dizendo ser este o seu Filho dileto, enquanto o Espírito Santo desce sobre Ele em forma de pombo.

No Tabor, quando o Filho se transfigura, o Pai fala, e o Espírito Santo se revela através de uma nuvem luminosa.

O Cristo fala da sua unidade com o Pai e o Espírito Santo. Aos apóstolos promete mandar o Divino Espírito, logo que volte ao Pai. E quando os envia ao mundo inteiro, diz-lhes que batizem em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. A Tradição guardou as revelações da SS. Trindade. Os séculos cristãos atestam a crença no grande mistério. As histórias das religiões faz-nos ver como todos os povos conservaram, embora que deturpada, a idéia da Trindade de Deus. Prova de que o homem sempre creu no profundo mistério, vendo pela fé o que um dia teria a suprema ventura de contemplar face-a-face.

OS MISTÉRIOS DO CRISTIANISMO

Desde a origem do Cristianismo, uma escola de luz, de força e de conforto, é inspirada na revelação dos mistérios que é a da fé dogmática na Santíssima Trindade, na Incarnação e na Redenção. É esta uma particularidade que distingue a religião católica, elevando-se entre todos outros credos religiosos. É esta fé dogmática que tem conduzido os apóstolos de Cristo à mais sublime de todas as aspirações, ao ideal cristão, que é a elevação da alma aos páramos da santidade. É esta particularidade, ainda, a mais apontada pelo racionalismo, como grande erro, no dogmatismo da fé católica. Ele procurando banir da lógica comum essa verdade cuja revelação é a mais explícita na palavra do Divino Mestre, procura desmentí-la, trazendo para argumento a impossibilidade de se não poder crer numa coisa inconcebível pela razão humana, e portanto ininteligível. Descrê nos mistérios de Deus, porém se volta aos fatos **inexplicáveis** da Física e da Matemática. Tem no rádio um exemplo frisante desse pseudo **mistério** científico. A sua radioatividade criadora de estranhos corpos, sem no entanto alterar-se a constituição atômica do meio radioativo, é ainda um problema que não está definitivamente resolvido nas questões científicas, ou melhor, é um fenômeno **misterioso** em pleno domínio da razão...

Tenho, entretanto, a mais cabal certeza de que se forem mais acuradas as investigações, cessará de ser um **mistério**, as estranhas propriedades do rádio.

Mas, se tantas coisas há, aliás constituídas pela Onipotência, que não dão tréguas ao homem no estudo de dezenas e mais dezenas de anos no fim dos quais é que vê brilhar a sua pedra filosofal, se há fatos

que desde o começo dos tempos têm preocupado a Física que por vezes os abandona na esfera do transcendentalismo, por que hesitar na crença dos mistérios que não são físicos e nem matemáticos, mas que são divinos e revelados por uma sabedoria infinita?

Se as emanações do rádio constituem uma derrogação do próprio **princípio da conservação da matéria**, por que não acreditar que os mistérios de Deus pairam acima da razão humana, mas que nem por isso lhe são contrários, porque à sua crença nos impõe o mesmo Deus que os revelou?

Viver enfim sem a crença no mistério, e estar escorado na sabedoria finita do homem, é descrer na própria existência do Criador, o mais profundo dos Mistérios.

("Diário de Natal"/1929)

PROFUNDOS MISTÉRIOS

Insondáveis são os mistérios de Deus.

E não era possível que assim não fossem, quando nós mesmos somos um mistério, quando mistérios nos cercam a cada instante. Mistério é a nossa vida, com a união entre a alma e o corpo, com a transformação dos alimentos que tomamos na nossa carne, com a purificação do nosso sangue pelo ar, nos pulmões, com a transmissão da vida, pela geração. Mistério o nosso pensamento corporificando-se pela palavra que se multiplica sem se dividir, chegando aos outros homens pelas ondas arterzianas, gravando-se em discos e sendo repetida depois da morte de quem a pronunciou. O homem idealiza, inventa, descobre as forças da natureza, utiliza-se delas mas não sabe explicá-las. Mistério em tudo.

Mistério no homem, e muito mais mistério em Deus. O Criador nos revela os segredos da Sua vida íntima, dizendo-se uno em essência e trino em pessoas. Nós cremos no mistério mas não podemos sondá-lo. Nas relações entre Deus e o homem há um mundo de mistérios. O mistério da vida sobrenatural nos fala de uma íntima união entre o Creador e o **rei da criação**, união que era começo de uma eternidade feliz. Apagando as luzes daquela vida, surgiu a noite do pecado, e a humanidade viu-se diante do mistério do pecado original. As divinas promessas anunciavam em outro mistério - a redenção. Tal mistério seria uma união entre as naturezas divina e humana, na pessoa do Cristo - o Filho de Deus feito homem. O próprio Filho de Deus, a segunda pessoa da SS. Trindade, era o salvador prometido. O mistério da união hipostática seria o início da reabilitação do mundo, que se

processaria pelo mistério da redenção, pela morte do Homem-Deus sacrificado ao Eterno Pai em holocausto pela remissão dos homens. A culpa da humanidade assumira proporções de lesa-divindade.

Mede-se a ofensa pelo ofendido e não pelo ofensor. O sangue humano não era capaz de lavar a culpa. Era preciso que se derramasse no altar um sangue que fosse divino e humano ao mesmo tempo. Foi pelo mistério da Redenção que veio o da Incarnação. Aos dois profundos mistérios juntar-se-ia um outro, ao qual se ligariam outros mais. Tal mistério seria a continuação daqueles e a fonte dos outros. Seria a perene renovação da Incarnação e da Redenção. Estamos diante do mistério eucarístico. A Eucaristia é a Incarnação que se repete, pela vinda do Filho de Deus à terra, todos os dias e em todos os altares do mundo, e a paixão e morte que se renovam, misticamente, nas aras sacrificiais.

O sangue de Cristo derramado da cruz transforma-se em graças, passando pelo altar, e vai até às almas pelos sacramentos, mistérios da vida sobrenatural pelos quais o Homem-Deus se comunica aos homens, dando-lhes a própria vida.

A esse conjunto de mistérios não pode se opôr a inteligência, que não sabe se explicar a si mesma nem os mistérios que a cercam, dentro da vida natural. Sobre eles projetam-se as luzes da graça, e o homem os aceita num ato de fé, orando nos ensinamentos de Deus. A fé traz consigo a esperança da imortalidade, a certeza de que serão aplicados às almas os méritos de Cristo, de que os homens se salvarão pelos sacramentos, de que a posse do Cristo em vida é o prenúncio da vida futura. E quem crê a espera não pode deixar de ouvir a Deus. Merece amor Deus Pai que sacrifica o Filho por amor dos homens. E o coração humano não pode deixar de se sentir atraído pelo Homem-Deus que sofre e morre no alto da Cruz, e que fica entre os homens pelo mistério da Eucaristia e pelos mistérios dos sacrários.

(Do jornal "A Ordem", 1943)

O CORPO DE DEUS

A Eucaristia é o dogma da presença real de Jesus Cristo, em corpo, sangue, alma e divindade, no pão e no vinho consagrados.

Debaixo das aparências de pão e de vinho, Jesus continua a viver no meio dos homens, num milagre perpétuo de amor.

A Eucaristia é o centro de todo o culto católico.

É sacrifício e sacramento.

É sacrifício porque, segundo nos diz a fé, Jesus, substituindo-se ao pão e ao vinho se oferece na Missa como se ofereceu sobre a cruz, embora de um modo misterioso e incruente, mas eficaz e real.

É sacramento porque é recebido na sagrada comunhão e é alimento da alma.

A Igreja nos ensina que, no momento da consagração, o pão e o vinho são mudados, absolutamente transbstanciados no corpo e no sangue de Jesus Cristo, deles ficando apenas as aparências ou acidentes, isto é, aquilo que impressiona os sentidos, como a figura, o gosto, a cor, o cheiro.

Aparentemente nada se altera; na realidade, não há mais um átomo sequer de pão e vinho porque sua substância se tornou a mesma de corpo e do sangue de Jesus.

Sob as espécies consagradas, não há uma simples imagem, um símbolo representativo de Cristo, mas o verdadeiro corpo substancial e real de Nosso Senhor.

Essa presença real é permanente. Não se limita ao momento da consagração e comunhão mas persevera enquanto subsistam as espécies sacramentais, enquanto não forem desnaturadas as aparências do pão e do vinho.

Embora, em virtude das palavras sacramentais haja somente o corpo debaixo das espécies do pão e somente o sangue debaixo das espécies do vinho, contudo, por concomitância, o corpo está com o sangue, como este com aquele, pois que Jesus, sendo atualmente vivo, imortal: impassível e indivisível, acha-se todo onde estiver seu corpo ou seu sangue.

Ele está em toda a hóstia e todo em qualquer parte da mesma.

Esse dogma, que se baseia na Escritura e na Tradição, é um mistério.

Santo Agostinho o compara à palavra humana., "Se eu vos oferececeste uma comida material, cada um de vós não a poderia receber inteira, seria preciso reparti-la e dela terieis tanto menos quanto mais numerosos fossem os convivas. Não se dá o mesmo com a palavra. Cada um a recebe inteira.

Ora, se tal é a palavra humana incarnada num som, porque o Verbo de Deus, incarnado numa carne espiritual, não teria a faculdade de se comunicar todo inteiro, só as aparências do pão e do vinho, a todas as almas que o recebem?"

A incredulidade proclama inadmissível que o corpo e o sangue de Jesus Cristo possa achar-se presentes, ao mesmo tempo, no céu, sobre todos os altares e em todos os lugares.

Esquecem-se, porém, os ímpios que o corpo de Nosso Senhor, sendo espiritual e simples, subtrai-se às leis dos espaços e das distâncias.

A Eucaristia corresponde às mais íntimas aspirações do homem.

As religiões sonharam a união com a divindade, Jesus no Santíssimo Sacramento realiza esse sonho e nos garante a prática das virtudes.

"A alma é empolgada e comovida, escreveu Voltaire, o homem fica despregado de todo bem terreno, união a Deus; Deus está em nossa carne, em nosso sangue; quem, depois disso, se atreverá a cometer uma só culpa, até a conceber o pensamento do pecado? Sem dúvida, era impossível imaginar um mistério que mantivesse tão poderosamente os homens na prática da virtude".

Assim falou um ímpio.

Amemos e adoremos a Jesus no Sacramento do amor!

(1928)

TEMPO SAGRADO

Com a cerimônia das cinzas, iniciou-se o tempo sagrado da quaresma. Tempo de meditação e de penitência. A lembrança dos sofrimentos do Cristo convida-nos a nos unirmos ao grande penitente que é Ele. Vendo-O com a cruz às costas ou pregado no infamante patíbulo, por nós se oferecendo ao Eterno Pai, não podemos ficar indiferente a tanto martírio suportado voluntariamente por nosso amor. Sentimos o dever de acompanhá-lO, de nos **crucificar** com Ele, de juntarmos ao Seu sangue as lágrimas do nosso coração.

De penitência nos fala a liturgia da Igreja. De penitência são as passagens das Escrituras, evocadas sempre com tanta atualidade. Penitência é o eco das pregações do Cristo, da palavra austera de João Batista, dos anúncios proféticos dos porta-vozes de Deus.

Dois caminhos levam ao céu: a inocência e a penitência. Quem pode dizer que não perdeu o primeiro? Resta-nos o segundo, necessário, indispensável à salvação do homem. É preciso trilhá-lo. Como nos oferece a Quaresma oportunidade de conhecê-lo, de meditá-lo e de seguí-lo! A visão do Cristo penitente nos incentiva. É por isso que a Igreja faz relembrar os sofrimentos do Redentor, na contemplação da vida dolorosa, no exercício da via-sacra, no qual vamos seguindo os passos do Divino Cordeiro que sobe a ara sacrificial. Aquele piedoso exercício, iniciando por quem tanto compreendeu o valor dos padecimentos do Deus humanado por Maria Virgem; naquela piedosa prática nos faz voltar o pensamento aos tempos messiânicos recua a nossa imaginação até aquele dia de sangue e de vida em que o Cristo foi imolado. Quando o assistimos em verdadeiro sentimento de fé e de compaixão, revivem em noss'alma as cenas dolorosas da sexta-feira

santa. E unindo-nos à penitência do Cristo, rezamos mais com o coração do que com os lábios o versículo do cerimonial: "Tende compaixão de nós, Senhor, tende compaixão de nós". A prece que murmuramos, brota, então, do íntimo do nosso ser, na manifestação do nosso sentimento, da nossa penitência, do nosso amor para com Deus. Que se aproveitem as graças da Quaresma. Que se pense no valor da alma, cujo preço é o sangue do próprio Filho de Deus. Que se faça a penitência que redime, vivendo-se o mistério da Paixão e Morte do Cristo, numa participação mui direta dos martírios que abateram-nO que deixou os esplendores da glória dos céus para sofrer e morrer pela salvação do mundo.

A IMPLANTAÇÃO DA CRUZ

Os profetas haviam anunciado que o Messias, aquele que devia vir ao mundo para salvar a humanidade de todas as agruras e de todo o pecado, seria coroado de glória e de honra.

Diziam que ele seria conquistador extraordinário das multidões, rei sublime dos mundos. Diante dele, todos os povos se prostrariam de joelhos, sentindo a majestade de sua grandeza, e admirando o esplendor de seu poder.

Teria esse Messias a terra por escabelo a seus pés; os astros formariam a sua coroa resplendente; seria o seu manto triunfal o azul dos céus e dos mares.

Mas, oh! decepção! Ilusória miragem de tantos séculos perdidos de espera inútil! Triste realidade de um anseio infinito! Dolorosa angústia de corações cansados de sofrer!

O homem que se deixara flagelar submissamente, que consentia em suportar humilhado o peso de uma cruz para nela morrer, que não tinha um gesto de revolta contra os seus sicários impiedosos, não podia ser o Filho de Deus há tantos séculos anunciado.

Não será possível que aquele ente desventuroso, escarnecido pela turba, conduzindo o instrumento ignominioso de seu suplício fosse na verdade o enviado dos céus.

Como poderia um Pai consentir no sacrifício, no martírio na dor sem tréguas de um Filho Dileto?

Como, sendo o Eleito de Deus, se sujeitava a passar por tantas degradações, a ser açoitado vilmente, a padecer os maiores insultos e

chufas de míseros mortais, a receber passivamente as chicotadas de seus algozes.

Não, não podia ser o Filho de Deus quem oferecia o espetáculo mais aviltante aos olhares sequiosos da multidão que viu sair do Pretório o infeliz condenado que a infâmia do Senedrim e de Pilatos entregava pusilânime à sanha dos judeus.

Não, não podia ser o Filho de Deus aquela pobre criatura fraca e incapaz de tolerar sobre seus ombros o madeiro que a sentença miserável entendera de impor-lhe, como se os seus julgadores quizessem mostrar às gentes estupefactas que não tinha realeza nem origem divina aquele que arrastava para o suplício o instrumento da própria morte.

Mas, oh milagre dos milagres!

Aquele lenho aviltante tornou-se o cetro do mais poderoso dos monarcas.

Aqueles dois pedaços unidos de madeira tosca não tardaram em ser o símbolo da redenção humana.

Aquele madeiro pesado converteu-se no alampadário do mundo.

Aquele instrumento de suplício passou a constituir o farol da esperança e da imortalidade.

Aquele patíbulo infamante mudou-se em estandarte glorioso desfraldado no país da santidade.

Aquela árvore da morte plantada no cimo do Calvário representa o candelabro imenso da teologia.

Aqueles braços abertos à contemplação do mundo são o grande livro da Fé ensinando a todas as gerações as verdades eternas do amor e do sofrimento.

Aquela cruz luminosa a irradiar bençãos é o trofeu vitorioso que há dois mil anos o Catolicismo vem sustentando e defendendo sem desfalecimento para levá-lo impoluto até a consumação dos séculos.

(1928)

EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

Treme de entusiasmo a alma dos católicos. É uma vitória da Fé. Na plagas verdejantes da Palestina, que assistiu emocionada, o combate da Mesopotamia e as vitórias sucessivas de Choroas II, espírito verdadeiramente anti-cristão, que rejeitou por muitas vezes o tremular da bandeira branca nos dobres alvissareiros da paz, para renegar a Cristo e adorar o Sol, realizou-se uma imponente manifestação de fé, a Cruz foi hasteada nas cumiadas brancas das cidades levadas aos ombros do herói Heráclio. Focas, romano de nascimento matara Maurício juntamente com seus dois filhos Choroas II, então rei da Pérsia, levado pelo desejo da vingança, declara guerra não só aqueles assassinos, trucidando-os a todos grandes e pequenos, mas também crucificando e prendendo nos cárceres denegridos de seu reino as hostes pacíficas dos cristãos. Mas do silêncio do céu, Deus vela pela porção que cultiva desassombradamente a sua doutrina.

Era o ano 627. Aparece a figura heróica de Heráclio, e armado com o escudo da cruz formando essa legião de bandeirantes da fé, marcha sobre as coortes inimigas, derrotando-as nas ruinas de Nínive. Rechassado o inimigo, pisa com firmeza o solo rubro de sangue e retomadas as cidades e as aldeias, restituida a liberdade aos pobres prisioneiros, retoma a cruz que recebera no peito o corpo sacrossanto de Cristo. Despida a púrpura régia, reveste as singelas investiduras da modéstia cristã, entra triunfalmente em Palestina, levando aos ombros o madeiro glorioso. Eis o histórico da data, que ora se celebra.

A cruz que se desenhara o céu, na vitória imortal de Constantino, esta mesma cruz foi o trofeu bendito da cristandade,

subjugada sob o poderio humilhante dos Persas. Mais um triunfo da cruz. Nos tempos primitivos, quando o paganismo dominava os impérios e as consciências, quando a fé se eclipsava nas trevas das catacumbas, nos anos que precederam à idade áurea do cristianismo, a cruz era o berço da ignomínia, o cadafalso dos criminosos, o castigo vingador dos culpados. Recordar o quadro emocionante do Calvário é uma prova soberba da minha afirmativa, onde ao lado da vítima inocente, pendiam também de uma cruz, dois conhecidos e cruéis bandoleiros. Hoje contemplamos o reverso da medalha. A cruz cintila no céu das consciências como fanal das esperanças, o canal bendito de graças e a fonte de imortais triunfos. A cruz é o ideal alcandorado da cristandade, nas agruras difíceis da vida. A cruz é o tesouro com que conquistaremos Deus, nossa única felicidade. O poeta latino, parodiando a suprema saudação dos gladiadores, dizia emocionado, **Ave o cruz morituri te salutant.**

Saudemos a cruz, que há conquistado para a Igreja glórias imarcessíveis.

Ave ó Cruz.

(1928)

À SOMBRA DA CRUZ

Já se vão escoados na ampulheta do tempo, vinte séculos de lutas constantes e supremos sacrifícios a bem da civilização e da fraternidade dos povos.

Quando, da maior e mais célebre tribuna, que já existiu, o divino Evangelizador da humanidade: braços abertos, como para abranger num amplexo imenso o Universo inteiro, lançava os princípios da paz na ordem e no amor, a misericórdia que oferecia para obliterar a turva nódoa do crime, devia constituir o penhor da graça e da felicidade social.

O Calvário era, na verdade, o cimo donde partira, numa eloquência de mágoas e sangue, esse novo e terno legado, que se destinava a apertar os laços de solidariedade entre todos os caracteres ainda os mais heterogêneos da espécie humana.

E o grito - **Vere filius Dei est hic** (Math. 27,54), que definira o Centurião, convencido à luz dos fatos, no momento supremo do grandioso sacrifício da Vítima divina, sintetizava admiravelmente a crença que devia justificar a esperança dos remidos.

A verdade, entretanto, há de ter sempre e em toda parte, esse cortejo de contradição que busca imergí-la nas trevas da dúvida, do erro e do crime. E como, do alto do Calvário, se confundia o amor com a ingratidão, a paz com a desordem, a esperança com o desespero, o riso com as lágrimas, a luz com as sombras, era de mister que, ao passo que os corações bem formados se abrissem aos doces eflúvios da graça que salva, os empedernidos lançassem de si a última (ilegível) o elemento precioso da paz dalma e da alegria do coração.

À sombra bendita dessa árvore sacrossanta, que tem dado aos povos, em todas as circunstâncias, franca e salutar acolhida, garantem-nos agora e sempre, o que a fortuna das nações, a espada dos guerreiros e a ciência do século não podem assegurar-nos, apesar das suas promessas contínuas e lisongeiras.

Busquemo-la, pois, com todas as veras da nossa alma, com toda a energia do nosso coração; e quando os nossos irmãos e filhos mais novos erguerem súplices os olhos, como perquerindo onde poderão deparar conforto no meio das tredas lutas da existência, e um bálsamo às máguas que nos acorrem de todos os lados, brademos sem respeito humano nem temor: -

Acolhei-vos firmes e resolutos - à sombra da cruz.

(1929)

SACRIFÍCIO DE AMOR

Nos mistérios da Incarnação e da Redenção, o amor de Deus para com os homens se revela de modo estonteante. Parece que depois de um Deus se fazer homem e padecer e morrer, não é mais possível qualquer manifestação de amor que sobrepuje tão profundos mistérios. No entanto, o que não nos é dado compreender não tem limites diante do poder e da caridade do Cristo. Jesus amou-nos até o fim. Aquele amor que lhe abrasava o coração revelou-se na véspera de Sua morte, numa antecipação que seria a perenização do seu sacrifício.

Idealizou o Cristo um meio de repetir o seu nascimento e de prolongar o Seu martírio através dos séculos. Às turbas anunciou que era o pão vivo descido dos céus, e quem comesse da Sua carne e bebesse do Seu sangue teria a vida com Ele e a vida eterna. Quem havia de supor que aquelas palavras se tornassem realidade na hora suprema de sua despedida, numa última Páscoa celebrada com os apóstolos? Não era, porém, aquela circunstância tão propícia às manifestações de um amor infinito?

Um amor que tem a seu serviço um poder infinito é capaz de realizar prodígios jamais imaginados.

Ao dispôr do Cristo estava Sua onipotência. Com uma palavra Ele criou os mundos. Com uma palavra criou também o mundo infinito de amor que é a Eucaristia. Sacrifício e sacramento, antecipação e perenização místicas do Calvário, a Eucaristia é Deus transformado em amor, ou o amor deificado. Abriram-se as cortinas que guardam o santuário da Divindade. Deus que é o supremo amor, revelou-se aos homens de um modo tão efetivo, tão humano, que resumiu a Incarnação

e a Redenção na Eucaristia, fazendo da mesa pascal e de todos os altares do mundo o Seu berço e Sua cruz, nascendo e morrendo misticamente, num profundo mistério de vida.

E não somente vive e morre nas aras sacrificiais. Dá-se aos homens em alimento, une-se às almas, transforma os corações em sacrários, comunica a própria vida ás consciência, através da presença real do Seu corpo, sangue, alma e divindade no sublime sacramento do amor.

EIXO MISTERIOSO

O "eixo"(para empregar uma palavra muito em voga) entre Belém e o Gólgota é a Divina Eucaristia. A Eucaristia completa o mistério de Belém.

Não há dúvida que naquela choupana humilde, pendida entre o verde da Palestina emanou uma luz nova que apagou as trevas do paganismo. E os homens se tornaram irmãos e, o que é mais, puderam reatar sua amizade com Deus, quebrada pela culpa de origem.

Entretanto, sem a Eucaristia, o mistério de Belém não seria senão uma recordação pálida, e hoje nós procuraríamos o Deus desaparecido dos homens, procuraríamos a luz da luz, perguntando à imensidade dos céus e perguntando como Madalena: "Onde está este Jesus"?...

Ao contrário, Jesus, descansando sua mão sobre nossa cabeça, nos diz: "Eu não sou uma recordação, uma luz apagada, longínqua, mas um ser real, vivo, docente; quem come a minha carne e bebe o meu sangue terá a vida eterna". O oprimido de Belém é o oprimido dos altares, e se uma estrela guiava os magos, representantes da humanidade, a Belém uma outra estrela conduz a humanidade para Deus.

Sem a Eucaristia, o Mistério do Calvário não seria consumado, nem Cristo, seria perfeitamente unido aos homens para formar com eles um único corpo de santos. A essência, o fim, a grandeza da humana redenção, é fazer de Jesus, incorporando-se pouco a pouco às almas dos remidos, seja tudo em todos.

Agora, esta plenitude, esta integridade do seu corpo em nós, como poderia adquirir Jesus com o simples mistério do Calvário? Nós teríamos Jesus que tudo redime, não Jesus que tudo incorpora e consome, e que por isso mesmo santifica. Sobre o Gólgota Jesus nos dá a graça a graça primitiva, enquanto que, na Eucaristia, nos dá a sí mesmo, o seu corpo, o seu sangue, a sua alma, a divindade. Se é certo que Belém e Gólgota são os dois "polos", o Filho de Deus eleva uma pessoa da humanidade, fazendo-a divina; pelo "eixo", extensão e prolongamento dos "polos", Ele eleva até sí, não só um indivíduo, mas a humanidade inteira, porque toma o corpo e a alma de quem o recebe.

Bendita, pois, seja sempre a Divina Eucaristia, porque por ela nos tornamos como tantos outros deuses.

(O jornal "A Ordem"- 1939)

SERÁ CONTEMPORÂNEA A PALAVRA DE CRISTO?

Quando Jesus Cristo proferiu o sermão da montanha, começou por estas palavras: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus". Analisando superficialmente essa máxima quer nos parecer que, levando-a em conta, o ideal das aspirações humanas deve limitar-se à renúncia maior dos bens terrenos. A quem as auras da fortuna bafejaram, parece obrar bem desfazendo-se delas, enquanto aquele, que na pobreza se arrasta, nem por isso deve afligir-se.

Encarando porém a realidade da vida divisamos entre cristãos, aliás bons e convencidos apenas algum que proceda de acordo com o programa do sermão da montanha. A aspiração do pobre é ser rico, e o rico não se sacia enquanto lhe resta um átomo de vida...Deveras parece impossível aceitar como programa dos tempos hodiernos o sermão da montanha com suas exigências de pobreza, mansidão e idéias pacifistas.

Este conceito corrobora-se ainda trazendo à baila outras máximas do divino doutrinador. Assim Jesus Cristo admoesta-nos: "Não andeis cuidosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo que vestireis". Mas se justamente este é o maior cuidado, a mais solícita preocupação da vossa vida! Já ao rapazote prega-se diariamente: é necessário que aprendas alguma coisa para ganhar o teu pão! E para a maioria dos homens é o cuidado do pão quotidiano justamente o primeiro para muitos desgraçadamente o único móvel de seus afãs.

"Não cuideis" diz Jesus Cristo, mas estas palavras haviam de transformar-se em pesadelo para nós, se a disséssemos a um pai de família sem trabalho, a quem os filhos pedem pão e que não sabe donde

arrancá-lo... ou se as proferíssemos diante de uma pobre e desventurada viúva, que apetece um retalho de pano para vestir uns filhinhos quase nús, procurando porém em vão diante de quem se ajoelhar.

"Não cuideis"... Ide dizê-lo aos deserdados e desafortunados a quem o mundo cospe, e heis de melhor compreender, se bem que não aplaudir, o que muitos já perguntaram, se estas e semelhantes sentenças não foram proferidas diante de homens e povos que viviam debaixo de um sol mais feliz, diante dos homens daqueles tempos que desconheciam a luta gigantesca social dos nossos dias, e se não se abriu um abismo profundo entre aquela veneranda e santa doutrina e a que se impõe ao homem moderno.

Cristo disse: "Se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra". Então essa palavra de uma agudeza quase paradoxal ainda voga para o homem de hoje? Tem ela valor ainda num tempo em que o homem tanto industrial como comercial se vê na dura contingência de responder à cada golpe de seu competidor com um outro golpe, ou de dar-se por vencido e atirando fora da arena?

Cristo disse: "Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem". A mão do coração, para quanto dos homens hodiernos esta palavra tornou-se vã, morta mesmo?

Cristo disse: "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus". Franqueza! Cabe isso na cabeça dos nossos contemporâneos? Não! É esta uma das palavras que se despacham com o rótulo: Exagero - Hipérbole, e que não guardam mais nos nossos tempos modernos.

Cristo disse ainda: "De que serve ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" Por faltar completamente a compreensão genuína desta palavra, a mentalidade de hoje deu uma explicação toda **sui generis**. Ei-la: Nestas apalavras "De que serve" vai compilado o programa autêntico da antiga teocracia e do clericalismo moderno. Haja religião e mais religião e por último religião! Em parte nenhuma compreensão da realidade da vida e de suas necessidades. Externamente o extasiado fitar de um além mundo, de um mundo de sonhos, acompanhado de um almejar sempre crescente do místico e santo lucro, sem a menor compreensão da luta pela vida e pelo caminho a que debaixo do sol temos direito.

De fato é esta a doutrina que muito convém ao homem dos nossos dias, porque na refrega pelos seus interesses materiais vêem na religião um lastro que lhes dificulta o rápido vôo para as culminâncias da riqueza. Forjam então sua moral privada, melhor se diria

estrambótica, que com um olho namora com o demônio e, se o tempo permitir, com o outro com Deus.

Mister se faz tirar esses mal entendidos acerca das máximas evangélicas perenemente verdadeiras e explicar-lhes a significação verdadeira pois ainda em nossos dias a palavra de Cristo é contemporânea. "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar".

(1926)

SERÁ CONTEMPORÂNEA A PALAVRA DE CRISTO?
(Conclusão)

Todas aquelas palavras e sentenças tão claras - e inequivocamente dirigidas contra a riqueza, evidentemente e mui particularmente em nossos dias conservam seu valor e sua significação.

Nem se diga que na época em que Jesus Cristo vivia e ensinava, as riquezas eram o fruto de desonestidade e fraude ! Querer argumentar a aparente rigidez das máximas de Cristo e, com especialidade o "Vas vobis - Ai de vós, ó ricos!" desta forma, seria uma solução um tanto disparatada e arbitrária. Não! Não é com remoques que se deve explicar a divina palavra, mas sim penetrar-lhes a significação autentica, aquela que Jesus Cristo nela encerrou.

Cristo não condenou a riqueza em absoluto, mas somente enquanto ela possivelmente venha transformar-se em impecilho na jornada da vida eterna. Está a prova disso na parábola do homem a quem o senhor confiara cinco talentos. Chegou ele, pelo seu trabalho e sua indústria, a duplicar este capital e foi pelo Senhor louvado. Confirma-o ainda esta outra palavra de Cristo: "A qualquer que tenha, será dado e terá em abundância".

É partindo deste ponto de vista que devemos confrontar a doutrina de Cristo e todo o Cristianismo com a atividade e os cuidados puramente terrestre. São cinco princípios básicos sobre os quais se levanta a doutrina de Cristo formosamente entrelaçada e irmanada com as grandes necessidades da vida. Ei-los:

1- O maior e mais precioso bem do homem não é a riqueza e o haver, mas sim sua alma imortal. Confrontando-a com todos os bens da

terra, estes perdem seu valor e de nada servem se a alma de que os possue se condena, se o homem, absorvido nas gavetas de seu cofre, por cima dele não enxerga mais os campos verdejantes da pátria bemaventurada e que o único repicar de sinos, que ainda toca seus ouvidos, é o tilintar do ouro e da prata.

2- Todo cuidado terreno torna-se estéril quando deslocado por completo do destino do homem. A palavra "Não cuideis" precisa para o seu perfeito entendimento dessa outra: "Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça e tudo mais se vos acrescentará". Sim, no dia em que o reino de Deus com seu ideal de justiça e de amor, vier a reinar integralmente entre os homens, no seu cortejo trará solução da questão e da miséria social.

É disso que não pode haver dúvida ainda entre os mais enraivecidos inimigos do catolicismo. Não digamos pois "Que comeremos e beberemos", digamos antes: o que é cada um de nós tem que fazer, para que a justiça e o amor voltem ao seio da humanidade, dando a cada um o que seu fôr, para que todos possam viver, vestir e abrigar-se de um modo condigno à sua dignidade de homem. Numa palavra, lembremo-nos que a questão social não é somente uma questão de pão mas que ele também tem o seu lado ético e moral.

3- Toda luta entre os homens cujo único alvo é o aniquilamento do concorrente, é inspirada pelo gênio do mal. Aquela assombrosa palavra "Se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra" não quer dizer, tenha a paciência de Job e deixa-te pisar e esmagar. Não! ela quer dizer apenas, não pagues com a mesma moeda o mal que se faz. Antes sofrer duas vezes a injustiça de outrem do que uma só vez pagar injúria com injúria.

4- É indispensável prestarmos nossos socorros aos irmãos necessitados. Encontrando um pobre semi-nú, dê-lhe do que de supérfluo tens, pois não é altruístico, não é cristão tu conservares teu guarda-roupa abarrotado enquanto uns miseráveis, nús ou maltrapilhos, pedem e clamam no deserto.

5- Não percas de vista os imensos perigos que acompanham a corrida após as riquezas. Riquezas pode ser um cavalo que sem perigo puxa a carruagem da vida humana, contanto que o homem não lhe afrouxe as rédeas e que não enverede por caminhos errados, mas siga a estrada real que só conduz ao termo da jornada. Riqueza também pode ser uma matilha de cães que persegue o homem até que caia exausto, morto. Riqueza com sua voz de prata cochicha aos ouvidos de seu namorado: Para que queres tu Deus, se eu te forneço tudo o que teu

coração pode desejar?... Para que importar-se com a miséria e desgraça alheia, se eu te abrigo contra o infortúnio?... Para que almejar a ventura do além túmulo, se eu te acaricio e no meu cortejo trago o que te embevece os sentidos?... E muitos embalam-se e adormecem aos sons maviosos dessa sereia e só acordam ao som agudo e penetrante dessa outra voz que lhes brada: "Insensato! ainda esta noite pedirei tua alma".

Pergunto eu agora se mudamos alguma coisa nas palavras e máximas de Cristo? Não! Deixamo-los brilhar em todo o seu fulgor e esplendor, analisando seus revérberos não à luz da descrença, do ceticismo ou racionalismo, mas pelo prisma puríssimo da razão, da alma inteligente e crente, da centelha divina que Deus cravou no nosso peito qual brazão da nossa nobreza e fidalguia.

E ao terminar estas linhas, violentados, os joelhos em terra e os olhos comovidos fixos na estrelada imensidade do espaço, reverentes os nossos lábios balbuciam: "O céu e a terra passarão, mas as tuas palavras, Cristo, não hão de passar".

(1926)

HÁ DE VIR

O reinado social do Cristo, na terra, é uma realidade sem contestação possível. Em todos os corações essa realeza existe. Em todas as almas essa soberania impera. Em todas as consciências essa majestade domina.

Assim como não há duvidar da força desse poder nos indivíduos, nem do prestígio desse valor real entre os povos de todas as raças, também não haverá suspeitas quanto à sua implantação em toda a ordem social.

O seu prodigioso ascendente se há de fazer sentir em todas as instituições. Nenhuma organização prescindirá de sua influência. Nenhuma atividade pública deixará de receber os influxos de tão salutar estímulo. Toda ação refletirá à sonoridade que dimana desse poderoso elemento de ordem, de paz e de progresso.

Há dezenas de séculos desfilam no cenário da humanidade vultos proeminentes, figuras que empolgam, nomes que enchem toda uma época, personalidades que se avantajam em mérito e em heroísmo.

Mas tudo passa sobre a terra.

O indiferentismo e o esquecimento, a pouco e pouco, sepultam sob a poeira do passado as glórias efêmeras dos guerreiros, o brilho passageiro das vitórias, os triunfos da ciência, o esplendor do poder, a maravilha da sabedoria, a sublimidade épica dos mais valorosos feitos.

Só Jesus Cristo é invejável através dos séculos. Só Ele suplanta o indiferentismo. Só Ele tem conseguido marcar com o selo da divindade a história mais bela das gerações sem conta. Só Ele se sobrepõe às ingratidões humanas. Só Ele triunfa sobre a infidelidade.

Só Ele confunde com a Sua bondade e o Seu amor os próprios inimigos. Só a Sua palavra permanece imutável no cortejo dos tempos para as conquistas do bem. Só os Seus ensinamentos não sofrem as mutações que os homens se comprazem em imprimir a tudo quanto é da terra. Só as Suas lições não têm eclipses, fulgurando sempre como centelhas que aclaram a mente para os mais erguidos cometimentos.

Seu Amor é maior que todos porque abraza todos os corações.

Pelo amor, Ele vence, Ele domina. Ele reina. Ele impera. Por Seu Amor se vive. Por Seu Amor se morre.

Conquistador sublime, diante do Seu trono se curvam todas as coisas.

Rei dos reis, rendem-lhe homenagem de respeito e gratidão falanges intérminas de milhares de gerações.

Seu reinado completo sobre a sociedade há de vir como já se anuncia e se pressente.

Seu reinado sobre a totalidade das raças há de vir sem distinções e sem classes como já se pronuncia visivelmente vitorioso.

Seu reinado há de vir inteiro como um abraço fortíssimo enlaçando todas as criaturas.

Seu reinado há de vir porque assim o querem os povos, assim o exigem os anseios de nossos peitos abrazados na Fé que ilumina, na Fé que dá coragem, na Fé que conduz à perfeição.

Seu reinado há de vir abrangendo todas as instituições, toda a ordem social, todas as camadas poderosas, porque sem essa influência debalde tentarão manter-se ou se esforçarão por aguentar-se os que acreditam demais na frigilidade humana ou pensam que a sinceridade volúvel das gentes é incapaz de corromper-se no meio das ambições que nos cercam.

O reinado social de Cristo sobre tudo e sobre todos há de vir por força das circunstâncias, pela lei natural das coisas, pela evolução dos princípios, pela sucessão dos tempos, pelas necessidades da vida.

Deus o quer.

Há de vir.

(1928)

PARA O CALVÁRIO...

Após o infinito percurso de dois mil anos, ainda esse pesar renasce vivo, como se agora mesmo fosse produzido, e a emoção dos que a relembram na sinceridade de fé e do seu amor pelo Cristo, vibra-lhes intensamente na sensibilidade, na alma e no coração, como se pela primeira vez assistissem à tremenda tragédia do Gólgota.

A cena ressurge vívida à recordação do inenarrável suplício.

Descem como pequeninos rubis, as gotas do sangue precioso à fronte iluminada e bela, como implácido céu estrelejado, cingida da coroa irônica de lancinantes espinhos; as rótulas dilaceradas pelas quedas, em marcha da penedia sinistra, a boca exangue e luminosa entreaberta aos haustos extremos a uma asfixia que o oprime sob o peso do lenho descomunal, vai selar com a vida de exemplos e milagres a redenção do homem.

Toda a imensa dor humana, refulgente nesses belos olhos doces e claros, como sóis longínquos e melancólicos, pesava-lhe mais aos ombros marmóreos e sagrados, que o áspero madeiro que conduzia.

E por toda parte por onde aquela dor universal passava, assinalando de sangue precioso as estações que se repetiam às forças exauridas ao próprio espírito divino, para gáudio do ódio e da perversidade ingênitos, a piedade, a complacência, o perdão e o Amor ia semeando para frutificação do Bem e da Virtude.

Era a Verdade que, do cimo da penedia sagrada, na convulsão dramática do universo, no trágico e tremendo protesto da terra e dos céus, em face da insensatez humana ia irradiar-se, maravilhosamente, pelo mundo!

E após milênios passados, interroga a dúvida vencida à evidência dos fatos:

Que Homem tão excepcional é este que, após vinte séculos do seu negregado suplício, ainda arrasta após ele, multidões inumeráveis e silenciosas, numa compunção profunda e sincera, comovida e lacrimosa?

Que Homem é esse, que todos, moços e velhos, mulheres e crianças, cultos e bárbaros lhe sabem a história magnífica, única entre todas, na grandeza emocional dos seus atos, atitudes e ações?

Que estranha Criatura é essa, que todos lhe sabem o nome, o nascimento e a morte?!

Que Sobre-humano é esse, que através a profunda mutação de séculos e séculos, reúne em torno de sua fé, de sua doutrina e de exemplos todas as raças e todos os povos da terra?!

Que Entidade tão extraordinária é essa que agita a ciência, a sabedoria e o pensamento humano e desperta em volta de sí mesmo toda sorte das mais arrojadas hipóteses e audaciosas conclusões, para deixá-los, afinal, perplexos, indecisos, confundidos e postulantes da suprema evidência de sua divindade?!...

....

É que Ele incarnara o sentimento humano nas suas aspirações de justiça, de perdão e de amor, de fé e de paz, de bondade e de esperança...

O FILHO DO ETERNO

Em meio ao maremagno das opiniões que se entrechocam, filhas da ignorância, da rebeldia ou do ódio, a divindade de Jesus resplandece aos olhos da razão iluminada pela fé. Ele é realmente o Filho do Eterno. Bem o afirmara Pedro.

Quando o Mestre conversava na intimidade com os apóstolos e lhes perguntara o que se dizia de sua pessoa, contaram os discípulos que uns O tinha como Elias, outros, como Batista, outros, ainda, como um grande profeta. Quis Jesus saber o que pensavam eles e perguntou: E vós, o que dizeis de mim? Pedro, inspirado pelo Pai Celeste, exclamou: Tú és o Cristo Filho de Deus vivo.

O Messias prometido e esperado era o Deus Eterno a cuja voz os mundos acordaram um dia. Era o Verbo Infinito, o pensamento de Deus, a segunda pessoa da Trindade, humanizada no seio castíssimo de Maria, sem perder os traços da divindade. Em sua pessoa concentravam-se as naturezas divina e humana. Fizera-se homem para restaurar pelo sacrifício de sua morte, a harmonia da criação, desfeita pelos pais do gênero humano. Sua incarnação era um mistério, inacessível, como tal, à razão, mas, nem por isso, contrário à inteligência. Mistério profundo, consequência de um outro - o pecado original.

Se há tantos mistérios na natureza criada, se os sentimos dentro de nós e em volta do nosso ser, se eles nos cercam desde as faixas do berço às mortalhas do túmulo, como não os haverá em a natureza incriada, nas coisas de Deus, na vida sobrenatural?

Longe de nos humilhar, os **mistérios de Deus** exaltam a nossa razão, pela fé. Quantos mistérios na incarnação do Verbo Divino! Uma

Virgem que se torna Mãe, sem que as glórias da maternidade façam desaparecer as da virgindade; um Deus que se humilha, tornando-se criatura, sujeitando-se às fraquezas e aos sofrimentos da natureza humana; um crime de lesa-divindade que começa a ser reparado, completando-se, mais tarde, a reparação com outro mistério, continuação do primeiro - a Redenção.

A lembrança dos prodígios que envolvem o berço do Cristo proporcionam à humanidade, além do mérito da fé, o sublime ensejo de abismarem-se as almas no amor infinito de Deus, fortalecendo a crença na pessoa e na missão do divino Mestre.

Não basta aceitar a divindade do Messias, crendo na sua pessoa. É preciso também acreditar na sua missão, aceitando os seus ensinamentos. É preciso crer em Cristo e crer à Cristo. Contrasenso seria admitir que Ele e o Filho de Deus-Vivo e não se escutasse a sua voz, não se seguissem os seus ensinamentos, não se trilhassem os seus caminhos. Seria conhecer e precisar da luz e viver nas trevas, seria olhar as fontes da vida e sentir necessidade de se abeberar das águas e se deixar morrer de sêde.

Diante das provas mais evidentes que se conhecem da divindade de Jesus Cristo, diante dos caminhos de salvação que Ele veio abrir, convidando-nos para a jornada da bemaventurança, acompanhando os nossos passos com a assistência da Sua Igreja, alimentando as nossas almas com a luz da verdade e com a graça dos sacramentos, nenhum homem pode, em sã consciência, despreza Aquele que creio trazer ao mundo a salvação e que desde o momento em que apareceu o berço do presépio já parecia dizer o que mais tarde pregava às multidões: Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

(Do Jornal "A Ordem")

O MESSIAS

Aos seus discípulos João Batista havia apresentado o Cristo, às margens do Jordão, dizendo-lhes: Eis o Cordeiro de Deus.

Das frias prisões do palácio de Herodes, o Precursor mandou os discípulos a Jesus, para que eles sentissem que o grande Taumaturgo era o Messias prometido. Aproximando-se do Mestre que pregava às turbas, os enviados do Batista perguntaram: Tu és Aquele que há de vir? E Jesus respondeu: Diz a João que os cegos vêem, os aleijados andam, os mudos falam, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam. Resposta admirável que demonstrava cabalmente a messianidade do Cristo.

Os povos aguardavam Aquele que havia de vir. As profecias diziam como Ele havia de aparecer no mundo, operando milagres, confirmando com fatos sobrenaturais os seus ensinamentos.

Agora, aquele profeta atraía multidões de cegos e aleijados. Não podia haver mais dúvida, era o Messias. Bastava consultar as Escrituras. Um simples homem não podia fazer cumprir em sua pessoa tantas coisas que se disseram a milhares de anos. Se os profetas haviam falado tão claramente dos prodígios que ele operaria, alí estavam as grandes provas de sua divindade, na manifestação mais completa do seu caráter messiânico.

Provas outras daria ainda o Cristo da sua divindade. Ele iria ressuscitar, depois da morte ignominiosa na cruz, reedificando o templo do seu corpo, esmerando o efêmero triunfo dos príncipes dos sacerdotes e fariseus que o levaram ao monte das crucifixões. O milagre de sua ressurreição seria o grito de vitória dos portadores do seu Evangelho, os quais anunciando o Cristo redivivo, exclamariam em S. Paulo: Se o

Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé. Ele transmitiria aos seus apóstolos o poder de perdoar os pecados e de fazer milagres também. Seria também profeta, e os .homens haviam também de presenciar, dentre em breve, os mistérios de sua paixão e morte, e, mais tarde, a destruição de Jerusalém e a dispersão do povo judeu. Ele assombraria o mundo o mundo com a pregação de sua palavra, feita por doze homens sem conhecimento, ignorantes pescadores transformados em apóstolos, palmilhando a terra desconhecida, enfrentando a fúria sangrenta dos Césares. Fundaria uma Igreja, corpo místico do qual seria a cabeça, rocha indestrutível da verdade, barca maravilhosa que pairaria sobranceira nas águas tempestuosas das paixões humanas. Transformaria o mundo, pela revelação, dando aos homens uma civilização nova.

Aos que se interessam pelos seus destinos eternos, aos que não limitam a vida que atormentam e aos prazeres que morrem, aos que pensam, aos que refletem, aos que estudam, aos homens que são homens e não simples animais apegados à terra, o Cristo se apresenta como autróra aos discípulos do Batista. Os grandes milagres aí estão, repetidos todos os dias, claros, evidentes. Basta examinar de perto a Jesus Cristo, na sua vida anterior ao seu nascimento, na vida de expectação, anunciada, profetizada, esperada ansiosamente; na sua vida terrena, demonstrando com fatos extraordinários que era o Filho de Deus, fazendo cumprir em sí as profecias; na sua vida secular, através da sua Igreja - milagre perene, tanto mais perseguida quanto mais triunfante. E ver-se-à claramente que Ele é o Messias, o Salvador, o verbo Eterno feito carne.

("A Ordem" do ano de 1937)

O GRANDE DESCONHECIDO

Apesar de universalmente esperado, o Messias apareceu no mundo como um desconhecido. Poucos os que O adoraram em seu berço de palhas.

Mais tarde, depois da pregação do Evangelho, quando Ele já havia realizado os mistérios da sua Paixão e morte pela salvação do mundo, o apóstolo São João escreveu que os homens não O conheceram.

Aquela atmosfera de ignorância que cercou a pessoa do Cristo ainda continua a envolver a figura divina do Mestre. Jesus continua a ser o grande desconhecido.

Os portadores do Evangelho levaram o Cristo por toda parte.

Há vinte séculos, a humanidade vive a sua doutrina. Até mesmo os seus inimigos sentem, sem querer, inconscientemente, a influência dos seus ensinamentos.

Como, então, é Jesus um desconhecido? Não é a figura mais universal da história? Não é em seu berço que morrem as idades antigas e nasce a nova era que regula a cronologia dos povos? Não gosa a sua Igreja dos fóros da catolicidade? Não se erguem por toda parte, em sua honra, templos magníficos, catedrais majestosas, formosas basílicas? Não palmilham todas as estradas os arautos do grande Rei? Como é, então, o Cristo um desconhecido? O que parece paradoxo tem a sua razão de ser. Por que falta paz no mundo? Por que se digladiam os homens nas guerras terríveis dos ódios e das ambições? Por que a luta de classe a dividir a humanidade? Por que a decadência da família, conseqüência natural da desmoralização dos costumes? Por que o rebaixamento do indivíduo que se nivela aos brutos, que mergulha no materialismo grosseiro, esquecido de sua origem divina e dos seus destinos imortais? Por que se desconhece o Cristo? Por que o mundo vê o Salvador apenas superficialmente,

conhecendo-O de longe. Poucas as almas que se aprofundam nos abismos luminosos do conhecimento do Mestre.

Há almas de escol, espíritos de eleição que antegozam na terra as delícias do céu. E se elas não existissem por toda parte e em todos os tempos, o mundo já teria se destruído a si mesmo, esboroando-se em convulsões de morte.

Mas quão pequeno é o número dos que se deixam fascinar pelos clarões da graça, dos que seguem a estrela, como os Magos e os pastores, dos que investigam, dos que se interessam, dos que estudam, dos que perguntam, dos que buscam até encontrar, como os reis do Oriente na cidade de Jerusalém.

Faltando o conhecimento de Cristo, falta, igualmente, o amor ao Cristo. Não é possível amar o que se não conhece. Essa a razão porque o Salvador não é amado como deve sê-lo. Faltando o amor do divino Mestre ao indivíduo e à sociedade, o mundo não pode oferecer espetáculo diferente do que se desenrola no grande palco da história.

Antecedendo o conhecimento ao amor, torna-se o Cristo conhecido.

A prontidão com que os pastores atenderam às vozes dos anjos que lhes anunciaram o nascimento do Messias, e a solicitude e o interesse com que os Magos se puseram a caminho para visitar o berço do Deus-Infante sirvam-nos de estímulo, aprendendo nós, dessas lições magníficas, como devemos nos deixar guiar pela estrela da fé, procurando nos aproximar do Cristo, desejando conhecê-lo, realmente, estudando sua pessoa, sua doutrina e seu amor.

(A Ordem, 1937)

DE LUTO

Quem entra agora em nossas igrejas vê os santos cobertos de roxo. Por que razão se envolvem as imagens dos altares em panos violáceos? Desde o início da quaresma, a Igreja vem chamando nossa atenção para o espírito da penitência de que nos devemos revestir, preparando-nos, assim, para comemorar os mistérios da Paixão e Morte do Salvador. Desde a quarta feira de cinzas que a liturgia fez retirar as flores dos altares e pôr nos ombros dos sacerdotes a casula roxa, no santo sacrifício da Missa. Agora, começando a semana da Paixão, a Igreja antecipa o luto pela morte do Redentor, envolvendo de roxo as imagens, para nos fazer compreender como se há de entrar na grande semana que se aproxima.

É com a alma de luto que devemos relembrar os mistérios dolorosos do Calvário.

Enlutou-se a natureza inanimada, quando o Cristo expirou na cruz. A natureza racional, inteligente, regenerada pela pela graça não pode ficar indiferente ao sacrifício do Homem-Deus.

Todos os anos, repetindo as comemorações que revivem os mistérios do Gólgota, a cristandade enluta os corações, fazendo uma estação ao pé da cruz do Salvador, meditando no que se passou há vinte séculos e nas causas que determinaram a morte de um Deus.

Na luta pela vida material, despreocupa-se o homem com a vida que começa com a morte, com os seus destinos eternos, com os benefícios que lhes trouxe a Redenção.

Nesta estação que se faz ao pé da cruz de Nosso Senhor, nossa parada necessária para refazer as energias espirituais que se gastam no caminhar pela existência em fora, a alma entra em si mesma, reflete

examina a consciência, arrepende-se do passado, toma resoluções para o futuro, e reinceta a caminhada.

Compreendemos a luta da Igreja. Cumpre-nos, porém, tomá-la para nós, aplicá-la às nossas almas , revestindo-nos desse espírito de penitência necessário ao nosso bem, à tranqüilidade do nosso espírito, à paz do nosso coração, à certeza da nossa bemaventurança.

Do alto da sua cruz, contemplando-nos aos seus pés, na **visão dos séculos**, Jesus nos fala mais intimamente nestes dias, repetindo aquela frase com que reprovou a incredulidade dos fariseus: "Se vos digo a verdade, porque não acreditais"?

Ele é o filho de Deus feito homem.

As profecias que se cumpriram em sua pessoa e os milagres que realizou comprovam sua divindade. Afirmando que é Deus e invocando o testemunho dos milagres, tem direito de nos censurar, de perguntar pela nossa vida cristã, pela prática dos mandamentos, pela nossa fé. Desafiando a que se lhe aponte um pecado, perguntando porque não a pomos em prática. A frase do Mestre deve os encher de confusão. Deve nos envergonhar. Entre não aceitar a verdade e aceitá-la sem a praticar não há diferença. A fé sem as obras é morta, diz o apóstolo São Paulo. Quando em nossa consciência aquela interrogação o Cristo espera que lhe falemos. Que lhe diremos nós cristãos salvos pelo seu sangue, purificados pelo batismo, alimentados pela sagrada eucaristia? Estaremos capazes de responder que cremos na sua doutrina, que obedece à sua Igreja, que trabalhamos pela própria santificação, cooperando com a graça? Poderemos dizer que não é morta a nossa fé, que não somos pusilânimes, que não temos respeito humano, que ouvimos Missa aos domingos e dias santos que nos confessamos e comungamos, que amamos o nosso próximo?

Façamos a parada ao pé da cruz.

.Ouçamos o Cristo. Enlutemos os corações, pelo espírito da penitência que necessitamos sentir durante estes dias em que mais revivem os mistérios dolorosos do Calvário.

("A Ordem - 1939)

A VISÃO DOS SÉCULOS

Do alto do seu trono de dores, com a cabeça coroada de espinhos, o Rei Imortal dos Séculos contempla no desenrolar das épocas as gerações que passam. O Cristo agonizante mergulha o olhar no futuro e vê os benefícios da Redenção se derramando pelas almas, em catadupas de amor. Vê, também, com grande tristeza, muitos corações fugindo à luz da misericórdia, preferindo as trevas atirando-se aos báratros da impiedade e do ódio, que são a antecâmara do inferno.

Aquelas cenas do Calvário haviam de se reproduzir através dos tempos: um facínora que se arrepende, outro que morre no pecado; soldados que batem nos peitos, confessando a divindade do Crucificado, fariseus que blasfemam, almas piedosas ao chorar ao pé da cruz, algozes a fazer sofrer a vítima inocente.

No desenrolar das idades, multiplicar-se-iam as almas piedosas, os discípulos diletos, os centuriões e os pecadores arrependidos. Não faltariam, porém, a fazer sombra no quadro, os algozes do Cristo, os fariseus de todos os tempos, os que morreriam blasfemando, desprezando a graça.

Na visão dos séculos Jesus sente a dor profunda que lhe causa a perda de tantas almas. É doloroso demais para o seu amantíssimo coração a inutilidade de seu sangue para tantos filhos por quem morre. Pastor Eterno que empunha o báculo para a marcha à frente das ovelhas, levando-as às divinas pastagens, aos apriscos da bemaventurança, sente a mágua de ver muitas delas cair nos precipícios ou se emaranhar nos espinhos, onde encontram a morte.

Perversão da liberdade! Como se abusaria deste dom celestial, utilizando-o para desprezar o Cristo, para se blasfemar contra a Sua divindade, para se crucificar outra vez o Redentor!

Chamando o homem para a bemaventurança, Deus não lhe tira a liberdade. Espera que ele atenda o chamado, que coopera com a graça. Ao envez de se aproveitar do benefício, muitas vezes o homem dele se serve para o crime, para a desobediência à lei, para o desrespeito a Deus. e depois de uma vida cheia de maldades, depois de renunciar a essa mesma liberdade, tornando-se escravo dos vícios e das paixões, atira-se para todo o sempre nos abismos que foram criados pela justiça eterna para a punição dos renegados.

Nas vésperas da Semana Santa, devemos voltar o pensamento para o Calvário. E nos lembrar de que Jesus nos viu do alto da cruz.

A que grupo estamos pertencendo? Cada um de nós sabe, interrogando a própria consciência, se faz parte das almas piedosas, se está ao lado dos arrependidos, ou se continua a blasfemar contra a divindade, como os fariseus e príncipes dos sacerdotes, fugindo à influência do Cristo, aos Seus ensinamentos, às suas leis morais, tendo de cristãos apenas o caráter batismal, vivendo indiferente às obrigações religiosas, esquecido do céu, sem temer o inferno.

Na visão de Jesus, não teremos nós amargurado Seu divino coração, naquela tarde do seu martírio? Não terá Ele nos visto abusando da liberdade, empregando-a a serviço do mal? Que nos responda a consciência.

(A Ordem - 1939)

DE BRAÇOS ABERTOS

Não foi sem propósito que o Cristo se deixou crucificar. Sua atitude no alto da cruz, de braços abertos entre, o céu e a terra, tem particular significação. Ele quis, naquele instante supremo, abraçar a humanidade que redimia, num amplexo todo de amor e de misericórdia. O coração que se compadecera das turbas famintas que O acompanharam até o deserto, e que saciará a fome daquela gente, com o milagre da multiplicação dos pães, tinha agora uma compaixão universal, extensiva a todas as gerações, remontando às eras do passado, abrangindo o futuro. Não seriam apenas cinco mil pessoas que saciariam da fome, com os pães e os peixes multiplicados. A milhões e milhões de almas seria distribuído um alimento novo, alimento que imortalizaria para a eternidade. Este alimento era a verdade, consubstanciada na doutrina da religião que fundava, no reino de Deus que estabelecera, nos sacramentos que seriam perenes fontes de graças, principalmente naquele que instituíra na véspera de morrer, antecipando o sacrifício do Calvário - a sagrada Eucaristia.

Apiedando-se dos filhos de Adão, Ele os receberia nos braços, apanhando-os da miséria do pecado, em que jaziam. Num amplexo de bondade infinita, estreita-lo-ía contra o peito, para que todos sentissem mais de perto o pulsar do Seu coração.

É o que faz o Cristo crucificado. Realiza a atração das almas pelo amor simbolizando naqueles braços abertos que querem se fechar sobre todos nós.

Infelizmente, porém, para muitos, Jesus é um incompreendido. Há tantas almas que fogem ao Seu amplexo salvador! Há tantas que O olham com indiferença, e até com desprezo!

Jesus, no entanto, não muda de atitude. Quer O amem quer O insultem, as chamas do Seu amor estão sempre ardentes, porque são eternas. Quando recebe os pródigos em Seus braços, não lhes pergunta pelo passado, não lhes fala dos crimes que cometeram, mas alegra-se como o bom pai de família, manda preparar festins de regosijo, e se os recebe na última hora de vida, diz, inspirando a mais absoluta confiança: "Hoje estarás comigo no paraíso".

Preparando-nos para comemorar os mistérios da paixão e Morte do Salvador, na próxima semana olhemos de perto o Cristo crucificado. E procuremos compreende-LO. Contemplando o Deus humanado que morre por nós, sintamos o abraço que Ele nos dá. Atiramo-nos aos seus braços, deixemos que Ele nos aperte o coração. Jesus tem compaixão de nós e nos recebe como o pai recebeu o pródigo, e nos perdoa como perdoou o bom ladrão. Preparemo-nos para a reconciliação com Ele, no tribunal da Penitencia, no sacramento da Confissão. E aguardemos o momento feliz em que nos vai abraçar dentro do coração, passando-se da cruz para o nosso peito, na sagrada comunhão que devemos fazer na semana santa.

(Do jornal "A Ordem")

RECONCILIAÇÃO

O sacrifício do Calvário teve por fim reconciliar a humanidade com Deus. O primeiro pecado quebrara os laços da amizade entre o Criador e Sua criatura privilegiada, feita à Sua imagem e semelhança, cavando um profundo abismo entre o Ser supremo e os homens. O Cristo venceu esse abismo, reatou o amor que se partira, religou a terra ao céu. Seu martírio pagou a Justiça Eterna a dívida infinita que havíamos contraído.

Tornou-se o Salvador o traço de união entre Deus e os homens, a ponte que nos dá passagem à eternidade feliz. Sem Ele, não é possível conseguir a vida eterna.

Para tornar eficiente a reconciliação que para nós alcançou, Jesus nos comunica os méritos da Sua paixão, convidando cada um em particular a se aproveitar do benefício de que nos oferece.

O aproveitamento da redenção é a conquista do céu, pelo reconciliação de cada um de nós com o nosso Deus. Nessa reconciliação está a paz da consciência, ao lado de uma firme esperança nas divinas promessas, de par com um amor que chora o passado, na contrição das faltas cometidas, e que santifica o presente e o futuro, pelo desejo de fidelidade até à morte.

Esse aproveitamento do sangue do Cristo sacrificado, essa reconciliação com o Criador, essa paz de consciência, a esperança da vida eterna, o amor infinito que abrasa os corações, Nosso Senhor os guarda no sacramento da misericórdia, que é o tribunal da penitência.

Vencido pelo tentador, ferido de morte pela impiedade, pela dúvida, pelos vícios e paixões; arrastado na correnteza dos males, com a inteligência a nuviada e a vontade entorpecida, o homem sente a **tristeza de viver**, porque por mais que procure felicidade e paz, só encontra

remorso e tédio naquilo que o fascina e que o escraviza, e que é, na realidade, apenas ilusão que se desfaz, veneno que mata. Na consideração da sua própria miséria, escuta o grito angustioso da alma e compreende a extensão das maldades que o afastaram de Deus, seu sumo bem, sua felicidade verdadeira. E fugindo ao desespero, procura um confidente para os segredos de sua consciência, um amigo a quem mostre as feridas do coração. O confidente que nos pode ouvir, o amigo que nos pode ajudar é o próprio Cristo. É Ele, o divino Samaritano, que nos recebe no tribunal da penitência e não somente nos ouve mas nos conforta, sara as nossas feridas, dá-nos a paz, restituem-nos a tranqüilidade de espírito. Por maiores que sejam os crimes que se haja cometido, se uma verdadeira contrição purifica a alma, é sempre a mesma a palavra do Cristo: "Vai, e não peques mais".

Relembrando os mistérios da Paixão e Morte do Salvador, não nos esqueçamos do dever da reconciliação com Deus, pela contrição de nossas faltas, pela confissão de nossos pecados, aproveitando, assim, os méritos do sacrifício de Nosso Senhor.

No tribunal da Penitência, o Cristo nos dá a paz da consciência e a alegria do coração, porque nos restitue o céu.

(A Ordem - 1939)

TRISTEZA DE VIVER

Aos setenta e cinco anos de idade, Goethe dizia ao seu amigo Eckermann que durante a vida não havia tido quatro semanas de verdadeira felicidade. E comparava toda sua existência à de um rochedo que fosse preciso empurrar sempre ladeira acima. Não pode encontrar ventura quem não a procura na sua verdadeira fonte. Deus é o supremo ideal da vida humana. É a plenitude da felicidade, depois da morte, e o começo da bemaventurança, para os que estão na terra.

A crença em Deus gera na alma as virtudes da fé, da esperança e do amor, e oferece ao homem a solução de todos os enganos que o cercam . Crendo, o homem compreende o seu destino, aceita a palavra divina, confia nas sagradas promessas e ama o Criador. Sente a intensidade da luz que lhe aclama a inteligência e que lhe robustece a vontade. "Creio para conhecer", dizia Santo Agostinho, e Santo Anselmo escreveu: "Quanto mais nos alimentamos de fé mais nos saciamos de inteligência. A fé é o princípio de toda a ciência superior de Deus".

O Criador abre aos nossos olhos dois livros magníficos, em cujas páginas lemos a sua Existência e os nossos deveres para com Ele, a nossa origem e o nosso destino: a Natureza e a Revelação. A natureza é Deus nos falando pelas suas obras, pela manifestação do seu poder e de Sua sabedoria. Na revelação, Ele nos fala pela Sua palavra, pelo seu amor, pela Sua misericórdia. Diante da natureza, nós O vemos como a Majestade Suprema, a quem devemos honra e glória, obediência e respeito; com a revelação Ele se aproxima de nós como um pai, estreita-nos em seus braços, aperta-nos ao coração. Para que melhor O compreendessem, completou a revelação mandando-nos o seu filho, para que Ele fosse como um de nós, inspirando-nos a mais absoluta confiança e nos dando a mais absoluta confiança e nos dando as mais

extraordinárias provas de amor. O Filho é a luz que veio ao mundo, a luz eterna, imortal, incriada. Esta luz se projeta através dos tempos, clareando os caminhos que levam à felicidade. Quem vive os seus clarões sente a paz da consciência, a alegria do coração. Quem prefere as trevas sente necessariamente a tristeza da vida. para o homem sem fé, tudo é escuridão, tudo é desespero. Não há paz para os ímpios, afirmam as Escrituras.

Ao crente sorri a felicidade porque a fé lhe aponta além da vida que passa o supremo ideal dos seus anseios - Deus.

("A Ordem"- 22/07/1942)

CONDIÇÃO INDISPENSÁVEL

Para se reconciliar com Deus, aproveitando os benefícios da Paixão e Morte do Salvador, o homem tem que se submeter às condições impostas pelo ofendido. O Criador tem o direito de impor condições das quais dependam o perdão das desobediências às suas leis. Elevando a confissão natural à dignidade de sacramento, aproveitando-se da necessidade que sente o homem de abrir o coração a outro coração amigo que o possa confortar nos momentos difíceis da vida, Jesus Cristo oferece meios fáceis de se alcançar o perdão das faltas. Esses meios são condições indispensáveis à reconciliação com Deus.

O sacramento da penitência é para muitos cristão um espantalho. No entanto, é necessário à salvação. A razão porque tantas almas fogem da graça da Confissão é dupla: a ignorância do verdadeiro sentido do sacramento, e a falta de coragem para renunciar o mal. A sacramento da reconciliação é a medicina que diagnostica as doenças da alma, aplicando-lhe os remédios necessários. Foi instituído pelo Cristo. Somente Deus pode ligar a sinais sensíveis a graça sobrenatural.

Na tarde da ressurreição quando apareceu aos apóstolos, dando-lhe a paz, Jesus lhes falou; "Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio". E, assoprando sobre eles acrescentou: "Recebei o Espírito Santo. Àquele aos quais perdoardes os pecados, serão perdoados; àqueles aos quais retiverdes serão retidos". E desapareceu.

Palavras criadoras, saídas dos lábios d'Aquele mesmo que dissera, antes que as cousas existissem: "Faça-se", e os mundos acordaram, os astros rolaram pelos espaços, a terra se cobriu de flores e de águas, e os animais povoaram os mares, os ares e as florestas.

"Como meu Pai me enviou, também vos envio". O mesmo poder que tinha sobre o céu e sobre a terra o Cristo comunicou aos

apóstolos, dando-lhes o Espírito Santo, por força de quem agiriam. "Aqueles aos quais perdoardes, serão perdoados"- divino poder que se comunica a homens que tinham os mesmos defeitos, as mesmas fraquezas dos outros homens, capazes, por isso, de compreender a miséria humana, não se escandalizando diante da confissão dos maiores crimes. Mas a ordem se completa assim:" Aos que retiverdes serão retidos", isto é, "aos que não perdoardes não serão perdoados". Deveriam, assim, os apóstolos perdoar ou não, conforme as disposições do pecador. Daí a necessidade do conhecimento das faltas, para o julgamento. Assim determinou o Divino Mestre, e assim o compreendeu a cristandade em todos os tempos. A tradição de vinte séculos afirma essa compreensão. Aí estão a atestá-la a descoberta dos confessionários que serviam nas catacumbas, as palavras dos apóstolos, os testemunhos dos padres da Igreja, em todos os séculos, e a voz dos historiadores conscienciosos.

A confissão implica numa renúncia ao mal, num propósito de obediência aos mandamentos.

Um dos motivos que afastam algumas almas do confessionário é a fraqueza da vontade, é a falta de coragem para renunciar a escravidão dos vícios, para quebrar as algemas das paixões que encorrentam o coração.

Oferecendo-nos a reconciliação o Cristo nos quer ver aos pés dos Seus ministros. Aproveitemos a graça do Sacramento. Ouvindo a confissão das nossas fraquezas, Jesus, pelo seu representante, nos dirá, inspirando confiança:" São te perdoados os teus pecados. Vai e não peques mais".

(1939 - do jornal "A Ordem")

AMOR E ÓDIO

Jerusalém se preparou para receber com festa o grande profeta que ia tomar parte nas solenidades da Páscoa.

O anúncio de que Jesus se aproximava da cidade, a multidão foi ao Seu encontro, estendendo ramos à passagem do triunfador que era aclamado aos gritos de "Hosanas ao filho de Davi"! "Bendito o que vem em nome do Senhor".

O Cristo olhava aquela gente e sentia o coração se entristecer.

Bem sabia que, dias depois, o espetáculo seria bem diverso.

Aquele mesmo povo que O aclamava agora, estaria diante do Pretório, assalariado pelos príncipes dos sacerdotes e fariseus, a gritar pela Sua condenação à morte, a exigir de Pilatos a crucifixão do Justo.

São assim os homens. Facilmente mudam o amor em ódio.

No dia da entrada de Jesus em Jerusalém, não faltou quem aclamasse o Mestre como o grande defensor dos pobres e necessitados, como o médico das almas e dos corpos.

Quando Ele era vítima do ódio do Sinédrio, onde estavam os enfermos que curara, os mortos que ressuscitara, as turbas que se saciaram no deserto com a multiplicação dos pães? Ninguém apareceu para defender o Cristo.

O que se passa com as multidões, também se passa com os indivíduos. A psicologia das coletividades é o reflexo da consciência individual. Jesus faz Sua entrada triunfal nos corações.

Aclamam-nO todas as potências da alma. A inteligência canta a felicidade de possuir a verdade. A vontade se impulsiona para o bem. Os sentidos, orientados pela razão iluminada pela graça, fazem côro às aclamações da parte mais nobre do composto humano. Quantas vezes, porém, não tarda para o Mestre o dia da crucifixão. A revolta contra os

divinos ensinamentos e as leis eternas faz com que a voz da consciência se transforme, mudando em gritos de ódio as hosanas ao Filho de Davi. E eis o Mestre renovando os mistérios da Sua Morte, sendo outra vez condenado a suplício infamante da cruz. Facilmente se esquece que Ele é o Filho de Deus feito homem, consubstancial ao Pai, tendo afirmado tantas vezes sua divindade, comprovando-a com milagres.

Aos que chegam a duvidar da Sua palavra e a esquecer o Seu amor, votando-lhe ódio de morte, o Cristo aponta as obras que realiza. Somente Deus pode sustar o curso das leis naturais. Somente a Divindade pode restituir a vida a um morto, fazer, de momento, andar um paralítico, um cego recuperar a vista, um mudo falar.

Ele o fez tantas vezes, além dos milagres de ordem intelectual e moral que realizou. Não importam à alma rebelada as afirmações, não importam os prodígios claros e inexplicáveis. Esquece-se a graça do Batismo, a primeira entrada triunfal de Jesus na consciência, esquecem-se às vezes que o Cristo entrou no coração, pela sagrada Eucaristia, esquecem-se tudo que há de mais sagrada, para se atender aos fariseus que são a impiedade, os vícios, as paixões, as maldades de toda espécie, e se pede a condenação de Deus humano, fugindo-se aos Seus ensinamentos e às Suas leis.

Relembrando o fato que se comemora hoje, e os mistérios de dor que se vão rememorar nesta semana sagrada, lembremo-nos de que Cristo não espera que lhe votemos ódio mas que permaneçamos no Seu amor, aclamando-O sempre, dentro da nossa consciência purificada pela graça.

PILATOS

No drama angustioso do Calvário, teve relevante papel um homem que nada tinha que ver com as lutas religiosas do Sinédrio contra o Cristo, e que, no entanto, aparece, no desenrolar dos acontecimentos, como o maior responsável pela crucifixão do Salvador, pois dele dependeu a sorte do divino acusado.

Foi Pilatos.

Tornou-se, tristemente célebre sua covardia.

O povo já lhe conhecia a fraqueza de caráter.

Quando outróra em Jerusalém, à frente de numeroso séquito militar, revestido das funções de governador romano, mandara colocar nas muralhas do Templo insígnias pagãs.

Os judeus protestaram com súplicas e lágrimas, contra a profanação da casa de Deus. O gentio, que se mostrára, a princípio, intransigente, deixando a cidade por mais de oito dias, para não receber as delegações do povo que reclama o ultraje, terminara cedendo, não por compaixão, mas por temor. Agora, não seria difícil conseguir que ele homologasse a sentença do Sinédrio. Com a invasão, o **jus gladii** pertencia a Roma. Somente o poder romano podia condenar alguém à morte. Era preciso que Pilatos decretasse a crucifixão do Cristo.

Depois de comparecer perante Anás e Caifás, Jesus foi levado ao governador.

O representante de Tibério recebeu no **Bima** acusadores e acusado, e perguntou aos príncipes dos sacerdotes e fariseus: "Que acusação trazeis contra este homem?" "Se não fosse um malfeitor não traríamos à tua presença", responderam eles. "Então, disse-lhes Pilatos, tomai-o vós mesmos e julgai-o conforme a vossa lei". Os acusadores alegam impotência: "A nós não é permitido matar ninguém. Nós vo-lo

trouxemos porque subleva a nação, proibindo que se pague tributo a César e se dizendo o Cristo-Rei".

Parecendo tratar-se de um crime político, Pilatos se assenta no Pretório e interroga a Jesus. Depois de ouvir de seus divinos lábios a confissão de sua eterna realeza, pergunta-lhe que é a Verdade mas não espera a resposta. Vai falar aos judeus, no **Bima**, dizendo-lhes que não encontra crime no acusado. Desconcertados com a palavra do representante de César, repetem os sacerdotes e fariseus a acusação contra Jesus. Voltando-se para o Cristo, o romano lhe fala: "Não ouves as acusações levantadas contra ti? Nada respondes? "Jesus silencia. E o silêncio de Cristo impressiona Pilatos. Sua consciência lhe diz que aquele acusado é mais que inocente, é a própria inocência. Supersticioso, embora cético, teme se imiscuir na condenação de um personagem que o impressiona vivamente. Apela para o hábito de se dar liberdade a um prisioneiro. Lembra-se que nas enxovias do Palácio está Barrabás, ladrão-assassino. Interrogando o povo, consultando a quem libertaria, se o Cristo, se ao conhecido facínora, sente uma decepção e um grande constrangimento, quando ouve os gritos de preferência a Barrabás. Outro expediente lhe vem à memória. Não era permitido infligir ao mesmo acusado mais de um castigo. **Nen bis in idem**, rezava o Direito. Mandaria flagelar a Jesus, na esperança de lhe dar liberdade, depois. Mas, apresentado à multidão o Cristo flagelado e coroado de espinhos, esperando comovê-la com tão triste quadro, não ouve senão, gritos de morte: "Crucificai-o! crucificai-o!" O gentio indignado exclama: "Tomai vós e crucificai, porque não encontro nele crime algum".

Mais uma vez confessa publicamente a inocência de Jesus, e quer soltá-lo. Sua mulher adverte-o, pedindo-lhe que não tome parte na iniquidade dos Judeus. Os fariseus jogam a última cartada. Dizem que Pilatos não é amigo de César se der liberdade ao Cristo. A figura de Tibério se desenha ante seus olhos. Sufocando a voz da consciência, Pilatos condena Jesus à morte.

Pilatos, o teu gesto ficou na história como símbolo da covardia.

Tua figura revive através dos tempos, retratada na alma de tantos cristãos que temem conhecer a verdade, afastando-se de Cristo para não ouvir os seus ensinamentos; de tantos covardes que sufocam a voz da consciência para não cair no desagrado dos ignorantes e dos maus; que têm vontade de cumprir os deveres religiosos mas, escravos do respeito humano, temem muito mais os juízos dos homens inconscientes do que o julgamento de Deus!

EXPIAÇÃO COMPLETA

Referindo-se às causas que determinaram a morte de Cristo, e ao valor do sacrifício do Calvário, o apóstolo S. Paulo escreveu que onde abundou o delito superabundou a graça.

Assumindo a natureza humana, e com ela a responsabilidade da falta primeira, o Salvador satisfez plenamente à Eterna Justiça, oferecendo ao Pai reparação correspondente aos efeitos do pecado. A desobediência à lei divina, além de ser uma revolta contra os céus, é um atentado contra a consciência, um abuso das criaturas, que são utilizadas como meios de se ofender a Deus, e um abandono do Criador.

Jesus expiou todas essas faltas.

Os atentados contra a consciência geram o remorso, que é o protesto da razão contra a natureza pervertida.

Substituindo o homem, o Cristo padeceu a tortura do remorso. No jardim das Oliveiras, tão grande foi a agonia que sentiu, ao ver desfilar, dentro da sua consciência, o cortejo das nossas maldades, que ficou prostrado, com o rosto na terra, suando sangue copiosamente.

Aos abusos das criaturas, ocasionados pelo pecado, Jesus antepõe os martírios que padeceu, sofrendo de toda a natureza criada. Cordas, açoites, cravos, martelos foram aproveitados contra o Unigênito de Deus. E não somente os seres inanimados mas o homem.

No dia da paixão, estava em Jerusalém, muita gente, homens de várias nacionalidades. Todos, direta ou indiretamente, conspiraram. Nem uma palavra de defesa!

Preferido a Barrabás, insultado, levado aos tribunais, crucificado entre dois ladrões, sentiu ainda mais o manso cordeiro o abandono de Seu Pai.

Na cruz, Ele exclamou, repetindo o versículo de um salmo: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?". O Pai se afastara, porque Ele representava a maldição. "Maldito o crucificado!" - escreveu Moisés.

Foi, assim, a raça humana redimida pela expiação superabundante, levada a efeito pelo Cristo.

Apesar dessa expiação completa, não ficamos desobrigados para com Deus. Foi completa, é verdade, com relação ao ofendido, porque o fato divino agiu na plenitude do poder. Também o foi para nós, pois que nos mérito do sacrifício do Calvário, através da Igreja que Jesus estabeleceu na terra, através dos sacramentos que nos comunicam a graça, nós encontramos a reabilitação. O que nos cabe fazer é aproveitar essa graça, é viver em perfeita identificação com a Igreja.

Não fosse assim, se nos bastassem os méritos do Cristo sem a nossa colaboração, como querem os hereges protestantes, estaria o mundo sujeito à mais completa anarquia. Para que, então, a virtude, para que o sacrifício, para que o heroísmo de todos, santos e bandidos, se tivessem de nivelar na mesma glória depois da morte?

Sem nos tolher a liberdade, dá-nos o Criador meios de bemaventurança, esperando que aproveitemos os méritos do Cristo, aplicando-os a nós mesmos, zelando pelo nosso maior interesse, pela salvação da nossa alma.

(Jornal "A Ordem", 1939)

HORA DE TREVAS

O panorama que o mundo nos oferece na hora presente é bastante significativo.

O homem atravessa uma fase de confusão. Antes que se desencadeasse a guerra das armas, já se vinha travando a luta do pensamento. As ideologias se entrechocavam, e no meio da confusão reinante, divisava-se o alvo de todas as investidas: o Cristo.

Era a civilização cristã que as forças do mal tentavam destruir. Dentro da luta das idéias, e como consequência natural das mesmas, veio a guerra das armas, sem que as primeiras cessassem as hostilidades. Estabeleceu-se a confusão que presenciam. Luta-se de um lado pelas democracias, de outro pelos governos totalitários. Em ambas as partes inimigas apertam as mãos em alianças militares, irmanando-se pelas armas e combatendo-se no terreno dos princípios.

A Itália católica, a Itália de Mussolini, que resolveu a questão romana, restaurando a soberania do Pontífice Máximo, une-se à Alemanha neo-pagã e extremista. A Inglaterra e Estados Unidos, pioneiros dos ideais democráticos, lutam ao lado da Rússia comunista, totalitária e sem Deus.

E o mundo vai assim estonteado, como um homem que recebe forte pancada na cabeça e fica sem poder explicar o que está sentindo. Olhando-se, porém, o momento através dos prismas da razão e da história, compreendem-se os motivos porque o homem se acha envolvido em tantas trevas. É que o Cristo se repete na Igreja e na vida terrena. Como nos tempos messiânicos, Ele é adorado pelos pastores, pelos humildes e potentados, mas é também perseguido pelos Herodes: é traído pelos Judas; é negado pelos Pedro; levado aso tribunais dos fariseus e dos Pilatos, condenado a carregar a cruz e a morrer crucificado.

Quando Ele foi justiçado a natureza se convulsionou. Houve trovões e relâmpagos e as trevas envolveram a terra, causando assombro aos que presenciavam e agonia do Filho de Deus. Cada vez que o homem quer crucificar outra vez o Cristo, as trevas escurecem as consciências e a confusão envolve os homens. A história se repete. E os discípulos do Crucificado, aos que vivem da graça; à civilização moldada nos Evangelhos, fica a certeza de que o Cristo ressuscitado já não morre, que Ele, como tem feito sempre, há de espargir sobre o caos do após-guerra a luz triunfante da sua ressurreição.

(13.0742)

TORRES DE BABEL

Na voragem da guerra, somem-se no sorvedouro das destruições as melhores conquistas do progresso. Séculos foram precisos para que se construíssem cidades, se erguessem monumentos de arte e de civilização, se concretizassem idéias; somas fabulosas despenderam em edifícios suntuosos, em praças e avenidas. Centenas de braços martelaram nos estaleiros, preparando navios que sulcassem os mares, estreitando a amizade entre os homens e fomentando o comércio. Chaminés de fábricas despejaram nos seus rolos de fumaça, atestando a operosidade das indústrias, no fabrico das máquinas que ajudam o homem e na transformação das matérias primas em artigos necessários à vida. E tudo isso desaparece ao sopro mortífero da guerra! As máquinas voam pelos espaços, a despejar incêndios; as cidades se arrasam; os mares engolem navios, e as vitórias dos séculos se reduzem a cinzas.

Contemplando as ruínas das civilizações, misturadas com os cadáveres dos que pereceram, o homem pergunta a si mesmo, com o coração cheio de angústia: Por que a guerra? Por que tanta destruição e tanta morte? Onde a inteligência, onde o bom senso do **rei da criação?** Por que tanto progresso para tanta miséria? Por que se quer ver civilização nas maquinárias da morte e da destruição? Será que a razão - dom de Deus, nobre faculdade da alma, tenha se desvirtuado, escravizando-se ao instinto, rebaixando o homem ao nível da fera?

A esse porquê angustioso responde o orgulho humano, assumindo a responsabilidade das hecatombes que têm pesado sobre os povos.

Ao homem deu o Criador uma alma imortal, feita à sua imagem e semelhança. Deu-lhe os dotes da inteligência e da vontade, da razão e do coração, para que ele O amasse e servisse, glorificando-O através de

todas as manifestações do progresso. Mas o ser criado quis bastar-se a si mesmo, prescindindo de Deus querendo passar além das nuvens. E os vôos do seu orgulho idealizou a supremacia da ciência e do ouro, esquecendo dos seus destinos imortais; pondo à margem, num supremo desprezo, as mais simples obrigações para com o Eterno, centralizando na vida terrena a sua finalidade, esquecendo as suas mais legítimas aspirações sobrenaturais.

O resultado desse desvirtuamento do último fim, deste afastamento do bem Supremo, desse rebaixamento de ideal, é a consequência lógica do castigo do orgulho, é a mão da Justiça Divina pesando sobre o culpado. O homem destrói-se a si mesmo, ferindo de morte o seu irmão, arrasando aquilo que tanto custou aos seus antepassados - patrimônio de tantos séculos, desorganizando a vida, vociferando ódios e vinganças, com as mãos tintas de sangue. É a Babel do orgulho que se desmorona.

Em meio à confusão das línguas, Deus dá o castigo como misericórdia, como um pai que pune o filho para vê-lo emendado. A hora dolorosa da provação é o momento de reflexão, do arrependimento, do perdão. Deus castiga para salvar.

Oxalá bendissesse a humanidade a mão que castiga, aproveitando o momento para à volta ao ideal, à finalidade da vida, realizando em meio a angústia do presente a marcha para Deus.

("A Ordem"- 15/07/1942)

A MÃO DA PROVIDÊNCIA

Autorizados observadores prevêem que a guerra vai demorar, a não ser que algum acontecimento inesperado ponha termo à luta que se trava entre as nações do mundo inteiro. assim pensam os que olham os fatos através dos potenciais guerreiros e econômicos dos beligerantes.

Outras razões, ainda, fazem ajuizar do mesmo modo, quando se quer ver na luta da Europa a mão da Providência.

Duas ideologias surgiram nos últimos tempos, cada qual mais terrível, ambas visando uma finalidade - a destruição da Igreja, uma guerra incarniçada contra Deus contra o sentimento religioso inato no coração do homem. A Rússia e a Alemanha ergueram o pendão dos infernos e conclamaram os seus súditos para a peleja, fazendo reviver a época das perseguições romanas. Todos os métodos de matar lenta ou violentamente a religião foram e continuam a ser empregados. Na Rússia é o ateísmo que se professa; na Alemanha, o paganismo que diviniza a raça.

Houve uma época em que se supôs que a Alemanha se organizava para combater o comunismo. Mera ilusão. Quando alguns generais russos quiseram tentar um golpe contra a ditadura soviética, apelaram para o govêrno alemão de que esperavam apoio. Hitler não somente negou o apoio solicitado mais ainda chegou a denunciar os conspiradores que foram condenados à morte.

Não dorme, porém, a Divina Providência. As duas nações tornaram-se realmente inimigas e vão se destruir mutualmente. Ambas devem desaparecer, em bem da paz do mundo. Engana-se quem pensa que a guerra mudou o ambiente russo. Para efeito internacional, propaga-se a liberdade de culto. No entanto, a revista "Sem Deus", editada em Moscou, anuncía que em janeiro de 1941 a Liga dos Sem-Deus contava

com três milhões, quatrocentos e cinqüenta mil, cento e oitenta e dois associados, tendo realizado no ano anterior seiscentos e setenta e dois cursos de estudos anti-religiosos, nove mil seiscentos e noventa e oito círculos de estudos e duzentos e trinta e nove conferências para os agricultores.

Sabemos das perseguições da Alemanha, e das ridículas macaqueações das cerimônias católicas, dos bárbaros crimes que se tem perpetrado em nome da pureza da raça.

Estando medindo forças os dois países. E a guerra não se acabará enquanto não se destruírem mutuamente os terríveis contendores. Deus vela pela sua Igreja. As portas do inferno não prevalecerão contra ela. O esfacelamento da Alemanha e da Rússia trará consigo o golpe da morte para o nazismo e para o comunismo. E sobre os escombros daquelas nações drapejará vitoriosa a bandeira do cristianismo.

("A Ordem" - 16/07/1942)

JULGAMENTO INSUSPEITO

São dignas de meditação as palavras que Anatole France disse, às portas da eternidade. O conhecido escritor francês, que foi socialista e ateu, que era rico e tinha ao seu dispor o que o mundo chama de felicidade, quando estava para morrer, aperta a mão do seu secretário, e, chorando convulsamente, proferiu estas frases tristes: "Não há no mundo ente mais miserável do que eu. Julgam-me feliz os homens; eu, porém nunca fui feliz na minha vida, nem sequer por uma hora".

Pobre alma vazia de Deus! A terra lhe deu o que tinha de melhor, honrarias, fama, prazeres, mas não lhe encheu o coração.

O homem não foi criado para a terra. Ele sente angústia do infinito, o anseio da eternidade. Quando se desvia do último fim é como um astro que perdesse a rota. Nada o pode contentar. O grito de Agostinho, o grande santo que foi grande pecador, é bem a exploração dos mais íntimos sentimentos da consciência: "Senhor, fizeste-nos para Vós e o meu coração não encontrará repouso enquanto em Vós não descansar".

Feliz o que encontra a paz de espírito, o que sabe procurar a Deus. Desgraçado o que estrangula na garganta a voz do coração, e que fecha os olhos para não ver a realidade das coisas, para se enganar a si mesmo, e que prefere as trevas à luz. No término de uma existência sem Deus, sem alma, sem eternidade, o coração angustiado só sabe dizer palavras de desespero.

O homem que pensa não pode deixar de refletir na sua grandeza, na sua superioridade sobre todos os seres, no poder da sua inteligência e da sua vontade. Há de se convencer de que não é um simples animal, sujeito à cegueira dos instintos, mas um ser dotado de razão. Aos lampejos da inteligência, compreenderá o absurdo do materialismo e a

necessidade lógica de aceitar a existência de um Ser Supremo, criador dos mundos. Há de sentir aspirações que a terra não pode satisfazer, aspirações nascidas não do corpo, que é terra, mas de um princípio espiritual que tende para a imortalidade. Verá que tem *uma alma*. E logicamente, conscientemente, voltar-se-à para Deus. Escutará, então, a voz que vem do infinito, como uma resposta aos seus anseios, a voz do Criador que fala pela revelação, que instrui a humanidade nos segredos do céu, apontando os caminhos que levam à bemaventurança.

Infelizmente, porém, nem todos querem pensar. À paz da alma preferem os enlevos do orgulho, esquecidos de que murcham depressa as flores da glória humana. Os prazeres podem encher-lhes o coração por um momento. Mas o nectar se vaporiza e a taça fica vazia. A angústia volta logo a torturar a alma. Para os ímpios não há paz, afirmam os livros sagrados. Os que vivem sem Deus são desgraçados para sempre. O túmulo não é o aniquilamento. A alma é imortal.

O julgamento que Anatole deixou de si mesmo é o de todos os ímpios. Sirvam suas palavras de lição aos que, a seu exemplo, preferem viver como se Deus não existisse. E na meditação da tortura de quem até pouco tempo viveu na terra encontrou os caminhos que levam à paz do coração.

("A Ordem"- 17/07/1942)

O GRANDE MAL

No ambiente de dúvidas e tristezas, de lágrimas e de sangue, de ódios e de vingança, em que mergulha a humanidade, não é difícil descobrir a causa de tantos males. As crises econômicas e sociais que asfixiam o mundo já não são a consequência do grande mal.

O que motiva a desorganização da vida humana é a falta de Deus. Não que a Divindade haja se escondido na majestade da Sua glória eterna, deixando o homem entregue aos desvairios da razão subjugada pelo instinto cego. É que o homem foge de Deus, escondendo-se do seu olhar, desinteressando pela verdadeira ciência, que é o conhecimento do Criador.

O sentimento do divino é inato ao homem. No coração humano, porém às mais das vezes, há altares para todos os ídolos, e para o verdadeiro Deus apenas um como aquele que o apóstolo das gentes encontrou no Aerópago: "Ao Deus desconhecido". E quando a consciência ergue a voz, como outrora Paulo, a dizer quem é o Deus que se não conhece, escuta a mesma frase que os atenienses disseram ao convertido de Damasco: "Outra vez te ouviremos sobre este assunto".

Eis o grande mal dos nossos tempos. As crises da inteligência e do coração se refletem mui diretamente na sociedade. Os homens infelizes tornam desgraçados os meios em que vivem. Quando Deus é ignorado e esquecido no santuário do coração dos indivíduos, os povos se arruinam, baqueiam necessariamente, pouco importam o poderio das armas, as riquezas acumuladas, os progressos das ciências e a escravidão dos vencidos. Nenhuma gente ultrapassou o povo romano. A terra tremia ao bater das lanças das legiões vitoriosas. Quando, porém, a devassidão oriental invadiu o império, neutralizando cada vez mais o sentimento

religioso, as águias invencíveis sentiram-se feridas de morte, e Roma deixou de ditar leis ao mundo.

Para que à humanidade voltem a paz e a concórdia, para que se enxuguem as lágrimas e se troque o ódio pelo amor, para que o homem possa respirar tranquilo e retornar ao ritmo da vida, é preciso que se realize antes de tudo, a volta para Deus. Sem a eliminação da causa não é possível evitar os efeitos. Enquanto não se der combate a ignorância de Deus, continuarão cada vez mais turvos os horizontes.

O conhecimento da Divindade traz consigo a prática dos deveres para com o Criador e para com os outros homens, fazendo viver o grande mandamento do amor a Deus e ao próximo, mandamento que é a base da felicidade dos indivíduos e das coletividades, da paz e da ordem.

("A Ordem"- 21/07/1942)

A PAZ DO CORAÇÃO

Contrastando com a tristeza do homem que vive como se Deus não existisse, esquecido da sua origem e dos seu destinos imortais; do que espera encontrar a paz do coração nas glórias e nos prazeres da terra, aparece-nos a alma crente e confiante, a alma que busca o infinito e que neste mundo já respira os ares do céu.

A fé ilumina a inteligência e alegra do coração. A verdadeira alegria é aquela que vem de Deus, é o reflexo da vida divina em nossa vida. É efeito de graça e por isso, os ímpios não podem senti-la e, muito menos, compreendê-la. Os mundanos não admitem que seja feliz quem renuncie aos gozos materiais em troca de um modo de viver mais espiritualizado, mais perfeito.

Para eles, os santos são almas doentias, seres que se inutilizam para a vida.

Quem olha através de vidros escuros não pode ver clara as coisas que o são. O cego não percebe a necessidade da luz.

Na santidade, porém está a paz do coração. A santidade que alegra a vida não é tão somente aquela que é mais perfeita, aquela que abraçam os que escutam e seguem as palavras do Divino Mestre: "Sêdes perfeito como o Pai".

Feliz quem a deseja e quem a vive!

Para que o homem seja santo e tenha, consequentemente, a paz do coração, basta que viva pela razão iluminada pela fé, basta crer e amar. Crendo, compreende o seu último fim, os deveres para com Deus, a necessidade de trabalhar para conseguir a vida eterna. Amando oferece ao Criador o melhor de sua vida, os frutos da sua inteligência, e da sua vontade; deixa-se guiar pelos impulsos da graça. Vive a fé, pondo em prática os ensinamentos do Evangelhos. Torna-se naturalmente um filho

da Igreja. E assim vivendo ambienta-se na santidade que o torna feliz na terra e candidato à suprema ventura depois da morte.

Para conseguir tão nobre aspiração, para ser homem no sentido perfeito do vocábulo - com a inteligência acima dos sentidos, basta um pouco de reflexão.

Meditando na própria grandeza, conhecendo-se a si mesmo, correspondendo as inspirações da graça, o homem terá a esperança do céu a lhe embalar os sonhos, e as chamas do amor a lhe queimar a alma. E como uma antecipação da felicidade eterna, Deus lhe dará a paz do coração.

("A Ordem" - 23/07/1942)

VONTADE DE QUERER

Sendo o querer a vontade em ação, como admitir a vontade de querer?

Há real distinção entre a potência e o ato. Entre a faculdade e a ação medeia uma distância.

Tal distinção se torna apreciável quando se tem em vista o homem diante de seus deveres religiosos. Bem diz Santo Agostinho que não crê quem não quer.

A fé é um ato de inteligência e da vontade. O homem percebe a verdade que lhe é proposta, e a aceita em razão da autoridade de Deus que a revela. Não compreendendo, muito embora, os mistérios, estriba-se na infalibilidade da palavra divina. Ao primeiro passo, da inteligência, segue-se o segundo, o da vontade. É preciso aceitar a verdade que a razão percebeu.

Sucede, às vezes, que a fé não consegue ir além da inteligência, não consegue transpor os limites da vontade. Assim acontece quando o homem perde a liberdade de escolher entre o bem e o mal, entre a virtude e o vício, entre a verdade e o erro, porque se escravizou às paixões. Neste caso não é possível a existência da fé. Falta a vontade de querer acreditar.

A alma não tem energia, não firma uma resolução. Contenta-se com um vago desejo.

Tantos que dizem que desejariam ter fé! No entanto, não o querem verdadeiramente, pois que não se esforçam para consegui-lo. Preferem o orgulho, a insensatez do amor próprio, a satisfação dos sentidos à submissão à palavra de Deus. Compreendem que devem amar e servir ao Criador, que possui uma alma imortal, que ser religioso é um dever sagrado, mas lhe falta a vontade de querer. Daí a necessidade de uma reação íntima, de um despertar de energias, de uma força que

estimule a vontade, que a impulsione, sem lhe tirar a liberdade. Essa força é a graça de Deus, é o auxílio sobrenatural, dado generosamente a quem o pede. A fé é uma virtude que se alcança pela graça - parte de Deus, e pela vontade - parte do homem. Voltando-se para o Criador pela oração, a alma sente que se lhe ilumina a inteligência e que se lhe robustece a vontade. E crê.

("A Ordem"- 24/07/1942)

ONTEM E HOJE

Estamos diante de um grande exemplo. Na véspera do dia em que a Igreja glorifica a mãe de Nossa Senhora, um pensamento nos vem naturalmente, na lembrança daquela que chorou a maldição de ser estéril. É o contraste entre o passado e o presente, entre as aspirações da mulher de ontem e a ausência de ideal da de hoje, entre os anseios pelas glórias da maternidade nas épocas de antanho, e os abomináveis crimes da mulher moderna.

Não desejava honra maior a israelita do que a de ser mãe. O casal sem filhos era tido como amaldiçoado por Deus. São Joaquim e Santa Ana foram postos fora do Templo de Jerusalém porque eram estéreis. As muitas lágrimas que choraram Deus as enxugou com uma benção incomparável, única, dando-lhe por filha a mãe do Redentor.

As esposas, hoje em dia, renunciam a honra de participar do poder criador de Deus. E o fazem criminosamente contra as leis da natureza, matando os próprios filhos nas fontes da vida, fugindo do dever sagrado de construir família. Pais assassinos! Mães desgraçadas, mães sem almas e sem coração, que apunhalam os filhinhos, antes que eles cheguem a sorrir e a chorar!

A maldição da humanidade pesava sobre os casais estéreis porque se supunha um castigo de Deus para as esposas. Sobre os casais que se esterilizam voluntária e criminalmente, pesa a maldição do Criador. E a maldição da pátria também. Não se age impunemente contra as leis da criação. Na perdição da alma e nos estragos do corpo os pervertidos encontram os castigos dos céus. A esposa maltusianista paga na ruína da saúde os pecados da transgressão das ordens do Criador. E como a família se ramifica e se completa na pátria, sentem as nações as consequências do crime. Aí está o caso da França, numa triste afirmação

de como Deus pune tão abominável culpa. O mal tem se propagado assustadoramente. E muitas vezes amparado por médicos inconscientes que, a pretexto de motivos de saúde, justificam e acolhem tão grande desgraça para os esposos e para a pátria. Vejam as senhoras cristãs o exemplo de Santa Ana. E compreendam tão glorioso é povoar a pátria de heróis e o céu de santos, e quão bárbaro ser assassina dos próprios filhos.

("A Ordem"- 25/07/1942)

O CAMINHO

A palavra de Cristo é sempre atual.

Bem afirmou Ele que os céus e a terra passarão mas as Suas palavras não hão de passar. O tempo, em vez de envelhecê-las, revigora sua eterna juventude. São de uma atualidade palpitante aquelas em que afirma: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

Perdida nos labirintos das crises em que se emaranhou, a humanidade precisa de um caminho que a leve às regiões da paz.

E a paz que o homem necessita não é somente a concórdia entre os povos, o ensarilhar das armas, mas a paz da inteligência e do coração. Somente o Cristo pode salvar a humanidade, porque somente Ele é o Salvador.

A história dos povos nos aponta nomes de conquistadores, de sábios e de filósofos, mas não nos mostra nenhum que dentre eles haja morrido para salvar o mundo. Somente o Cristo podia fazê-lo, porque é o representante máximo da humanidade, e o novo Adão que assumiu a paternidade sobre todos os descendentes do primeiro homem. O sacrifício da cruz foi a prova máxima do Seu amor, como a ressurreição foi o argumento maior da Sua divindade. Antes de consumar o sacrifício, como depois de ressurgir dos mortos, Ele falou aos homens, instruindo-os nos mistérios de Deus e da vida futura, apontando-lhe o verdadeiro caminho da felicidade.

Enquanto os demais seres são relativamente felizes, marchando na harmonia da criação, cumprindo os destinos que lhes traçou o Criador, o homem sente a angústia da vida, a tortura da dúvida, a ausência de alguma coisa que lhe falta para contentá-lo. É o anseio de uma ventura que se não acabe, de uma felicidade que se não finde, de uma vida que seja eterna.

Para cumprir o ideal que o atormenta, ele se atira ao desconhecido, sente-se impossibilitado de marchar, porque as tempestades do espírito o atordoam. Mas o Cristo o espreita, para salvá-lo. Com a voz repassada de tortura, Ele repete as palavras que pronunciou outróra: "Eu sou o Caminho". E a luz divina se projeta dentro da noite escura da alma, não como um relâmpago que passa, mas como o sol que se fixa, aclarando a consciência.

A mão de Deus toma a mão do homem e o leva, então, para os cimos da ventura sem fim. Seguindo o Cristo, a humanidade não tateia nas trevas mas olha de frente o sol e marcha cantando para a glória eterna. Ao que recusa a mão salvadora que lhe é oferecida, ao que fecha os olhos porque prefere as trevas, ao que repete a frase que Milton colocou nos lábios do anjo a contemplar o sol: "És belo mas eu te odeio"; ao que desespera em meio à tempestade jamais sorrirá como os da felicidade, porque não trilha o verdadeiro caminho, que é o Cristo.

("A Ordem"- 27/07/1942)

A VERDADE

A inteligência foi criada para a verdade, como o coração para o amor. Acendendo n'alma uma centelha do infinito, Deus infundiu-lhe o desejo de conhecê-lo. O conhecimento do Criador, na Sua existência e nos Seus atributos, e nos deveres para com Ele, constitui o objetivo principal da humana inteligência. Deus é a suprema verdade. Para descer ao alcance da nossa razão, Deus se revelou, abrindo a cortina que nos separa do infinito, falando à humanidade, mandando-lhe o seu Filho Unigênito. O verbo incriado se faz carne, assumiu a natureza humana, para que Deus se tornasse mais conhecido fazendo-se como um de nós. Sendo homem, o Cristo não se despiu da divindade.

Continuou na mais absoluta união com o Pai e com o Espírito Santo, sem quebrar a harmonia eterna da Trindade. "Eu sou a Verdade", afirmou. E quando Pilatos lhe perguntou o que era a verdade, Ele calou, porque a Verdade era aquele que estava diante do governador romano.

Necessitando satisfazer as legítimas aspirações da inteligência, o homem tem o dever de procurar a verdade. Buscando-a, há de encontrá-la, muito embora não a siga. O proconsul, quando perguntou ao Cristo o que era a verdade, não esperou a resposta. Imagem perfeita de tantas almas que fogem de Deus, que preferem o erro.

Quando a consciência lhe aponta o Cristo vivendo na Sua Igreja, na unidade da fé e dos sacramentos, na santidade da doutrina e dos corações, na catolicidade dos Evangelhos e apostolicidade dos princípios; quando a razão lhes demonstra a possibilidade e a necessidade da revelação; quando a fé lhes diz que realmente Deus falou aos homens, manifestando-lhes as fontes divinas da verdade, eles cerram os olhos, fecham os ouvidos e emudecem. Preferem as trevas. Não querem compreender que a religião faz parte integrante da vida do homem e que

é a fonte que jorra para quem bebe das suas águas não terá mais sêde; há de saciar a inteligência.

Ouvindo falar na beleza da verdade, o homem a pede a quem lhe pode dar. E Deus se dá às almas. Feliz quem O recebe, que O conhece, quem O guarda no íntimo do coração. Essa felicidade não é privilégio de ninguém. O Cristo é universal, pertence a todos os homens, quaisquer quem sejam as diversidades de tempo e lugar. Depende apenas de ser procurado onde se encontra, onde se guarda a verdade: na Igreja.

("A Ordem"- 28/07/1942)

A VIDA

A vida continua a ser o grande mistério que desafia a ciência. Os sábios, com todos os seus estudos e com toda perfeição dos seus laboratórios, jamais conseguiram e não conseguirão organizar um elemento vivo. Deus, dá, assim, a conhecer ao homem que somente Ele é o autor da vida. Pode-se dizer que a vida é um milagre permanente, uma contínua criação.

Não basta ao ser vivo ter nascido. Ele tem necessidade de manter a vida, buscando-a fora de si, na alimentação, no aproveitamento dos elementos que lhe ajudam o organismo. cada ser dentro da natureza a que pertence, necessita de alimento correspondente, proporcional ao princípio vital de que ele é dotado. A planta, da vida íntima, atira as raízes à terra e espalha ramarias pelo ar, à cata de alimentos indispensáveis à sua manutenção. O animal anda à procura de alimento, e quando não pode mais se locomover, a morte lhe põe termo à existência. Não foge a esta necessidade ao **rei da criação**. Seu corpo tem necessidade da manutenção da vida, como os animais inferiores. E a alma, princípio vital, não precisará de alimento?

Precisa, naturalmente, e alimento correspondente à sua natureza, às aspirações da inteligência e da vontade. As ciências podem parecer o alimento da alma. Por mais altas que sejam, porém, não atingem às raias do infinito, **não podem dar o que não possuem**. Para o homem sobrenaturalizado, para o homem redimido pela graça, cresce ainda mais a dificuldade, porque ele passa além da razão e vive da fé.

Ao grito angustiado do homem que quer viver e que suplica aos céus a manutenção da vida, através dos alimentos, indispensáveis a sua subsistência, o Cristo responde com uma frase curta, em que resume toda a essência do nosso existir. "Eu sou a Vida", afirma Ele acrescentando

que viera ao mundo para que os homens tivessem a vida, e a tivessem abundantemente. Deus é, assim, a vida da alma. Os elementos indispensáveis à vida perfeita, à vida da graça, à vida sobrenatural, o Cristo as oferece ao homem pela Sua palavra, pelos sacramentos, pelos dogmas, pela moral e pela liturgia, dentro da verdadeira Igreja que fundou. Fora do reino de Deus, a chama da vida é mero fogo fátuo que o vento das realidades apaga.

Como para viver procuram as fontes da vida os animais e as plantas, assim também o homem, não o homem-terra, sem aspirações, sem ideal, mas o homem espiritualizado, consciente de sua grandeza e do fim nobre para que foi criado. E não precisa procurá-las apalpando as trevas da ignorância, porque a luz da graça está sempre a aclará-las, e a voz de Cristo está sempre a repetir: "Eu sou a Vida".

("A Ordem"- 29/07/1942)

DESCALABRO MORAL

O desregramento que vai reinando nos costumes é de mais não se poder imaginar. A parte animal deste pequeno mundo, "microcosmos", que é o homem, cada vez mais realiza progressos assustadores. É que **o rei da criação** se esquece da sua dupla existência: a da vida material e o modo de viver do espírito. A parte mais nobre do "pouco menor que os anjos" vai sendo posta em refugo e o "animalis homo" exerce completo domínio que por adoção participa da natureza divina. Pois que o homem de acordo com a Bíblia é "consors divinae naturae" não somente pela origem - ele vem de Deus, - é igualmente pela graça celeste derramada em sua alma por meio dos seus canais que são sacramentos da Igreja. E o anjo de carne que deveria o homem ser é ainda mais o "templo vivo de Deus". Mas este templo vai sendo vez por outra profanado em virtude da anarquia da natureza. Não somente revolução nos atos externos: desordem ao mesmo tempo no espírito e por conseguinte no coração: na vida interior quer isso dizer. O liberalismo maçônico tem feito o seu papel de perversão. As doutrinas errôneas tem encontrado adeptos em todas as classes que, para assim procederem, invocam a tal liberdade de pensamento, que outra coisa não é senão uma utopia. E com essa liberdade quer ainda o supra aludido liberalismo aplaudir a depravação de costumes; faz mais ainda, procura alimentar toda a moral. Segundo esse princípio, o homem pode pensar as coisas absurdas em questões de doutrina e agir de maneira mais desbragada possível em questões de moral. E é a liberdade.

Esquecem-se que a inteligência tem como objetivo a verdade; esquece-se que a vontade tem, por via de regra, de abraçar o bem. Dirigindo para um outro caminho que não o indicado pela sã filosofia esses que tais vão induzindo sua inteligência e vontade para erros

tremendos, oferecem ao seu entendimento ao seu coração drogas perigosas, em vez de lhe proporcionarem para alimento, substâncias nutritivas extraídas da única fonte que lhes pode satisfazer: Deus que é a Verdade e o Bem por essência. Vistos esses autos, considera-se como profanador do "templo vivo de Deus" aquele que emprega a sua inteligência na aprendizagem de teorias falsas e entrega à sua vontade, como pábulo, simplesmente torpezas. No entanto não é para se desprezarem esses que assim pensam e agem. Misericórdia para com eles porque não sabem o que fazem.

(1928)

MODERNISMO

Nenhum que tenha senso prático contestará ser o homem um composto, contendo em si um duplo elemento, distinto em entre si: a matéria e o espírito; devendo a primeira se subordinar ao segundo.

Sempre em luta, como o provou claramente o apóstolo das nações (nas Escrituras), a alma há de sair vitoriosa.

A personalidade humana deve procurar os louros para a parte espiritual. O homem pode perfeitamente alcançar que o seu espírito domine a matéria; porque ela não é irracional e a sua finalidade não é a satisfação de instintos grosseiros, próprios da animalidade. O **rei da criação** tem um destino mais nobre. Criado "à imagem e semelhança de Deus", não havia de resumir a sua existência na materialidade. Recebeu diretamente do seu Criador uma missão e dela um dia há de dar contas. Resta portanto ao homem cumprir essa missão para que no ajuste de contas não seja considerado pelo Senhor como servo mau e infiel.

E essa missão é aderir cada indivíduo à adoração que complete ao Absoluto Dominador dos povos e nações. A adoração implica numa submissão: pois o servo de Deus - que outra coisa não é senão o homem - deve ao Criador a sujeição de todo o seu ser e por isso de sua inteligência.

No entanto o mundo está minado de certos filósofos que de maneira alguma são tais; porque "filósofo é amigo da sabedoria" e, se os filósofos modernos "amassem a sabedoria", não teria dúvida em submeter a sua inteligência às verdades acima expostas e reveladas ao mundo pela Sabedoria Incriada. Não são filósofos portanto. São **filodoxos**, isto é, amantes da opinião (própria ou privada). São os tais livres pensadores que nada tem de livres porque são escravos dos falsos preconceitos contra tudo que se refere à Revelação. É por isso que se

alucinam com a liberdade (que é mais licenciosidade) querem introduzir as liberdades modernas até mesmo em assunto meramente religioso. E isso não é outra coisa senão o modernismo que aliás é uma doutrina condenada pelo S. Padre Pio X. Afastam-se assim os tais do concerto universal, desafiando-o por assim dizer. Com o seu modo de pensar, dizem que as doutrinas religiosas podem e devem às idéias propaladas pela filosofia moderna - querem uma religião acomodatícia - que dê liberdade de se escolher aquilo que satisfaz aos desejos e paixões de cada um e se rejeitar o que vai de encontro a esses mesmos desejos. É o tal sistema de seleção aplicado ao sistema religioso. E a razão de tudo isso é que os atuais **filodoxos** vivem para a matéria, esquecendo-se completamente do sobrenatural. Doença é esta, pelo que se está vendo, na sociedade contagiosa, epidêmica mesmo. Vai se espalhando o dito mal já entre os que dizem católicos; eles estão sendo atacados também de modernismos. Se bem que este modernismo se apresente sob um outro aspecto: é o que se pode chamar "modernismo moral e social". Os nossos católicos crêem nas verdades reveladas mas não querem por em prática essas verdades. Não tem portanto uma vida integral com referência à fé. Essa virtude para esses tais é somente para o consumo interno... quando muito.

Vive neles a matéria dominando quando, devia ser o contrário.

Não têm a verdadeira compreensão do que seja católico.

São católicos do **Credo** sem o quererem ser também dos **mandamentos.**

Mas saibam estes que nas Escrituras santas já se encontra a condenação desse modernismo de nova espécie (se assim posso me exprimir). Dizem os livros inspirados: "**Fides sine operibus mortua est**"..Se existe a crença, deve existir a profissão dessa crença que outra coisa não é senão o catolicismo integral ou por outra, a união da integridade da fé com a integridade da vida não somente privado-interior mas também na vida exterior e na vida pública, da vida do funcionalismo. Desse modo, somente, lançarão, de si, certos católicos, a pecha de modernistas e não serão atacados do morbus e cantarão vitoriosamente sobre a matéria que deve sempre ser escrava do espírito e não - soberana.

(1928)

O HOMEM

A natureza é um grande templo no qual pontifica o homem. O rei da criação é também pontífice. Na escala dos seres, está ele no ápice, resumindo em sí o mundo criado. Deu-lhes Deus uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade, capaz de compreender os seus deveres de obediência e de amor para com o seu Criador. Como **rei da criação**, representa diante de Deus todos os seres criados, havendo de, por si e por todos, prestar ao Ser Supremo as homenagens da natureza. Une, assim, a realeza ao sacerdócio, porque é função secerdotal a liturgia das adorações coletivas. Como pontífice, chefia o culto a que Deus tem direito.

É, assim, o homem um ser essencialmente religioso. A história da religião é a sua história. Sábio ou ignorante, nunca deixa de adorar não vive sem a idéia da divindade a presidir-lhe a existência. Erre, embora, quanto à natureza do ser supremo. Mas não deixa de ser pontífice. Negue o verdadeiro Deus, mergulhe na mais torpe idolatria, queira até apagar do coração o sentimento religioso, fazendo profissão do ateísmo, sempre adorará uma divindade. Ou Deus ou algum ídolo há de ocupar o altar do seu coração. Assim tem sido e assim será. Nos tempos do paganismo, tudo era Deus, exceto o próprio Deus, escreveu Bussuet.

Os revolucionários e enciclopedistas franceses decretaram a morte de Deus mas inventaram a deusa Razão. Os comunistas arrancam a Deus da alma do povo mas endeusam a máquina e prestam culto à memória de Lenine como a um semi-deus. Os nazistas repelem o Deus dos cristãos mas ressuscitam o deus Tora das florestas germânicas, e divinizam a raça. Os que se dizem ateus, ou materialistas ajoelham a inteligência diante das mais pueris superstições. O sentimento de religião

faz parte da natureza humana. É impossível negá-lo, é estultice querer extinguí-lo.

Nenhum ato mais digno de que prestar a Deus o culto que lhe é devido. Nunca o homem o é mais do que quando cumpre o seu pontificado. Quando exerce o sacerdócio que lhe confere a natureza criada, é mais do que **um rei** que tem sob seu cetro o mundo inteiro, porque sobe às alturas do infinito e entra em contato com Deus que o criou e o ama como filho.

RESSURREIÇÃO

A semente jogada no seio da terra precisa da umidade para geminar. Faltando-lhe as chuvas, não pode se desenvolver. Se consegue aflorar, rompendo a terra, numa ânsia de viver, o caule tenro e mirrado se queima ao sol.

O espetáculo de desolação e de morte que os sertões oferece agora nos dá a impressão de que a vida se extinguiu naquelas plagas e que o fogo lambeu as planícies e os cabeços. Venham, porém, as chuvas, e que transformação! Ressurge o que estava morto, reanimam-se os troncos secos, e as folhagens verdes se alteiam sobre a relva em flor.

Deus escreveu nas páginas da natureza lições magníficas. Somente o homem pode lê-las, senti-las, interpretá-las.

A alma sem Deus é a terra seca. A graça divina é a chama que fecunda a ressuscita os corações.

Sendo Deus a vida, não pode deixar de sentir a morte que O esquece. Quando a humanidade se afastou do Criador, pelo primeiro pecado, viveu aquela noite de morte que foram os quatro mil anos antecedentes à Redenção. Logo, porém, que o Filho de Deus se fez homem, ouviu-se aquela palavra de esperança, que o Cristo pronunciou: "Eu sou a ressurreição e a vida". Foi uma chuva de bençãos a fecundar as almas. Dizendo-se a ressurreição, o Cristo não se limitou às afirmativas. Provou com fatos o que pregou às turbas.

À Sua palavra, o filho da viúva de Nain deixou o esquife, e Lázaro se levantou do túmulo.

Às ressurreições de ordem material juntou às do espírito.

À Madalena garantiu: "São perdoados os teus pecados". À adúltera inspirou confiança, com aquelas palavras cheias de misericórdia: "Vai e não peques mais". Ao bom ladrão prometeu o reino dos céus.

À Sua vinda à terra seguiram-se as grandes ressurreições sociais. Os povos que receberam os seus ensinamentos, que viram na Sua Igreja os sinais indeléveis do Seu fundador sentiram o sôpro misterioso da vida, e emergiram do túmulo do paganismo. E vivem a civilização cristã; e esquecem, porém, a fonte da vida e da ressurreição, baqueiam e morrem. Indivíduos e nações têm caído por terra, através destes vinte séculos de cristianismo, quando preferiram ao Cristo a morte, o ódio contra a Igreja, as perseguições, a impiedade. Deus, no entanto, não esquece a humanidade. Ele vem do céu para salvá-la. Por mais incompreendido, por mais perseguido e odiado que atravessassem os séculos, é sempre o mesmo amor, a mesma compaixão. É a misericórdia que salva, é o Cristo que diz ao homem como às nações, diante do túmulo em que se sepultam os povos e os indivíduos, aquela mesma frase com que ordenou a Lázaro que voltasse à vida: "Sai do sepulcro".

("A Ordem"- 30.07.1942)

O QUE FALTA

Qual o motivo porque há tantos homens sem religião? Não é um dever da criatura amar, servir e glorificar o Criador?

Por que o homem, **rei da criação**, se afasta desse dever, ele que compreende a sua posição no mundo, que raciocina, que ouve a voz da consciência?

Triste realidade essa! A causa dessa atitude ilógica, desse modo de proceder contrário à inteligência e ao coração é a ignorância.

O que falta ao homem é o conhecimento de Deus e de si mesmo. A ignorância religiosa é a causa primordial do desprezo e do esquecimento dos deveres para com o Criador.

Porque alguém é sábio, não se pense que não é ignorante em assuntos de religião. Pelo fato de um químico saber trabalhar em seus laboratórios, não se segue que seja bom astrônomo.

O saber matemática não implica no conhecimento das línguas. Um sábio pode ser familiar de muitas ciências e ignorar completamente a ciência das ciências - que é Deus.

Os grandes sábios são homens de fé. Os sábios-mirins, os sábios de esquina, são os grandes ignorantes. Vivem empavonados de ciências barata e podem ser classificados de inacessíveis, irredutíveis e irreconciliáveis, como os taxou Gibier. Os verdadeiros sábios são almas que vem de Deus através da criação.

A ignorância religiosa traz como conseqüência prevenção e orgulho para o irreligioso, e abdicação para o que tem fé.

O homem sem religião vive prevenido contra Deus, contra a Igreja, contra os padres, às mais das vezes sem saber porque. Tem-se na conta de um espírito superior, emancipado de superstições, muito embora

tendo medo de feitiço e fugir do número treze. Quase sempre é um escravo das paixões, preferindo a voz da razão.

O religioso ignorante, que não conhece os esplendores da fé, que é mais católico por tradição de que por convicção, é um homem que abdica da sua grandeza.

Não sabe dar a razão da sua crença. Não tem coragem de defender a religião. Prefere não parecer cristão. É uma vítima do respeito humano. Quando cumpre os seus deveres, procura fazê-lo às escondidas, para que ninguém o veja, para não ser censurado, não passar por carola. E assim vive, na ignorância da sua dignidade, porque lhe falta o conhecimento da fé que professa.

Os que ignoram a religião, e por isso mesmo não a vivem, são como os ídolos, de que fala o salmista: "Têm boca e não falam, têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem".

("A Ordem" - 31.07.1942)

REAL E NECESSÁRIO

É tão evidente a existência do sentimento religioso entre todos os povos e através de todos os tempos, que não é possível contestá-lo. Sobre ser real, é também necessário, imprescindível.

O espírito humano tem problemas que não podem ser solucionados fora da religião. Há perguntas que somente a religião sabe responder. Os motivos porque estamos vivendo, a razão de ser nossa existência, de onde vimos e para onde vamos, que somos nós - são questões que passam além dos terrenos das ciências. Os sistemas filosóficos inventados para explicá-los não podem satisfazer as exigências da inteligência e do coração.

Diletantismo, positivismo, pessimismo e demais doutrinas que negam Deus e a alma não respondem ao grito angustioso do homem. A inteligência tende a subir da natureza que a cerca, dos fenômenos que observa, dos pensamentos que concebe, tende a se elevar às regiões infinitas, a um ente superior, vivo, pessoal, eterno, A vontade aspira a um bem que as criaturas não possuem, um bem supremo, uma felicidade sem limites. Até a sensibilidade quer mais do que os sentidos oferecem. De todas essas aspirações rebenta como uma necessidade psicológica, a religião. Dentro do sentimento religioso a inteligência quêda no conhecimento da suprema verdade, do fim para que foi criada na certeza da imortalidade da alma e da vida futura. A vontade encontra seu verdadeiro objeto, o amor incriado, o bem infinito, e conta com os meios para conseguí-lo. O homem é integralmente feliz. Sabe que foi criado por Deus, e se gloria da sua origem. Aspira possuir Aquele que o criou e conta, para alcança-lo com meios que estão ao seu dispor, meios pelos quais fugirá do mal e praticará as virtudes. Vê em Deus o legislador que estabelece leis para a sociedade e para o fôro íntimo da consciência, que

julga tanto as ações como os atos internos da alma premiando os bons e punindo os maus. No conhecimento e na prática dessas verdades e desses deveres o homem encontra a felicidade. Tem Deus como um pai e vive mais amando do que temendo. Quer conhecer Sua vontade para seguí-la. Deseja glorificá-LO e cada instante, aproveitando as circunstâncias mais simples da vida para honrá-LO e serví-LO.

Sente a fé a lhe iluminar a inteligência, a esperança a lhe encher os dias e suavisar os dissabores, e o amor a lhe queimar o coração.

E prepara-se assim para a vida futura, para a eternidade feliz que é a posse da bemaventurança, a ventura de viver para sempre mergulhado no bem infinito, no eterno amor.

("A Ordem" - 06.08.1942)

CONDIÇÃO INDISPENSÁVEL

Para que o homem seja feliz precisa ter fé. Sentindo a ânsia do infinito e não crendo na eternidade, como alcançar a paz do coração? Há de atormentá-lo sempre o vasio das cousas terrenas. A aceitação da palavra divina é condição indispensável para conseguir a felicidade. Deus promete ao homem uma ventura que jamais acabará. É a posse do Criador. A glória futura se antecipa na terra, pela paz da consciência. A bemaventurança na vida, como depois da morte é fruto da fé. Afonso, rei de Castela, dizia, chorando de emoção: "Eu agradeço a Deus sem cessar não por ter me feito rei mas por me ter feito católico". Feliz quem sabe falar assim! Quem duvida não pode alcançar o bem que deseja. Moisés não conseguiu entrar na terra da promissão. E Pedro ia se submergindo nas ondas porque duvidou do Mestre.

Sem fé a vida se torna estéril para a eternidade. O descrente pode ter virtudes cívicas, pode ter amor ao próximo. Serão, porém, virtudes sem base, edifícios sem alicerces, frutos mirrados de uma árvore sem seiva. Não se ramificarão na eternidade porque lhes falta o elemento sobrenatural.

Não basta, porém, crer. É preciso que a fé seja vivida, produzindo frutos dde santificação. Nem todos os que dizem: "Senhor, Senhor, entrarão nos reinos dos céus; mas unicamente o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus", afirmou o Cristo. Fazer a vontade de Deus, é agir de acordo com a verdade que se crê, é aumentar cada vez mais a fé. Assim o ensina o Filho. "Se alguém quer fazer a vontade de Deus reconhecerá se a minha doutrina é dele ou se eu falo de mim mesmo".

Quanto mais firme a fé, maiores as graças que atrai. O Divino Mestre curou o servo do centurião, cuja fé exaltára. Aos enfermos que o

procuravam pedindo-lhe a saúde, Ele atendia com aquelas palavras: "A tua fé te curou". Perde-se depressa a fé que não se pratica, diz Santo Anbróssio. Quem vive de fé é justo. Conta com as graças de Deus para as vitórias do espírito. Sente a esperança de uma felicidade imorredoira, confiando na palavra divina que lhe fala do céu. Antecipa a glória futura, pela paz da alma e pela consciência da própria dignidade de filho de Deus. Sabe que não foi criado para a terra e que, por isto mesmo, o mundo não lhe poderá dar ventura.

Recebe com resignação e confiança as agruras da vida, aproveitando-as como meios de perfeição e sinais que caracterizam os discípulos do Cristo. É como outrora os filhos de Crirel, tendo sempre a guiá-los a nuvem que protege contra o sol das adversidades e a coluna de luz que aclara as noites do espírito, vai marchando feliz para as divinas terras da promissão.

("A Ordem"- 07.08.1942)

SENTIR UNIVERSAL

A história da humanidade é a história das religiões. Não houve povo sem Deus e sem culto. Bem dizia Plutarco que era mais fácil encontrar cidades sem muros, sem defesa, do que sem templo.

A universalidade do sentimento religioso, prova que realmente o homem sempre acreditou na existência de um ser supremo a quem rende adoração. Houve quem definisse o homem um animal religioso. Quer entre os povos cultos ou bárbaros, quer entre os mais antigos e modernos é sempre a mesma idéia religiosa a presidir a vida, a regular os costumes e ditar as leis. Em todos eles os mesmos pontos de vista com relação às manifestações de religião, o dógma, a moral e o culto. A existência de um ente superior, cercado muitas vezes de mitos, impunha a crença. Os preceitos morais proibitivos de atos contrários à divindade como á justiça e ao próximo estabeleciam as regras do costume. Os sacrifícios e as preces públicas imputavam nos ritos com que se prestava adoração a Deus.

Repassando os fastos da humanidade, a vida religiosa do homem se nos revela com nitidez. Mergulhados embora nas trevas da ignorancia, as tribos da África, da América e da Oceania são, no entanto, religiosas. Crêem na existência de um princípio vital no homem, que sobrevive à morte e que merece culto. Admitem a existência de espírito superiores, bons e maus, aos quais os chefes de famílias e os sacerdotes oferecem sacrifícios. Ensinam que acima de tudo está o Grande Espírito, designado por diversos nomes.

No que diz respeito aos costumes, distinguem as ações lícitas das ilícitas, estabelecem preceitos de justiça e não confundem as coisas sagradas com as profanas. Quando olhamos os povos cultos, deparamo-nos com os chineses prestando homenagens a um ente supremo, aos

gênios e aos antepassados. Com a Índia, adorando Brama, ensinando pelos Vedas, a existência de um ente superior e a migração das almas através dos animais, até a absorção pela divindade. Com os medas e persas cultuando Ormuzd, ensinando com Zaratustra a dualidade de princípios do bem e do mal. Passam diante de nós os povos semitas, os assírios e babilônicos, os cavanêas, os árabes e os edomitas, os amonitas e maobitas adorando Eloim e caindo no politeismo; os egípcios, com um misto de monoteismo, panteismo e idolatria; os gregos e romanos, com suas divindades tão conhecidas; os gauleses, escandinavos e germanos, com seus templos druídicos, seus sacrifícios humanos, seus ritos cruéis e impuros, todos afirmam a universalidade do sentimento religioso. Não é possível separar o homem do Criador. Deus imprimiu na alma humana o sêlo da Sua presença.

("A Ordem" - 08.08.1942)

A RAZÃO CIENTÍFICA

Ato da inteligência e da vontade iluminada pela graça, a fé é a convicção da verdade. Crê-se na palavra divina. Aceita-se o ensinamento de Cristo que afirma Sua divindade comprovando-a com o argumento dos fatos. A fé não implica em uma submissão insconsciente da alma àquilo que se deve crer. Ao contrário, é um ato racional, lógico, científico. A razão estra em jogo na aceitação do que lhe é proposto, pesquisando os motivos da credibilidade. Age cientificamente. Baseia-se na veracidade divina, consciente de que Deus não pode se enganar. Pelo fato de não compreender a verdade proposta, nem por isso pode pô-la em dúvida, que assim duvidaria do próprio Deus.

A ciência humana falha, erra, está sujeita às mutações cosntantes. Não, porém, a ciência divina. As ciências naturais têm se baseado tantas vezes em hipóteses que hão sido substituidas de acordo com o progresso dos conhecimentos, que não podem ainda merecer a última palavra de fé. Os antigos ensinavam a existência de quatro corpos simples: água, ar, terra e fogo. A astronomia, a física, a química, a medicina e as demais ciências tiveram dogmas que baquearam à luz das novas investigações. E, no entanto, os sábios e seus discípulos aceitavam aqueles ensinamenstos, baseando-se apenas na palavra humana. Hoje se dá o mesmo fato. Os contemporâneos creem nas afirmações científicas do século. É claro que mais cientificamente age quem se firma no ensinamento de Deus. A veracidade divina é incontestável. As provas da revelação podem ser examinadas à luz da mais severa crítica. Quando os discípulos do Batista perguntaram ao Cristo se era realmente o Messias, Ele respondeu: "Dizei a João Batista o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, aos pobres é enunciado o Evangelho". Os milagres e

as profecias são argumentos insofismáveis da divindade do Cristo. E a veracidade histórica dos Evangelhos não se discute mais, tão comprovada está. É dentro deste ambiente que o homem crê. E aceita naturalmente as verdades que estão acima da razão, como o ignorante que nunca vivera fora do lugar do seu nascimento não tem direito de duvidar da existência de cidades e países de outros continentes, de que lhes falam outros homens.

Holfbauer dizia diante de um quadro: "Eu creio mais firmemente num Deus em três pessoas do que na existência deste quadro nesta parede, porque os sentidos podem me enganar mas Deus não". E tinha razão. Deus é a suprema verdade. Conhece-lo é ser sábio. Acreditar na Sua palavra é agir cientificamente.

("A Ordem"- 10.08.1942)

CORAGEM DE ATITUDES

A fé cristã é única virtude que precisa ser vivida. Sem obras é morta, como ensina Santiago. Tem o homem o dever de cumprir suas obrigações para com Deus. E muito particularmente o cristão. Sem alimentar a fé com a prática dos deveres religiosos, não terá vida, energia, coragem. E sem coragem amedrontar-se-á em se revelando piedoso, preferindo passar por um ateu ou indiferente. Escravisar-se-á ao respeito humano esquecido da sua própria dignidade e dos seus deveres de consciência.

O respeito humano é mal amigo. Nós o encontramos nos tempos messiânicos, naquela atitude de Nicodemos, o mestre de Israel. Sedento de verdade e desejoso de conhecer o Cristo depois de O escutar por detrás das colunas do templo, ele vai ter com Jesus. Mas não tem coragem de o fazer às claras. Prefere à noite, para que ninguém o veja. Torna-se discípulo do Mestre, mas oculto. Não quer que se saiba. Na paixão de Nosso Senhor, porém, toma atitude. Pede a Pilatos o corpo do Divino Justiçado.

Nicodemos formou uma escola. São incontáveis os seus discípulos. Nem todos, porém, seguem o exemplo do mestre, quando Cristo é crucificado. Muitos ficam nas primeiras lições. A casta dos covardes é muito grande. O exemplo dos mártires e confessores de todos os tempos são muitos louvados mas poucos seguidos. Há tanta gente que tem medo de parecer católica, que se envergonha da sua fé, que receia os olhares e as zombarias dos inconscientes e dos mal educados!

Não estamos, porém, em tempos de atitudes duvidosas. Depois da vinda do Espírito Santo, Nicodemos não teve mais respeito humano. Já estamos na era da graça. Um católico sem coragem de atitudes deve se esconder na pusinalimidade que o envolve.

Conta-se que em jantar no palácio de Luiz Felipe, o general Brum de Villerett que estava ao lado da rainha, deixára de se servir dos pratos que lhe foram oferecido. Interpelado pela rainha porque fazia assim, respondeu que não comia carne nas sextas-feiras. Para desfazer a confusão em que ficára a rainha, o marechal Soult tentou desculpar o companheiro. Mas o general lhe disse: "Então te admiras? Não sabes que em campanha jamais comí carne em dia de sexta-feira, mesmo quando tinha para comer a cabeça do meu cavalo?" É de católicos dessa estirpe que estamos a precisar. Pouco ou nada valem as suas convicções, sem fé, sem coragem. Estamos no tempo de Ação Católica. Todos são chamados ao combate pelo Cristo. Não é mais possível procurar o Mestre à noite. O pleno dia obriga cada um a se revelar. Na hora presente, não há lugar para os covardes. Ou se é por Cristo ou contra Ele.

("A Ordem" - 11.08.1942)

NECESSIDADE REAL

Tão necessária é a religião à vida humana que quando o homem se desvia de Deus, quando abandona os caminhos que o levam ao Criador, tende a forjar sistemas religiosos, a idealizar ídolos e adorá-los. Racionalismo, positivismo, etatismo, racismo, tudo se resume na necessidade que o homem tem de adorar.

Preste culto à razão ou à humanidade, à raça ou ao Estado qualquer que seja o ídolo, a manifestação do sentimento religioso é um fato. As associações atéias, com os seus ritos, macaqueam sempre as cerimônias do culto. Negando a Deus e querendo substituí-lo o homem dá provas de Sua existência e dos deveres que tem para com Ele.

O sentimento religioso está gravado na consciência humana. Faz parte da natureza do **rei da criação**. Para extinguí-lo seria preciso transformar o próprio homem. Este sentimento implica no conhecimento de Deus, nas regras dos costumes que obrigam o homem a amar o Criador e a fazer o bem, e na reverência para com o Ser Supremo, pelas manifestações públicas de adoração.

O conhecimento de Deus é o dogma, a verdade que se deve crer. As regras de costumes formam o conjunto das leis que constituem a moral.

A reverência para com o Criador, manifestada através de cerimônias, é o rito, a liturgia.

Aí está o homem todo, crendo pela inteligência, agindo pela vontade, manifestando-se pelos sentidos. O complexo destes três modos de agir constitue a religião. Dentro destes princípios o homem se volta necessariamente para o Criador, oferecendo-Lhe a adoração, ação de graças, amor, preces e penitência. Adoração, reconhecendo o poder e a sabedoria de quem criou e governa os mundos. Ação de graças, pelos

benefícios recebidos, pela vida e pela manutenção, pelos bens da alma e pela saúde de corpo, pelo trabalho e pelo progresso. Amor, pela correspondencia aos divinos afetos, pela prática do bem e pelo desejo de perfeição. Oração pela súplica à implorar graças e bençãos. Penitência pela reparação das faltas cometidas, das culpas da consciências, das manchas do coração. Eis o homem nas suas relações para com Deus. Tentar ver nas manifestações da religião na humanidade pavor do desconhecido, o medo dos elementos, é querer dar o efeito pela causa. O homem teme porque sabe que Deus existe. Estultice querer destruir a harmonia da natureza humana. Não é possível viver sem religião. Quem não adora Deus adora os ídolos.

O que é absurdo é pensar o contrário. O ateu é tão convencido da necessidade de Deus e da religião, que está sempre a blasfemar contra Ele. Ninguém se revolta contra o que não existe. A não ser que seja um louco.

("A Ordem" - 13.08.1942)

DEVER DE CONSCIÊNCIA

A crença em Deus torna a religião um dever de consciência. As obrigações para com o Criador não podem ficar à vontade dos homens. Adorar a Deus é um dever sagrado. Todos os seres foram criados para um fim. Esse fim deve ser cumprido, para que não se quebre a harmonia da criação. O fim do homem é amar e servir a Deus, adorando-o. Os atos pelos quais **o rei da criação** presta culto ao Criador constituem o que se chama religião. O homem adora aquele que lhe dá a vida, que lhe proporciona meios de aperfeiçoamento da inteligência e da vontade. Agradece os favores recebidos, benefícios de ordem espiritual e material. Penitencia-se das desobediências às leis divinas. E ama aquele que merece o amor de todos os corações.

As homenagens prestadas a Deus não devem ser apenas íntimas. Não basta que a alma se ajoelhe e que o coração adore. O homem vive em sociedade. Também em sociedade há de adorar. Os atos de piedade hão de ser coletivos. As cerimônias completam os atos internos. E perfazem as ações humanas. O homem não é somente espírito. Os sentidos fazem parte integrante de sua natureza. Não podem ficar à margem, nas relações para com Deus. E incentivam (ilegível). A liturgia é assim necessária. Quando desaparecem as cerimônias religiosas, também desaparecem os sentimentos do coração.Estes se refletam naquelas. Taine observou que na Índia, em tempos da Renascença, como na Inglaterra na época da Restauração, na França durante a Convenção e o Diretório, o homem se tornou pagão, como no primeiro século; e que ao mesmo tempo que retrogradava aos tempos de Augusto e Tibério, tornando-se voluntuoso e cruel, abusava dos outros e de sí mesmo, montrando-se egoísta e brutal, e arruinando a sociedade.

A ruína moral dos indivíduos e dos povos está na razão direta do esquecimento dos deveres para com Deus.

Como os homens, as nações têm o dever de prestar culto público, ao Criador. O ateísmo oficial é um absurdo. A sociedade civil é um prolongamento da família e do indivíduo. Tem as mesmas obrigações de religião.

Os deveres para com Deus pesam na consciência do homem, são inerentes às famílias e às pátrias. Bem o disse Leão XIII, na encíclica **Immortale Dei**, quando afirmou que a natureza e a razão que impõem preceitos religiosos aos homens, impõe-nos à sociedade também porque Deus tem os mesmos direitos sobre os homens isoladamente como reunidos, pois beneficia tanto um como outros.

Da fé na existência de um Ser Supremo, criador dos céus e da terra, nasce o dever de religião para os indivíduos e para as coletividades.

("A Ordem" - 16.08.1942)

GRANDEZA E DECADENCIA

O panorama religioso que a história revela nos faz ver claramente que a religião nasceu com o homem. E nos mostra, ao mesmo tempo, como se deturpou o mais nobre sentimento do coração humano. O estado de degradação moral a que se chegaram os povos mais cultos retrata a decadência da lei natural. Criado para a imortalidade, o homem viveu da sua grandeza.

Um acontecimento que a fé explica, uma quebra de harmonia na criação, pela desobediência formal ao criador, obscurece-lhe a inteligência e a vontade. Nuvens pesadas envolveram-lhe a razão, e ele ficou a tatear nas trevas, entregue a si mesmo, sem mais contar com as luzes do infinito. Não se apagou, porém, em su'alma o sentimento dos deveres para com Deus e para com os outros homens. Com a lei natural gravada na consciência iria atravessar os séculos.

Não tardou a se agravar cada vez mais o estado de decadência a que chegou a humanidade. Ao culto do verdadeiro Deus sucedeu um politeismo extravagante e absurdo. Tudo era Deus, exceto o próprio Deus comentou Bossuet. Adoravam-se os astros, as plantas, os animais. Os vícios eram divinzados. Os costumes tornaram-se cada vez mais degradantes. A lei natural era incapaz de levar o homem aos seus destinos imortais.

Em meio ao meremagno dos erros e das paixões, mantinha-se aqui e além, o verdadeio sentimento de religião, a crença em um só Deus. Era a tradição primitiva, a lembrança da palavra divina, a certeza da primeira revelação. Deus falára ao primeiro homem revelando-lhe conhecimentos sobrenaturais. A revelação adulterou-se com os tempos. Ficaram, porém, os seus vestígios. Todos os povos antigos tinham mais ou menos a mesma crença em algumas verdades conhecidas tão somente

pela revelação. O mistério da SS. Trindade, por exemplo, faz parte, embora que de modo obscuro e errado, de quase todos, senão de todos os sistemas religiosos de outróra.

Um povo permaneceu fiel aos primeiros conhecimentos da revelação. Foi a gente israelita, descendente de Abraão, Isaac e Jacó, destinada a conservar as tradições sagradas, os ensinamentos monoteistas.

Para que se conservassem fiéis a Deus, vivendo cercado das nações idólatras, os hebreus viram muitos milagres e resistiram, também, o peso de muitos castigos.

Vez por outra, surgiam profetas no meio do povo, a recriminar contra os crimes, pregando penitência e ameaçando flegelos. Aquela gente escutava a palavra de Deus, guardando-a nas tradições e nas escrituras, transmitindo-as às gerações através da autoridade dos patriarcas.

Daquele povo surgiria, na plenitude dos tempos, o Messias prometido, o restaurador da grandeza do homem.

("A Ordem" - 27.08.1942)

INDIFERENÇA CULPÁVEL

A necessidade da revelação impõe-se como uma conseqüência lógica da falência da lei natural. A incapacidade de o Homem amar e servir a Deus como deve, contando apenas com os recursos da razão, sem as luzes dos divinos ensinamentos, demonstra como a inteligência e o coração precisam da palavra do Criador.

Não é lícito ficar-se indiferente aos mais sagrados deveres. Ninguém pode em sã consciência, cruzar os braços diante do problema religioso. É grave a obrigação de procurar a verdade, de pesquisar as suas fontes, de conhecer a revelação. Os meios para conseguí-lo estão ao alcance de quem deseja responder às muitas interogações que faz a consciência. Compreendendo a necessidade da revelação e sabendo-se que Deus falou realmente aos homens, deve-se procurar saber onde se encontra a palavra divina, quam a guarda e quam a ensina. A revelação tem os seus caracteres distintivos, os sinais que tornam conhecida, o sêlo da divindade.

Através deles resplandesce a verdade.

Tais caracteres foram os argumentos intrínsicos e extrínsicos em favor da veracidade da palavra de Deus. Os sinais intrínsicos fazem compreender que no divino ensinamento não há erro, nem contradição, nem má fé, Deus é a suprema verdade. E nos mostram ainda aqueles caracteres como o sagrado ensinamento vem ao encontro das necessidades da razão, dignificando-a cada vez mais. Os milagres e as profecias constituemos argumentos extrísicos da revelação. São os argumentos irrespondíveis, os argumentois dos fatos.

Aos príncipes dos sacerdotes e fariseus que duvidam da Sua palavra, o Cristo disse: "Se não acreditais no que digo, crêde nas obras que faço".

Diante da lógica dos fatos, ninguém pode ficar indiferente. É uma necessidade e uma verdade a revelação, Deus fala aos homens. E a palavra divina está sempre viva. Não passa, não envelhece, não morre. Deve ser procurada no depósito sagrado da verdade, que é a Igreja.

Apesar dos golpes da mais ferrenha crítica, é sempre a mesma, a ensinar à humanidade os segredos de Deus e os caminhos da bemaventurança.

("A Ordem" - 04.09.1942)

O CRISTO

A mais rigorosa crítica não pode deixar de reconher que os escritos dos evangelistas marecem fé. Estão fartamente comprovada a autenticidade, a veracidade e a integridade dos Evangelhos. Surge das suas páginas a figura do Messias. Os evangelistas descrevem a vida do Salvador, anotam Suas pregações e muitos dos Seus milagres, e guardam as palavras com que o Cristo se disse Filho de Deus.

Jesus se apresenta ao mundo como arauto de novo reino, como mestre, como legislador e como taumaturgo. Prega que chegou o Reino de Deus e que é preciso fazer penitência e acreditar no Evangelho. Anuncía Sua palavra por toda parte, declarando que tem poder para fazê-lo. Como mestre forma ua escola, faz discípulos dos quais tira os apóstolos, e confere aos seus auxiliares imediatos o poder de expulsar os demônios, de curar os enfermos e de pregar o Reino dos céus. Como legislador, fala com autoridade. Referindo-se aos preceitos legais que devem ser aperfeiçoados de ordem espiritual, como de ordem material.

Quando os discípulos de João Batista querem saber se Ele é realmente o Messias, responde com os fatos: "Os cegos vêem, os côxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados".

Pregando em Nazaré, afirma que as Escrituras estão se cumprindo na Sua pessoa. Diz-se o Filho Unigênito de Deus, o Messias enviado do pai.

A Nicodemos ensina que desceu do céu, que é o Filho do homem que está no céu, e que Deus amou o mundo a tal ponto, que lhe deu o Seu Filho Unigênito.

À Samaritana diz claramente que é o Messias.

Pregando, afirma que é condição para alcançar-se o céu o escutar a Sua palavra. Quando pergunta aos discípulos o que se diz de Sua pessoa e o que dizem eles, à resposta de Pedro - "Tu es o Cristo Filho de Deus vivo" acrescenta: "Não foi a carne, não foi o sangue que t'o revelou mas o Pai que está no céu".

Em Jerusalém, na festa dos tabernáculos, afirma ao povo: "Minha doutrina não é minha mas daquele que me enviou". "Eu dou testemunho de mim, e dá testemunho de mim o Pai que me enviou".

Interrogado pelos judeus se era o Cristo, respondeu depois de aludir aos milagres que fazia em nome do Pai: "Eu e o Pai somos um só".

Quando o príncipe dos sacerdotes intima-Lhe a declarar se é o Cristo Filho de Deus, responde afirmativamente, muito embora custe-lhe a resposta a condenação à morte, como blasfemo.

Aos discípulos de Emaús fala das Escrituras referentes à Sua pessoa. E manda aos apóstolos que preguem o Evangelho ao mundo inteiro dizendo-lhes: "Como meu Pai me enviou, Eu vos envio".

O testemunho do Cristo merece fé. A sabedoria, a serenidade, a firmeza de vontade, a simplicidade, a santidade, a caridade e os demais traços da alma que revela, provam que Ele não é um alucinado, como querem os racionalistas, mas o Filho de Deus feito homem.

("A Ordem" - 08.09.1942)

FASES DA REVELAÇÃO

A história da revelação nos fez conhecer três fases de ensinamento de Deus aos homens. A primeira está ligada no berço da humanidade. A fé nos ensina como Deus criou o Homem à Sua semelhança, infundindo-lhe uma alma imortal, dotada de nobres faculdades e de sublimes aspirações. Além dos conhecimentos inerentes à natureza humana, a alma recebeu instruções de ordens preternatural. Em nada repugna que Deus falasse ao homem, dando-lhe a conhecer verdades que estavam acima da razão criada, verdades referentes à vida íntima do Criador. A revelação começou, assim, como o próprio homem. O choque sofrido pela humanidade, em conseqüência da primeira culpa, não quebrou a sucessão dos divinos ensinamentos. Noé a Abraão falam com Deus. Vai até Moisés a primeira fase da revelação. Nela se encontram dogmas a respeito da unidade de Deus e da natureza humana, bem como preceitos que regulam os costumes, e sacrifícios que se oferecem ao Criador. Moisés foi o grande chefe do povo israelita. Os hebreus, que viviam no Egito desde o tempo do vice-reinado de José sofriam os rigores do cativeiro, quando o pastor de Madian foi chamado para libertá-los. Criado pela filha de Faraó, quando os israelitas recem-nascidos eram expostos à morte, Moisés seria mais tarde o condutor do povo através do deserto, em marcha para a terra da promissão. Deus lhe falou da sarça ardente, revelando-Se o ser supremo "Eu sou aquele que é" disse Jeová. E mandou que se apresentesse à Faraó, e pedisse permissão para retirar os descendentes de José das terras do Egito. Depois das pragas, que foram as credenciais com que Moisés provou a sua missão, os israelitas partiram, atravessando a pé enxuto o mar Vermelho.

No deserto, inicia-se a segunda fase da revelação. Deus vai falar ao povo, ditando leis que completassem a lei natural. Moisés sobe o Sinai. Entre relâmpagos e trovões, recebe o Decálogo. Com as leis morais, Deus dita as leis do culto, a liturgia com que deve ser homenageado.

Mais tarde, quando os hebreus querem esquecer o verdadeiro Deus, deixando-se infiltrar dos erros politeístas dos povos vizinhos, surgem os profetas que vergastavam os pecados dos reis e dos súditos, ameaçando castigo para os que se obstinam no mal. Os tempos messiânicos marcam a terceira e a última fase da revelação.

Jesus cristo é o prometido por Deus, o Salvador. É o Filho de Deus feito homem. Sua palavra completou a revelação. Seus ensinamentos aperfeiçoaram a lei mosaica. Era ela a própria verdade. Ensinou os mistérios mais profundos de Deus. Falou claramente da vida íntima do Criador revelando a Trindade. Estabeleceu na terra o reino dos céus e confiou a pureza dos seus ensinamentos à Igreja que fundou. Os dogmas, a moral e a liturgia estão nas suas palavras.

A vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos, aclarando-lhe a mente, foi o ponto final da revelação. Tendo os conhecimentos necessários à felicidade do homem estão guardados nos ensinamentos do Cristo. As escrituras e a tradição constituem os depósitos sagrados da eterna verdade, confiado à Igreja. As revelações havidas na era cristã, aparições do S. Coração de Jesus ou de Maria Virgem não são essenciais à vida eterna do homem, não trazem novos ensinamentos, São apenas confirmações da palavra do Cristo, da veracidade da igreja, testemunhas da divindade da religião, meios de fomentar a piedade entre as almas. O último período da revelação é a época messiânica.

("A Ordem" - 09.09.1942)

DIVINA LUZ

O homem sente no coração anseios de infinito. A terra não lhe basta. Ideais supremo sacodem-lhe a consciência. Aspira uma verdade infinita, um bem que não se acabe, alegrias que sejam eternas. Aos gritos d'alma responde a revelação que é a palavra de Deus, o ensinamento do Criador. O cristianismo soluciona todos os problemas do espírito, resolve todas as questões propostas pela inteligência e pelo coração. Enquanto a filosofia tateia nas trevas, querendo responder às perguntas da alma, a revelação diz a última palavra com a clareza da luz divina. A existência e a natureza de Deus ficam mais ao nosso alcance. A vida íntima do Criador se nos torna conhecida. A razão nos fala da existência de um ser supremo mas não nos pode dizer que Ele apesar de uno em essência é trino em pessoas. A revelação nos faz melhor compreender a origem do mundo, saindo das mãos de Deus para manifestar o seu poder e glorificá-lo, dando-nos as razões do criacionismo e apontando-nos os absurdos do panteismo e do materialismo. Explica-nos a origem da vida e a natureza do homem, a espiritualidade e a imortalidade da alma, o estado de elevação em que foi criada a humanidade e a decadencia daquela grandeza primitiva, como castigo do primeiro pecado, mostra-nos o homem reabilitado pelo Cristo, com os mistérios da Incarnação e da Redenção, capacitado, outra vez, para alcançar o seu último fim, a glória eterna, a visão beatífica, contando para isso com os meios que Deus lhe dá pela graça dos sacramentos. Faz-nos viver uma ética perfeita compendiada no grande mandamento do amor. A caridade para com Deus e o próximo regula todas as ações humanas pondo freios aos instintos, fazendo com que predomine a razão iluminada pela fé. Santifica o indivíduo, a família e a sociedade. Irmana todos os homens sob a paternidade de Deus. E os convida a uma perfeição quase absoluta,

semelhante à do Criador, através das palavras do Filho: "Sêde perfeitos como o Pai".

Os benefícios da revelação atingem o homem total. Não somente a alma é favorecida. A parte sensível merece graças extraordinárias. Bastariam os mistérios da Incarnação e da Redenção para comprová-lo. Um Deus que se faz como um de nós, que se torna homem e sofre e morre pelo nosso amor, tudo isso fala ao coração. e como se não bastasse tantas provas, aqueles mistérios revivem, perpetuam-se no altar, na Eucaristia, no sacrifício incruento que se renova todos os dias. E o homem partilha diretamente na munificência de Deus, sentindo-se como deificado, recebendo no coração o Verbo que se faz carne, podendo dizer como o apóstolo S. Paulo: "Já não sou eu quem vive, é Cristo quem vive em Mim".

Efeitos maravilhosos, da revelação.

Aspirações do homem plenamente satisfeitas. Felicidade que alcança. Último fim que se compreende e se consegue.

("A Ordem"- 14/09/1942)

DIGNOS DE FÉ

O Cristo provou a Sua divindade com Sua palavra, com Seus milagres e com as profecias que se referiam à Sua pessoa. Tais argumentos estão contidos nos Evangelhos, nas Epístolas e nos Atos dos Apóstolos, principalmente nos primeiros. Para se estudar a pessoa de Cristo hão de se verificar as fontes históricas que a retratam. Serão dignos de fé os Evangelhos? Terão sido escritos pelos apóstolos e discípulos? Conterão a verdadeira história do Messias? Não terão sido inventados pela Igreja? A tais perguntas responde a mais severa crítica histórica, afirmando a autenticidade, a integridade e a veracidade dos sagrados livros. Está provado suficientemente que os Evangelhos foram escritos pelos discípulos de Cristo; que narram fatos e que não foram alterados com o decorrer dos tempos. Assim os demonstram os primeiros séculos da Igreja. Recuando-se ao ano de 220, quando é certo que eram tidos como autênticos os Evangelhos escritos pelos santos Mateus, Marcos, Lucas e João recuando-se daquele ano ao primeiro século, encontram-se nos escritos de Clemente de Alexandria, Tertuliano e São Teófilo no Cânon de Muratori e nas edições de Taciano, em Papias e em muitos outros escritores dos primeiros tempos referências e citações dos evangelistas. Argumentos intrínsecos, tirados dos próprios Evangelhos, comprovam também a autenticidade dos mesmos.

Autênticos são igualmente verdadeiros. São absolutamente exatas as narrações. Os evangelistas não poderam se enganar, pois que narram o que viram ou ouviram, sem paixão e sem entusiasmo até. Foram tão sinceros que sofreram perseguições pelo que afirmaram. Escreveram para contemporâneos que conheciam os fatos narrados.

A integridade dos livros está suficientemente provada. Durante os dezessete primeiros séculos, nada foi alterado nos Evangelhos. Os

deturpadores da palavra de Deus foram os hereges protestantes. As mais antigas versões, os mais velhos manuscritos estão de acordo com os originais e com os textos atuais.

Deus guarda intacta a Sua palavra para que todos os homens, em todos os tempos, a escutem. Bem disse Deharbe: "Deus que, há seis mil anos vem conservando o esplendor do sol, tem também poder para conservar a chama da fé que acendeu nos livros sagrados. Assim como não creou o sol para os nossos primeiros pais somente, assim também não mandou escrever a Bíblia apenas para os primeiros cristãos". Por todos os títulos merecem fé os escritos dos evangelistas.

("A Ordem"- 26/09/1942)

MILAGRES...

Os ímpios tentam negar os milagres, como se fosse possível esconder a evidência dos fatos.

As asas das aves, por maiores e negras que sejam, não escondem o sol. A verdade refulge através dos próprios argumentos com que o racionalismo ousa querer ocultá-la, como os raios do sol passam entre os leques das asas abertas nos espaços. Renan escrevendo que para a ciência uma explicação sobrenatural nem é verdadeira nem falsa, pelo que é supérfluo combatê-la, e concluindo que a base de toda crítica é considerar um acontecimento miraculoso forçosamente uma pura ficção, confessa, sem o querer a possibilidade de negar os milagres.

Considerado filosoficamente, o milagre é possível. Além de ser um fato que tem existência real, como prova a história de vinte séculos de cristianismo, não repugna Deus fazê-lo, alterando as leis da natureza que criou e governa, nem tão pouco às criaturas serem instrumentos da manifestação do poder do Criador.

Deus criou o mundo livremente. Pode, a seu arbítrio, alterar as leis às quais submeteu todos os seres.

Os milagres podem ser averiguados cientificamente. A Igreja faz questão que sejam examinados à luz da crítica honesta e consciente os fatos considerados miraculosos.

E não os admite como tais senão quando provados.

Lourdes é um vasto campo de observações. Aí está o milagre de S. Januário, repetido anualmente em Nápoles, deixando algumas vezes de se realizar, como prenúncio de calamidades, ao que médicos de todas as castas vão assistir.

Diante dos caracteres sobrenaturais dos acontecimentos miraculosos, a ciência nada tem a dizer. Porque não sabe explicá-los não

os pode negar. Não é possível dizer-se que é uma mentira a vida de Teresa Neumann tantos anos sem se alimentar, perdendo tanto sangue nas suas visões e sentimentos de Paixão e Morte do Salvador, no que foi observada por tantos médicos.

Os milagres são os sêlos de Deus. Com eles o Criador demonstra o poder que tem sobre os elementos e assinala a missão dos seus enviados. Com eles provou o Cristo que era o Messias prometido. Com eles prova ainda a divindade de sua Igreja, a santidade da religião que deixou aos homens e a necessidade das almas se aproveitarem dos benefícios da Sua misericórdia para que sejam salvas.

Aos que se dobram à evidencia dos fatos, aos que olham os prodígios extraordinários das mãos de Deus e reconhecem o Seu poder infinito, acreditam no Seu Filho Unigênito, o Cristo promete o céu conforme afirmou nestas palavras: "Quem crer será salvo".

("A Ordem" - 1940)

A PROVA DOS FATOS

O Cristo se apresentou ao mundo afirmando Sua divindade. Muitos dos que O ouviram, porém, não deram crédito às Suas palavras. Ele apelou, então para o testemunho dos fatos: "Se não acreditais no que digo, crêde nas obras que faço".

Os milagres são argumentos que provam a divindade de Cristo e o Seu caráter messiânico. Aos discípulos de João Batista que perguntavam a Jesus se era Ele realmente o Messias, o Divino Mestre apontando a multidão dos enfermos que O procuravam, respondeu que os cegos viam, os mudos falavam, os côxos andavam, os leprosos ficavam limpos, os mortos ressuscitavam.

O milagre é uma suspensão das leis naturais feita por intervenção divina. "Pode Deus fazer milagres? - Perguntou Rousseau. Pode Ele derrogar as leis que Ele mesmo decretou? Esta pergunta seriamente proposta seria ímpia, se já não fosse uma loucura propô-la. Far-se-ia muita honra a quem lhe desse uma resposta negativa, infligindo-se-lhe um castigo; melhor seria e mais acertado isolá-lo do convívio humano. Mas também que homem ousou jamais negar que Deus pudesse fazer milagres?"

O milagre é possível e existe realmente. Não pode ser negado. Aí estão, para falar nos tempos de hoje, os fatos sobrenaturais de Lourdes, o milagre anual de São Januário, os prodígios da intercessão de Santa Terezinha e tantos outros.

Os Evangelhos cuja autenticidade e veracidade histórica não podem ser contestadas, narram muitos os milagres que fez o Cristo. À presença do Messias eram levados os enfermos de todas as doenças. Com uma simples palavra ou com a imposição das mãos, restituia-lhe Ele a saúde.

Citam os evangelistas: "Jesus percorria toda a Galiléia... sarando todas as enfermidades e males entre o povo. A Sua fama espalhava-se por toda a Judéia, de modo que lhe traziam todos os doentes, todos os atacados de enfermidades e males diversos, os endemoniados, os lunáticos, os paralíticos, e Ele os curava". "Os cegos e côxos iam a Ele e Ele os curava".

"E toda a multidão procurava tocar-Lhe, porque saía d'Ele uma virtude que curava a todos". "Por todas as partes aonde entrava, nas casas, nas aldeias e nas cidades, punham os doentes nas praças públicas e Lhe pediam lhes permitissem tocar a orla do Seu manto, e todos que O tocavam ficavam curados".

Os apóstolos viram o Cristo mudar a água em vinho, ordenar a pesca miraculosa, caminhar sobre as águas, acalmar tempestades, perdoar pecados e ressuscitar mortos.

São João escreveu: "Estes milagres foram escritos para que vos convençais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em Seu nome. E cita ainda estoutras palavras do Mestre: "As obras que meu pai me deu que realizasse, essas mesmas que faço é que de mim dão testemunho, e mostram que é meu Pai que me enviou".

("A Ordem"- 13/10/1942)

PERPÉTUO MILAGRE

As profecias constituem argumentos comprobatórios da divindade do Cristo. Pascal crismou-as de perpétuos milagres, quando escreveu: "É um perpétuo milagre a realização de todas as profecias, e não havemos mister outra prova para se reconhecer a divindade da religião cristã".

Na sinagoga de Nazaré, Jesus abriu o livro de Isaías e explicou esta passagem do profeta: "O Espírito do Senhor repousou sobre mim; pelo que me ungiu para evangelizar os pobres, me enviou a sarar os contritos de coração, a anunciar aos cativos, e aos cegos a vista, e por em liberdade os oprimidos, a pregar o ano favorável do Senhor e o dia da retribuição". E concluiu: "Hoje se cumpriu esta escritura que acabais de ouvir", significando que a profecia se referia à Sua Pessoa. A História do Cristo foi escrita por antecipação. Os profetas anunciaram que Ele seria descendente de Abraão e de Daví, da tribo de Judá; que nasceria de uma virgem na cidade de Belém, antes de a nação perder a independência, na septuagéssima semana de anos depois do edito da reconstrução do primeiro templo e antes da destruição do segundo templo; que o mundo estaria em paz, no seu nascimento, e que um enviado prepararia os seus caminhos; que seria o Emanuel - Deus conosco, o Salvador, o Cristo - o Ungido, o Filho de Deus, e Deus escondido, o sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, o Admirável, o Conselheiro, o Deus forte, o príncipe da paz; que seria adorado pelos reis do Oriente; que moraria no Egito e em Nazaré; que buscaria as ovelhas perdidas, consolaria os aflitos e faria muitos milagres; que seria vendido por trinta dinheiros, chagado nas mãos e nos pés; que lhe dariam fel e vinagre. Além das palavras dos profetas, o simbolismo na lei antiga, na qual o Cristo é figurado no

cordeiro pascoal, no maná, na serpente de bronze, em Isaac, em José e Jonas.

Entre a última profecia e o nascimento do Messias medeiam quinhentos anos. As profecias messiânicas não eram conhecidas apenas pelos israelitas. Entre os anos duzentos e oitenta e cento e vinte e cinco, antes de Cristo, os livros sagrados foram traduzidos para o grego, por ordem de Ptolomeu. O Salvador era esperado por todos os povos, como demonstram os historiadores. "Era geral, escreveu Tácito, a persuação baseada nas antigas profecias, que o Oriente ia prevalecer e que da Judéa sairiam os senhores do mundo". Enquanto assim pensavam os ocidentais, os orientais esperavam o Redentor no ocidente, como afirma o próprio Voltaire.

Somente Deus, para quem tudo é presente, pode prever os acontecimentos. O que se disse do Messias, realizou-se na pessoa do Cristo. Não é possível a alguém fazer cumprir em si o que se escreveu a milênios, principalmente quando se têm em vista os mais circunstanciados detalhes de um martírio infligido pelos outros.

Dizendo-se Filho de Deus, o Cristo apelou para o testemunho das profecias. "Estudai as Escrituras vós que credes, encerram-se nelas as palavras de vida: são elas que em meu favor testemunham". Estudando-se o que disseram os profetas, de Israel, vê-se que Jesus Cristo é realmente o Unigênito de Deus.

("A Ordem"- 17/10/1942)

O DIVINO PROFETA

São as profecias o prenúncio do futuro. Antes da Sua vinda ao mundo o Cristo era esperado pelos homens.

. Os profetas de Israel O anunciaram, descrevendo as fases da Sua vida terrena. Ele costumava invocar o testemunho das Escrituras, para provar que realmente era o Messias

A realização das profecias na pessoa do Salvador, constitui um dos argumento da Sua divindade.

Não é menor o valor das profecias feitas pelo próprio Cristo. Ele não anunciava as coisas futuras como os varões de Israel, por ordem de Deus, mas Seu próprio nome, como estando a ver os acontecimentos que predizia. Os apóstolos viram a realização do que Ele anunciou, como vêem os séculos.

Falando sobre Sua Paixão, disse que o Filho do homem seria entregue aos príncipes dos sacerdotes e anciãos do povo, que O condenariam à morte entregando-O aos gentios para que O flagelassem e O matassem; que os apóstolos haveriam de se escandalizar na Sua Paixão; que Pedro O negaria por três vezes, antes que o galo cantasse; que um dos apóstolos O trairia e que o traidor seria Judas.

Predisse que ressuscitaria. Anunciou que os apóstolos seriam perseguidos. Disse que com a vinda do Espírito Santo os apóstolos seriam esclarecidos nas verdades que ensinara. E profetizou a destruição de Jerusalém.

Em toda Sua paixão se cumpriu o que Ele anunciou. Ao terceiro dia de Sua morte, ressuscitou, como predissera, afirmando que em três dias reedificaria o templo e que outro sinal maior de Sua divindade não teriam os príncipes dos sacerdotes e fariseus do que o do profeta Jonas.

Os apóstolos foram transformados pelo Divino Espírito Santo, no dia de Pentecostes. Jerusalém foi destruída pelas hostes romanas, e os seus habitantes passados a fio de espada.

Os sofrimentos dos apóstolos e dos seus sucessores constituem uma das páginas mais gloriosas da Igreja.

Quem falou assim do futuro, vendo-O como presente, afirmando com autoridade pessoal o que ensinou, não foi um simples profeta mas um Deus. As profecias do Cristo atestam a Sua divindade.

("A Ordem"- 24/10/1942)

O GRANDE REI

Quaisquer que sejam as formas de governos que os povos aceitem, nenhuma fala mais alto do que a realeza das multidões. A coroa passa da cabeça do príncipe para a testa do povo soberano. E a realeza existe sempre. Ela fala dos princípios de grandeza que é a autoridade que vem de Deus.

Dos seus próprios hábitos de agir e de pensar, a humanidade conclue os títulos de Deus. Porque a realeza fala tão alto do poder de governar, da soberania dos imperantes sobre seus súditos, os homens compreende que a Deus cabe o título de monarca supremo do universo. E como o Filho se apresenta revestido da natureza humana, não se tem dúvida de coroar-lhe a fronte com o diadema da mais alta realeza. Mesmo que Ele não se tivesse dito rei, diante do representante do maior poder civil dos tempos messiânicos; mesmo que não se lesse no alto da cruz aquela inscrição real, gravada nas línguas mais nobres de então; mesmo que o Cristo não crismasse do reino dos céus a eterna bemaventurança, os povos todos da terra, ao reconhecer a Sua divindade, haveriam de procamá-lO o Rei imortal dos séculos.

As escrituras exaltam a realeza do Cristo. E a humanidade, representada nos reis do Oriente como nos pastores de Belém, vai adorá-lO como Rei, apesar da humildade do Seu presépio, desde a hora od Seu nascimento. Quando a luzida caravana dos Magos estacou em frente a Jerusalém, perguntaram eles onde havia nascido o Rei dos judeus. Eles viram a Sua estrela e vieram, com presentes, para adorá-lO. Mais tarde o grande Rei desfradaria o Seu pendão de conquistas e os seus batedores palmilhariam todas as estradas do mundo, como arautos da Sua realeza. Aquela mesma humanidade que O adorou no berço, que lhe ofereceu

ouro, incenso e mirra, multiplicar-se-ia através dos tempos, proclamando a eterna realeza do que impera sobre o universo inteiro.

Como as sombras realçam a beleza dos quadros, não faltariam às aclamações ao Divino Rei, as imprecações dos maus, as perseguições dos Herodes de todos os tempos. Mas Herodes não conseguiu matar o rei infante.

Os seus continuadores não conseguiram nem conseguirão.

Que importa o ódio dos maus? Que valem as perseguições? cada vez mais drapejantes se alteiam nas consciências os estandartes do Cristo. As trombetas reais anunciam a Sua passagem pelos séculos fazendo tremer nos sepulcros as cinzas dos perseguidores, enquanto a marcha triunfal do grande rei avança pelo tempo e pelo espaço.

Não tarda a hora em que nos túmulos dos perseguidores de hoje as cinzas dos Hitler, dos Lénine e dos Stalin, dos Cales e dos Azana, repetirão a mesma frase que os manes de Napoleão, dos revolucionários franceses, dos Henrique VIII, dos Deocleciano já repetiram, fazendo eco a blasfêmia de Juliano:

"Vencestes Galileu"! É o reconhecimento da soberania do Cristo. É o grande Rei que triunfa. É a consciência humana a tributar ao Deus-Homem o maior título que conhece - o de Rei, vendo n'Ele o supremo Senhor de todos os povos, o soberano de todos os corações. Ao lado das consciências que proclamam com amor e adoração a realeza do Cristo, o grito de desespero dos que O odeiam mas não podem fugir à Sua Soberania.

Nos céus e na terra, no tempo e na eternidade, os homens e os anjos cantam o hino triunfal de Cristo-Rei.

("A Ordem"- 29/10/1942)

DEUS

Por mais comum que se tornem, por mais que deparemos com eles a cada passo, por mais que estejamos a utilizá-los a todos os momentos, não podemos deixar de admirar os prodígios da inteligência humana. Que cousas sublimes nos oferecem as ciências e as artes! Quantas vezes passamos indiferentes diante, por exemplo, de um maquinismo moderno! Se nos detivemos, porém, a examiná-lo, quanta maravilha se nos oferece! Como é admirável a aparelhagem do rádio! O homem falando, e podendo ser ouvido pelo mundo inteiro. Uma engrenagem maravilhosa de peças a receber a palavra humana e a transmití-la a todos os espaços. Apenas uma pequena mudança de sintonização, e variam as estações transmissoras.

Quem pode pensar nos prodígios de que é capaz o homem, sem lhe admirar a inteligência, sem lhes reconhecer os lampejos d'alma? Quem seria capaz de negar-lhe inteligência?

E que são os prodígios da inteligência humana diante dos efeitos maravilhosos da inteligência de Deus?

Um poeta norte-americano extasiado diante de uma árvore, perguntava quem seria capaz de fazer uma cousa mais linda. Pode um homem escrever um poema, dizia ele, mas um poema como a árvore somente Deus pode escrever. Os prodígios da sabedoria divina estonteia-nos e nos fazem dobrar os joelhos diante das belezas da criação. Quanta harmonia na música dos astros, cantando em sinfonias de estrelas as glórias do Criador! Quanta grandeza na vastidão dos mares erguendo-se em ondas para os céus, oferecendo a Deus flocos de espumas! Quanta magestade nos montes que são os braços da terra a se levantar para o infinito, numa prece de louvor e de graditão! E os mistérios da vida, nas suas várias manifestações? E as maravilhas dos sentidos? E os lampejos

da inteligência? E o poder da vontade? Os seres estão todos a gritar que Deus existe, abafando o coaxar inconsciente dos que negam o Criador. Deus é a verdade primária. Dí-lo a inteligência humana através dos seus próprios prodígios. Negar Deus diante do grande quadro da natureza seria o mesmo que negar a inteligência humana diante dos prodígios das ciências e das artes. Pelos efeitos ajuizamos as causas. Como pelas realizações do homem deduzimos a sua inteligência, pelo modo em que vivemos e do qual somos partes integrantes chegamos à causa primária de todos as cousas, à suprema Inteligência - Deus.

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Ninguém pode prescindir do amor de Jesus Cristo, rei imortal dos séculos.

Sem ele as almas agonizam, perdidas no deserto da vida, sem luz, sem conforto e sem fé.

Só o amor infinito de Jesus Cristo, fonte perene da mais pura e doce consolação, ergue o pobre coração humano às alturas superiores do bem, da virtude e da pureza.

Daí a serena beleza moral e o esplendor do culto do Sagrado Coração de Jesus.

"A essência da devoção do Santíssimo Coração de Jesus, diz Pio XI, consiste em meditarmos e venerarmos, na imagem simbólica do coração, a caridade imensa e as amorosas expansões do nosso divino Redentor".

Não é de hoje o culto que se faz em homenagem ao Coração Adorável do Salvador.

A Igreja Católica, mestra infalível da verdade, "nunca duvidou, nunca pôde duvidar que fosse adorável o Coração do Homem-Deus".

O Coração de Jesus é a caridade que não cansa, é o amor misericordioso, é o doçura inefável, é a luz em nossas noites dolorosas, é o bálsamo para a inquietação da alma humana em suas lutas e anseios, é numa palavra o Único Amigo em cujo peito podemos descansar tranquilos e seguros.

No Coração de Jesus, nossa vida e esperança, está a misericódia infinita convidando dia a dia, momento a momento, todos os náufragos da fé e a grande multidão dos infelizes e desgraçados.

Há, no Coração Divino, abismos de misericódia e ternura insondáveis como os juízos de Deus.

A história deste coração é uma delícia eterna, Jesus Cristo deu-nos o seu coração e quer o nosso amor.

"Estou com sêde, disse Jesus à bemeventurada Margarida Maria Alacoque, estou a arder de desejo de ser amado; as almas quero eu convertê-las a meu amor".

Só no amor de Jesus Cristo, na formosura do seu Coração Sagrado, nos esplendores de sua imensa caridade, encontraremos a palavra que dá repouso completo e segurança absoluta. O coração humano foi criado para o amor que não morre. A plenitude do amor imortal está no Coração Adorável de Jesus. Almas amarguradas, coração ulcerados, confiai plenamente no amor e na beleza do Sagrado Coração de Jesus!

(1928)

O CORAÇÃO EUCARÍSTICO

O Cristo quer celebrar com os Apóstolos a Páscoa.

O Cordeiro figurativo vai desaparecer. O Cordeiro, sem mancha que apaga os pecados do mundo, é Ele mesmo.

A Páscoa cristã vai suceder à Páscoa judaica.

Os discípulos parecem pressentir algo de extraordinário. Silenciosos, eles contemplam o Mestre.

Jesus está triste. "Quanto desejei comer convosco esta Páscoa antes de padecer". Era a última do rito mosaico.

Mais algumans horas e o verdadeiro Cordeiro de Deus seria imolado.

Naquele momento de adeus, o Salvador se prepara a dar cumprimento à sua promessa. Jesus se levanta, depõe o seu manto, cinge-se com uma toalha: é o uso dos escravos no trabalho. Os apóstolos estão surpresos e a sua surpresa é ainda maior quando vêem o Mestre tomar a bacia das abluções, ajoelhar-se e lavar humildemente o pé do discípulo mais próximo.

S. João, que com seu olhar de águia penetra os abismos do Homem-Deus, nos diz que Jesus Cristo se ajoelha e lava os pés dos seus Apóstolos com plena consciência de sua perfeição infinita, de sua divindade.

Espantoso ver o Criador aos pés da criatura. Semelhante espetáculo desconcerta a humana razão. Lavar os pés era o serviço destinado ao último dos escravos.

Ficou imperecível na memória da humanidade, vítima do orgulho essa desconcertante lição de humildade.

A Alma humana, ferida de soberba, devia ser restaurada pelas incompreensíveis humilhações do Homem-Deus.

Entre os doze estava o traidor.

Jesus lava os pés de Judas.

O ardente e afetuoso Pedro se revolta contra a humildade do Mestre.

O Salvador conhece o lado fraco do seu Apóstolo: o coração. "Pedro, se não te lavar os pés, não terás parte comigo".

Não ser mais do seu Mestre, isso nunca.

"Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça".

É tocante e sublime!

O Redentor retomar as suas vestes, volve à mesa e ocupa o seu lugar.

O seu olhar se ilumina. Ele vai dar ao homem a maior prova do seu amor.

O seu Coração Divino está abrazado da mais violenta caridade.

Para contentar o seu amor, Jesus invoca a sua onipotência. E, recolhendo-se dentro de sí mesmo, resolve instituir a Eucaristia.

Não tendo mais que dar, dar-se a sí mesmo na plenitude do seu ser, da sua vida, da sua verdade, da sua beleza, do seu amor. Ele sabe que em torno do seu mistério, do seu silêncio eucarístico, uivará o orgulho humano sob todas as formas do ceticismo religioso. Ele sabe que a indiferença do mundo não se lembrará do sublime suplicante do altar. Ele sabe que até os seus sacerdotes e fiéis nem sempre o hão de consolar no seu horto sacramental.

Nada, porém, retarda os generosos desígnios do seu amor.

"Tomai e comei: Isto é o meu corpo. Tomai e bebei: Isto é meu sangue".

O primeiro movimento da razão foi o espanto. Depois esta, firmada na palavra eterna do Divino Mestre, gritou comovida: Eu creio e adorou.

O Cristianismo é amor e em amor se resolve toda a sua história divina.

E, escondido sob a nuvem do sacramento, Jesus continua a sua grande obra de amor.

O Coração Eucarístico criador de tal maravilha da caridade, lá está dia e noite, nesta vigília perene do tarbenáculo, orando, iluminando o mundo, amando, consolando, perdoando.

Recordando a Instituição Adorável da Eucaristia, sublime invenção do amor divino, os nossos olhos se fixam nesta Hóstia Imaculada que peregrina com a humanidade até a consumação dos séculos, e o nosso coração saturado desta vida mortal, sente a atração irresistível da fé e do reconhecimento para esse polo infinito da graça e do amor.

(1926)

SUPREMA ASPIRAÇÃO

É bem conhecida, e guarda os mais profundos ensinamentos, aquela passagem da vida de Agostinho de Hipona, quando o grande espírito sentia a angústia da verdade. Torturado pelas dúvidas, preso aos grilhões de cadeias de paixões que o cativaram por tantos anos; querendo voar para os espaços infinitos, como uma ave acorrentada que forceja por se libertar, Agostinho olhou, certa vez, os vales e os montes, e perguntou, num grito angustiado - Sois vós que guardais a felicidade que eu procuro? E os ecos responderam-lhe - Procura acima de nós.

Fitando os céus e interrogando os astros que pontilhavam os espaços, perguntou-lhes - Sois vós que guardais o que minh'alma procura? E os espaços responderam - Procura acima de nós.

A alma de Agostinho voltou-se, então, para Deus, e exclamou - Senhor, vós sois o bem por que anseio!

Deus é a suprema aspiração da alma.

Que pode o homem encontrar na terra que não seja uma ilusão? Amor, glória, prazeres... tudo passa como passam as nuvens, tudo murcha como as flores, tudo cansa, entedia, envelhece. O tempo se encarrega de desfazer as mais fortes ilusões, de gastar o coração, de apagar os fogos-fátuos dos sonhos.

O espírito humano não pode contentar-se com o que a terra lhe oferece, porque foi criado para Deus.

As aspirações humanas são infinitas. Um amor que não morra, um bem que não se acabe, uma verdade que não se anuvie são anseios que não podem ser limitados. O tempo e o espaço não podem contê-los. Somente Deus é eterno amor, é bem infinito. Somente Ele pode encher os vasios do coração humano.

Se há homens que não pensam em Deus, que não O procuram, que não sentem a Sua necessidade, é porque não têm aspirações. Desceram de tal sorte ao nível da animalidade, que apenas sabem olhar para a terra. São incapazes de grandes ideais, renunciando aos mais puros e legítimos anseios d'alma.

Pobres espíritos angustiados pelas dúvidas e torturados pelas desilusões! Não encontrando felicidade na terra, não sabem se elevar para os céus e buscá-la em Deus. Ah! se repetissem o grito de Agostinho! Toda a terra lhe responderia apontando com os dedos gigantes das montanhas os espaços infinitos, além dos quais se encontra a suprema ventura da alma - Deus.

A GRANDE SEMANA

Moisés, outrora, para se aproximar de Deus, descalçou as sandálias porque pisava uma terra santificada pela presença do Creador... É descalçando as sandálias das preocupações terrenas que devemos entrar na grande semana comemorativa da Paixão e Morte do Salvador. Vamos nos aproximar do Cristo crucificado. Vamos contemplá-lo de perto para melhor compreender o Seu sacrifício, e amá-LO mais devotadamente. Semana de profunda meditação a que se inicia manhã. Com a cerimônia de Ramos, recordaremos a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. O ruído dos seus milagres abalára a cidade, naquela festa da Páscoa. O povo queria aclamar o Messias. O Cristo ia ser recebido triunfalmente, para depois ser apupado pela mesma gente que estendera panos e ramos à sua passagem. Os cânticos de hosana se transformariam em gritos de morte. O Cordeiro pascoal, que era símbolo, ia ceder lugar à realidade. Não mais o sangue dos touros e das ovelhas seria derramado nos altares. Um sangue divino jorraria no altar da Cruz, arremetendo para o céu, assinalando as portas da bemaventurança, abrindo-as para a humanidade.

A lembrança daqueles acontecimentos fez-nos revivê-los através da nossa fé a da nossa imaginação. Recordando-os, nós ficaremos ao lado do Cristo, vendo-O traído e preso, flagelado e coroado de espinhos, e com Ele subiremos a encosta do Calvário, levando aos ombros a cruz da Redenção. Assistiremos a crucifixão da Divina Vítima, testemunharemos a Sua agonia e morte, ficando ao pé da cruz em companhia de Nossa Senhora. Seja essa a nossa atitude, a posição da alma verdadeiramente cristã.

Mergulhando o coração no mar imerso de amor e de sofrimento que é o coração do Cristo crucificado, partilharemos daquele sangue e daquela água que correram do Seu peito ferido pela lança.

Água e sangue que purificam e dão vida. A água é o batismo que regenera e a penitência que redime. O sangue é a Eucaristia, o divino alimento que garante a vida eterna. Regenerados nas águas do batismo, pela graça do Espírito Santo, havemos de aproveitar a água e o sangue jorrados do peito do Cristo, na purificação da nossa consciência e na tonificação da nossa alma. Na penitência e na comunhão ficaremos aos pés das Cruz. Na confissão dos nossos pecados e na aproximação do banquete eucarístico Jesus nos dará as graças da santificação que deu a Longuinho. As nossas comemorações serão dígnas de nossa fé se cumprirmos os nossos deveres de católicos, se nos confessarmos e fizermos a comunhão da Páscoa. E a semana para nós será realmente uma semana santa, semana de meditação e de penitência, de arrependimento e de amor.

Para o bem de nossas almas, para que não se haja derramado inutilmente para nós o sangue do Filho de Deus, descalcemos as sandálias dos pensamentos terrenos, entremos em nós mesmos, pela mais profunda reflexão, e vamos pisar a terra sagrada do Gólgata, vamos ficar ao pé da Cruz, meditando no grande mistério da nossa redenção.

SACERDOTE E VÍTIMA

O mistério da Redenção culminou com o sacrifício do Calvário. O Filho de Deus viera à terra para se imolar pelo homem. Depois do primeiro pecado, o esforço humano para conseguir satisfazer à divina justiça foi ingente.

Aras sacrificiais erguiam-se em toda parte. O sangue das vítimas derramaram-se nos altares, mas os céus continuavam surdos às preces do prevaricador. O atentado contra Deus tomara proporções infinitas. Uma satisfação de valor infinito era exigida pela eterna justiça.

Assumindo a natureza humana, o Filho de Deus podia sofrer. Sobre os seus ombros cairam os pecados do mundo. E somente Ele podia imolar-se. Sendo vítima, foi também sacerdote. Os algozes foram meros instrumentos de Seus desígnios. Agiram inconscientemente. Pensavam cumprir a função de carrasco e satisfazer ao espírito de ódio dos príncipes dos sacerdotes e fariseus.

Entregando-se aos verdugos, o Cristo agiu como sacerdote e vítima ao mesmo tempo, sacrificando-se e oferecendo-se a divina justiça.

Seu sangue, por ser de um Deus, tinha infinito valor. Derramando-o no altar da cruz, realizou num instante o que não conseguiram os sangues das vítimas imoladas em tantos séculos passados.

Um mistério de dor envolve a Redenção. Os martírios a que se quis submeter o Cristo chegaram ao extremo do sofrimento. No corpo e na alma padeceu Jesus. Parece que o sacerdote timbrou em fazer sofrer a vítima, como se não bastasse uma lágrima do Cristo para redimir o mundo. Um gesto do Salvador, uma súplica ao Eterno Pai, as menores circunstancias da vida de Jesus, qualquer uma delas seria bastante para salvar o mundo. Quiz, porém, o Divino Sacerdote que os sofrimentos da

Vítima estivessem na razão direta de Seu amor. E porque Jesus amou infinitamente, os Seus sofrimentos chegaram, pode-se dizer, ao infinito. Não era possível fazer padecer mais. Quando o sacerdote sentiu que à vítima não podia infligir maior tortura, soltou um grito que ecoou nos céus: "Tudo está consumado". Estava findo o sacrifício. A justiça divina satisfeita, o homem redimido, os céus reabertos, pelo mistério da Redenção, dentro do qual o sacrificador foi a própria vítima imolada.

O TEMPO

Infinita é a misericórdia de Deus, sempre debruçado sobre a miséria humana, a inspirar penitência aos homens, a dar-lhes bençãos do tempo e promessas de eternidade.

O tempo é graça imensa que Deus concede ao homem. Graça da qual depende a vida eterna.

O homem foi criado para amar e servir ao Criador, obedecendo-Lhe no tempo, para tê-Lo como prêmio na Eternidade.

Toda a vida dos céus depende da vida da terra. O homem prepara a casa da sua eternidade.

Sendo tão grande bem, o tempo deve ser aproveitado em todos os seus minutos. Deixá-lo passar inutilmente, ou utilizá-lo para o mal é pôr em jogo a felicidade, arriscando a perdê-la para sempre. O tempo vale pela vida. Porque os homens esquecem o seu valor, a misericórdia de Deus está sempre a chamar-lhes a atenção, oferecendo-lhes épocas em que o espírito pode melhor medí-lo, pesá-lo e contá-lo.

Tal é o tempo quaresmal. Dias de santificação e de salvação. Dias em que o ambiente litúrgico, em que a atmosfera da penitência, em que as tradições fazem com que o homem pergunte a sí mesmo porque está neste mundo, qual a razão de ser da sua vida, e o que o espera depois da morte.

O pensamento do último fim impõe-se à razão. E o homem recolhe-se ao silêncio do seu coração para responder às perguntas que faz a sí mesmo. E compreender como deve aproveitar o tempo, reparando um passado de esquecimento e, talvez de maldades, mergulhando-o na penitência e na misericórdia, num arrependimento que o Deus recebe, numa contrição cheia dos mais santos propósitos.

O tempo com que devemos contar é o presente. O futuro é incerto. Não sabemos se nos será dado o dia de amanhã. A misericórdia de Deus se relaciona com o presente. Quando soar para o homem a hora da eternidade, terá passado o tempo, e com ele a misericórdia. Será, então, a hora da justiça.

Quem será capaz de preferir a hora da justiça?

Ao tempo una-se o aproveitamento da misericórdia de Deus que nos convida à penitência e que nos oferece como modelo o grande penitente - o Cristo crucificado, a quem nos devemos incorporar.

A CONQUISTA DA VIDA

A humanidade sente uma ânsia incontida de viver.

A vida que se almeja não é a simples existência fisiológica. O homem a quer na larga extensão do vocábulo, com a plenitude do gôso, a conquista das riquezas, a satisfação de todos os desejos, a volúpia de todos os prazeres.

A fome de viver que atormenta a humanidade é o móvel do progresso em suas várias modalidades. Por sua causa, abre-se o seio ubérrimo da terra, desvendam-se as profundezas do oceano, rasgam-se os espaços, encurtam-se as distâncias.

A atividade constante dos povos patenteia o ideal que os seduz.

Mas nem sempre ao homem é dado alcançar o prêmio do seu esforço.

A espada de Dâmocles se desprende, a cada instante, sobre as cabeças dos convivas dos festins da existência. É quando a realidade das coisas desfaz castelos e sonhos de ventura.

O lutador, ao pressentir que vai deixar a arena da vida, vê, no passado o esforço desprendido, as energias gastas, as dificuldades vencidas, e olhando o futuro, contempla a eternidade que se abre diante de si. No pórtico das regiões de além túmulo, estão escritas estas palavras do Evangelho: "se queres ingressar na vida, observa os mandamentos".

Mistério! Entrar para a vida... ele não a deixou no tumultuar das cidades e dos campos, onde se sorve o prazer em taças de ouro?

Ilusão!

O que julgava ser a vida é, apenas, uma nuvem de pó que o vento desfaz.

A vida propriamente dita é aquela que **escapa às influências do tempo**, aquela que os séculos não gastam. É a vida eterna.

Para conseguí-la, Deus exige, como condição essencial, a observância de suas ordens.

O Eterno esculpiu a lei natural na consciência humana e a aperfeiçoou, depois, com os mandamentos e com as prescrições evangélicas.

Como súditos do Império Monarca, somos obrigados ao cumprimento exato de seus preceitos.

Na perfeita submissão às leis divinas está o segredo da vida eterna.

Demasiadamente preocupadas com os bens que se vão findar à beira de um túmulo; fascinadas pelos gosos que aos incautos parecem o ideal da vida, muitas pessoas atravessam a existência iluminadas, apenas, pelos fogos fátuos da razão, esquecidas que têm alma imortal que deverá viver eternamente nos esplendores da glória ou nas trevas de uma noite sem horas. Pondo de parte os mandamentos, soltam as rédeas dos instintos e se entregam ao prazer que mata.

Quando a morte as surpreende é que acordam de um grande sonho. Desaparecem as ilusões, dissipam-se as fantasias.

E a vida?

Não souberam procurá-las, erraram os caminhos.

No entanto, alí está ela na sua eterna fonte, **além do tempo e do espaço**.

Todo o esforço humano **deve rumar à eternidade**. Somente assim se há de conquistar a vida.

A observância das leis divinas é a estrada que leva às alturas da montanha santa, onde se vive eternamente.

Para alentar os caminheiros na jornada, Jesus cintila nas consciências, a dizer num sorriso! "eu sou a vida".

(1928)

PARA ALÉM DO TEMPO

Deus criou o homem no tempo mas não para o tempo. Criou-o para a eternidade. Por isso mesmo, deu-lhe uma alma imortal e um corpo que não estava sujeito à lei da morte. A morte veio com o pecado, como um castigo. A imortalidade é, pois, um dom outorgado ao homem. Dom que faz parte integrante da natureza humana, e que não pode ser renunciado. Esqueça, embora, o homem a su'alma, despreze a eternidade que o espera, nem por isso conseguirá circunscrever-se ao tempo. Poderá iludir-se a si mesmo, quando afogar no tempo a idéia da eternidade. A voz da consciência, porém, não se calará. Em meio do turbilhão dos prazeres, das ilusões, das riquezas, o homem ouvirá o grito angustioso de su'alma a lhe dizer que o tempo não lhe basta, que suas legítimas aspirações vão além dos séculos, e que a morte não pode ser o fim da vida.

Para além do tempo Deus conduz o homem.

A negação da imortalidade da alma é um absurdo. É sempre conseqüência da falta de raciocínio ou da perversão da vontade. Ao que nega a imortalidade do homem ou falta lógica bastante para examinar os argumentos que a razão lhe oferece, ou então sua vontade de tal sorte se deixou escravizar pelas paixões que se lhe anuviou a inteligência. A descrença, passa, então, a ser mais uma conveniência do que uma convicção. O descrente o é apenas na prática. Quer justificar o seu modo de viver, e não tem outro meio senão negar a eternidade. No íntimo da sua consciência, porém, sente a imortalidade. Tem aspirações que o tempo não satisfaz. Por mais pervertido que seja, sente remorsos. E se apavora com o que diz não acreditar. E fala contra o que diz não existir. Na inconsciência das suas atitudes, confessa, sem querer, tudo o que nega. É assim o descrente.

Feliz o homem que pensa, o homem que medita, que raciocina. O homem que se sente homem, que tem consciência da sua origem, da sua dignidade, do seu último fim, sabe que não é do tempo. Pensa em si, olha a eternidade e marcha para Deus.

VIDA ETERNA

Vendo-se apenas como criatura terrena, o homem sente-se esmagado diante da natureza que o cerca. Quanta grandeza em volta de sí! Como se vê pequenino diante da majestade dos astros que rolam sobre sua cabeça, diante das montanhas que se erguem para o infinito, diante dos oceanos em cujas águas se perde o seu olhar! Tudo é grande, e somente o homem é pequeno! E como é breve a sua vida! Quantos séculos passaram pelas cristas dos montes e pelo dorso das águas, e como passa tão depressa a vida humana! Um micróbio que somente ao microscópio pode ser visto, é capaz de pôr termo à existência do homem. Mas, diante de tantas pequenês, quanta grandeza! A inteligência e a vontade, faculdades da alma! O homem sabendo que morre e porque morre. Tendo, como dizia Pascal, a consciência da sua superioridade, sentindo-se maior que a pedra que rola da montanha e que o esmaga. Dominando as forças da natureza, tendo-as em suas mãos, com a magia da sua inteligência.

O homem é maior que as montanhas e mais alto que os astros, porque não é apenas terra. Não se sepulta nas camadas telúricas, como os animais e as plantas. Seu corpo desce, embora, à terra que o reduz a pó. Mas su'alma sobrevive. A vida humana não é apenas a que passa tão célere como os vendavais. A alma do homem é imortal. Por isso, ele é superior a todas as grandezas terrenas. Superior porque tem em sí uma centelha do infinito, porque Deus criou à Sua imagem e semelhança, dando-lhe uma participação da Sua eternidade. O homem viverá com o seu Criador. A vida eterna é a suprema ventura do homem, é a sua vitória sobre o mundo que o cerca. As forças da natureza podem abater-lhes o organismo. Mas não lhe abaterão o espírito. Ao contrário, aproxima-lo-ão mais depressa de Deus. Porque a morte é apenas a grande porta que dá ao homem entrada para a vida eterna.

RESTAURAÇÃO

A insuficiência da lei natural para tornar o homem perfeito demonstra a necessidade da revelação. Sem as luzes da graça, a inteligência não percebe os segredos de Deus. Provam-nos os absurdos de doutrinas e de costumes entre os povos pagãos. Sem revelação não há moral perfeita. Sirvam-nos de exemplo o modo de proceder dos nossos índios para com seus pais. Alguns não conheciam sepultura mais digna para os pais velhos do que seus estômagos. Matavam-nos e os comiam, como faziam com os prisioneiros de guerra. E não tinham remorsos porque não haviam cometido crime com isso. Agiam em consciência. Assim lhes permitia a interpretação que davam à lei natural.

Deus ministrou ao homem os conhecimentos necessários à sua felicidade. Os ensinamentos do Criador constituem o que se chama revelação. A humanidade precisava ouvir a palavra divina. E Deus falou.

Escutou-O o primeiro homem. Os patriarcas e os profetas de Israel receberam ensinamentos sagrados que seriam transmitidos ao povo. Deus falou a Moisés, no Monte Sinai, dando-lhes as tâboas da lei e a liturgia, do Antigo Testamento.

As primeiras revelações preparavam os caminhos para a restauração da grandeza do homem, com Jesus, Deus ia preparando a humanidade para receber o Messias. Com Cristo, completou-se a revelação.

Todos os ensinamentos que outrora eram apenas vagas silhuetas nos espaços do conhecimento das cousas divinas, tomaram proporções definidas. Descerraram-se as cortinas que vedavam à inteligência e ao coração profundas verdades. Embora incompreensíveis algumas, porque misteriosas, poderam ser vistas. O Cristo Filho de Deus Vivo falou aos homens, ensinando tudo quanto lhes interessava.

Possuindo a verdade, a humanidade não devia mais errar nas trevas da ignorancia. De posse dos conhecimentos necessários à consecução da vida eterna, teve ainda a restaurar-lhe a grandeza primitiva, a integrá-la nos seus destinos imortais, o mistério da Redenção. A segunda pessoa da Trindade, o Filho Unigênito de Deus, assumiu a natureza humana, para se oferecer em sacrifício, para resgatar a dívida contraída pelo primeiro homem, no momento em que o rei da criação baqueava de seu trono pelo primeiro pecado.

O sangue divino abriu as portas da eternidade, readmitindo o homem na intimidade de Deus. A quem tamanha graça foi concedida cumpre guardá-la no **escrinio** d'alma, escutando e vivendo os divinos ensinamentos, não se tornando indigno da misericórdia do Cristo.

("A Ordem" - 28.08.1942)

A VOZ DE DEUS

As homenagens que o homem presta a Deus não se perdem nos espaços. Transpõem as nuvens a chega, ao trono da Divina Majestade.

Escutando a voz do pontífice da criação, Deus também lhe fala, dando-lhe a honra e a glória de Sua amizade e revelando-lhe os segredos de Sua vida.

Deus falou à humanidade. A palavra divina dita ao homem chama-se Revelação.

Pode o infinito que medeia entre Deus e o mundo ser vencido pelas relações entre o Criador e a criatura? E por que não? Não pode Deus falar ao homem? E não pode o homem escutar a Deus?

Criando o homem para um fim sobrenatural, Deus lhe proporcionou meios adequados ao mesmo fim. As cousas criadas não podiam revelar o Criador senão indiretamente, como obras de um poder e de uma sabedorias infinitos. Mas o homem deveria conhecer melhor Aquele que seria o seu último fim. Sem que o próprio Deus se revelasse, quem seria capaz de conhecer os segredos de sua vida?

Deus falou realmente ao homem. Fê-lo, a princípio, em revelações parciais, dirigindo-se a alguns homens, aos patriarcas e profetas, que os outros homens transmitiriam a divina palavra. Depois, falou pelo seu próprio Filho completando a revelação.

É pela revelação que temos conhecimento dos divinos mistérios. Se Deus não no-lo dissesse jamais saberíamos que n'Ele há uma trindade de pessoas, numa unidade de essência. E não teria a humanidade esperado a redenção e conhecido Aquele que é o pensamento de Deus. Quando a segunda pessoa da Santíssima Trindade se fez homem, trouxe ao mundo o conhecimento de tudo quanto se relaciona com o fim último da humanidade, encerrando-se, assim, o ciclo das revelações. As

revelações particulares, registradas nos séculos da cristandade, como as de Paray-le Monial e Lourdes, não são mais do que complementos, explicações das feitas e encerradas pelo Cristo.

Os ensinamentos de Deus estão guardados em dois sagrados tesouros: a Escritura e a Tradição. A Escritura é a palavra de Deus que se escreveu e que está compendiada num livro que se chama Bíblia. A tradição é o divino ensinamento que não se escreveu e que vem passando de geração a geração, transmitida pelos pais aos filhos e pelos sacerdotes aos fiéis.

São as fontes da verdade. Quem delas se abebera sente a alma saciada de fé, esperança e caridade. De fé, crendo na divina palavra. De esperança, aguardando o cumprimento das divinas promessas. De caridade, vivendo para Aquele que é o último fim do homem, a eterna herança dos que crêem, esperam e amam.

O REDENTOR PROMETIDO

Na plenitude dos tempos, Deus cumpriu as promessas que fez ao homem prevaricador.

Chegára a época dos grandes acontecimentos anunciados pelos profetas.

Para se imolar pelos homens, o Filho de Deus ia se fazer homem.

Estamos diante de profundo mistério da Incarnação. Um Deus descendo dos céus, tomando um corpo no seio de uma Virgem, submetendo-se às leis da vida humana, para poder sacrificar-se. Que grande mistério, cuja lembrança está sempre a nos falar da misericórdia infinita de Deus! São iguais os atributos da Divindade. Por isso, não sabemos o que mais admirar na Incarnação, se a bondade infinita de um Deus que se faz criatura, para salvá-la: se as grandes humilhações a que se submete.

Para sacrário do Seu Unigênito, Deus escolheu à Virgem filha de Joaquim e Ana, dando-lhe, na criação de su'alma as mesmas graças que havia concedido aos nossos,primeiros pais, tornando-a, assim, imaculada em sua conceição; aperfeiçoando-lhe o espírito, com o recolhimento no templo de Jerusalém; mandando-lhe, enfim, o anjo Gabriel a anunciar-lhe que ela seria a mãe do Salvador, tornando-se mãe sem deixar de ser virgem, pela virtude do Espírito Santo.

Sem que o mundo o soubesse, a esposa do humilde carpinteiro de Nazaré, tornou-se a mãe do Messias. Somente duas pessoas tiveram revelação do mistério que se realizava: José, em sonho, quando pensava abandonar a esposa, e isabel, mulher de Zacarias, quando recebeu a visita da mãe do Seu Senhor. Porque Belém estava apontada como berço do Salvador, os desígnios dos céus determinaram um recenceamento pelo

qual a Virgem-Mãe devia se encontrar naquela cidade, no dia em que Jesus havia de nascer.

E na meia-noite maravilhosa em que os anjos cantaram "glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade", o Redentor prometido apareceu na terra.

Mas que ambiente o do seu nascimento! Não encontrando hospedagem na cidade, Maria e José se refugiaram em uma gruta que servia de abrigo aos pastores e aos animais. E foi ali, naquela estribaria, que nasceu o Filho de Deus!

Cada vez mais desconcertantes para o nosso orgulho, as humilhações da Incarnação! Mas o Cristo viera reedimir o homem que se perdera pelo orgulho, pondo em dúvida a palavra divina e querendo ser como Deus. Para salvá-lo do orgulho, os abatimentos, a quase-aniquilação de um Deus que se reveste de escravo, fazendo-se homem, e que aparece no mundo em um ambiente de tão profunda hunilhação.

DEUS EM NÓS

Nós somos filhos de Deus. A nossa filiação divina é uma conseqüência dos méritos do Cristo. Pelo mistério da encarnação, o Filho de Deus se incorporou à humanidade, e nos incorporou à Sua divindade.

Como filhos do Eterno, possui-lo-emos por toda a eternidade. Já na terra nós O possuimos pela vida cristã.

Quando nos batizamos, transforma-se a nossa alma em templo vivo de Deus, integrando-se em Jesus Cristo.

Ser cristão é ser mais do que de Cristo. É ser o próprio Cristo, vivendo com Ele e n'Ele a vida de Filho de Deus.

A comunicação do Cristo à nossas almas dá-se pela graça. A graça é um dom sobrenatural de que nos revestimos. É sangue divino que se despeja em nosso coração, dando-nos a vida do próprio Deus. A graça que nos veste a alma é-nos dada pelo Batismo. Sacramento cheio de mistério e de vida, o Batismo estabelece a morada de Deus no coração do homem.

No momento em que as águas lustrais banham a cabeça do batizando, que transformação se opera na alma! Ah! Se nos fosse dado contemplar o sublime espetáculo de uma alma no momento do batismo! Que transfiguração se passa alí, dentro daquele coração! Certamente não poderíamos fitar a visão da alma elevada à dignidade de filha de Deus, ofuscados pela intensidade de luz a se irradiar de um coração deificado. Ficaríamos como os apóstolos no Tabor, aterrados diante de tanta grandeza.

A graça que o Batismo comunica é "**habitual**". É como um hábito que a alma vestisse. Vida sobrenatural que se inicía, tendo em germe as virtudes da fé, da esperança e da caridade, vida e virtudes que

devem ser cultivadas, alimentadas, desenvolvidas pelas graças de momento, passageiras, chamadas **atuais**.

O Batismo é o mistério da Encarnação que se repete, ou melhor, que se multiplica. O que representa a Encarnação para a humanidade em geral, representa o Batismo para cada homem. Cada vez que se administra o sacramento da vida sobrenatural, o Filho de Deus desce para a alma como desceu outróra para o seio castíssimo de Maria Virgem. E o homem deixa de ser uma simples criatura, para entrar na intimidade e nos direitos da Divina Família como filho de Deus, templo vivo da SS. Trindade e herdeira da eterna glória.

UM BERÇO IGNORADO

O mistério da Incarnação trouxe à terra o Filho de Deus. Nascendo entre a gente israelita o Salvador prometido apareceu no mundo, sem que os homens se voltassem para o Seu berço.

As profecias marcavam os tempos messiânicos, e, no entanto, quando a caravana dos Magos bateu à portas de jesusalém, e perguntou onde havia nascido o rei dos judeus, nem os pontífices de Israel sabiam do que se havia passado num recanto de Belem. Somente os pastores que dormiam nas cercanias da pequenina cidade tiveram a fortuna de se ajoelhar diante do presépio do Redentor. Avisados pelo anjo, e ouvindo o tatalar de asas em revoada, e as vozes dosespiritos celestiais cantando "glória a Deus nos alturas e paz na terra aos homens de boa vontade", os pastores correram até Belem, e adoraram o divino pastor que acabava de nascer.

A história do aparecimento do anjo e do nascimento do Redentor, contada, por certo, pelos primeiros adoradores do Cristo, parece não haver transposto as portas da humilde cidade. Mais tarde, aqueles acontecimentos foram relembrados, quando homens de terras distantes, agrupados em luzida carava, acompanharam fora da cidade e, logo depois, atravessaram as ruas, seguidos de escravos conduzindo presentes, indo até a casa onde estava morando a sagrada família.

A revelação feita ao velho Simeão, no templo de Jerusalém, o santo patriarca preferiu guardar consigo. Não lhe era possível contá-la. Cada vez que se lembrava daquele instante feliz em que apertára contra o peito do Salvador tão esperado pelo seu povo parecia-lhe que o coração queria saltar-lhe. As lágrimas corriam-lhe pelas faces, e ele apenas sabia repetir: "Agora, Senhor, podeis levar o vosso servo".

Logo depois da volta dos Magos, e com a ausência da sagrada família, que viajara à noite, sem que ninguém soubesse para onde, foi-se apagando a lembrança das revelações que marcaram a hora do nascimento do Redentor. O Salvador prometido estava no mundo e os homens o ignoravam. Temendo um competidor temporal, Herodes quis matá-lo, decretando a matança dos inocentes. Não era Ele, porém, um rei da terra. Não viera apenas redimir Israel. Viera salvar a humanidade, restaurando o trono em que Deus colocou o homem, quando o criou à Sua imagem e semelhança.

JESUS NO TEMPLO

A matança dos inocentes foi um traço marcante da crueldade de Herodes. As lágrimas das mães se misturaram com o sangue dos pequeninos sacrificados.

O ímpio rei não pôde satisfazer aos seus intúitos. Na mesma noite em que os Magos voltaram para as suas terras, um anjo disse a José que fugisse para o Egito.

Enquanto viveu Herodes a Sagrada Família permaneceu no País de onde saíra um dia a raça eleita, em demanda das terras da promissão.

Avisado, pelo anjo da morte de perseguidor, José ia voltar para a Judeia, mas, temendo Arquelau, foi para a Galileia, ficando em Nazaré a cidade da Virgem.

A infância do Salvador está envolta em profundo silêncio.

Um acontecimento, apenas, registam os evangelistas. É a viagem de Jesus a Jerusalém, quando o Divino Infante ficou no templo.

Costumava José e Maria levá-lo à cidade santa, nas grandes festas preceituadas aos israelitas. A Páscoa, o Pentencostes e os Tabernáculos eram festas nacionais. Todos os bons hebreus deixavam, naqueles dias, os seus afazeres, e iam tomar parte nos sacrifícios extraordinários que se realizavam no templo.

Daquela vez, misteriosos acontecimentos tornaram conhecida a romaria da família sagrada.

Depois das solenidades, os homens deixavam o templo saindo por um lado, enquanto as mulheres saíam por outro. As crianças podiam acompanhar indistintamente o pai ou a mãe.

Quando José e Maria se retiraram, cada um supunha que o Divino Infante estivesse com o outro. Mas oh! tremenda surpresa! Jesus não estava com eles. Não é possível imaginar o que se passou, então, nos

corações da Virgem e do seu casto esposo. O amor e a responsabilidade que tinham para com o Filho de Deus que lhes havia sido confiado tomaram vulto dentro daquelas almas que se sentiram oprimidas, esmagadas, diante de tão dolorosa ciscunstância.

Três dias de aflição. José e Maria a indagar de todos os parentes, a bater às portas de todos os conhecidos, sem que ninguem lhes soubesse dar uma palavra de conforto. A lembrança do templo veio-lhes como um cintilar de farol em noites de tempestade. Na casa de Deus encontraram a Jesus entre os doutores da lei, tratando dos interêsses do Seu Pai. O Cristo dava uma amostra do que seria mais tarde Sua palavra naquele mesmo templo, como no alto do monte e à beira do lago. Ele era o Mestre, o único Mestre de quem os homens deviam aprender ensinamentos de eternidade.

O PRECURSOR

Num ano sabático, ano jubilar em que a terra e o homem descansavam, e quando mais facilmente se cumpriram as obrigações religiosas, ouviu-se, às margens do Jordão a voz de um grande profeta.

Já se iam muitos anos que o último profeta havia aparecido em Israel. Nunca mais o povo escutara a palavra de um enviado de Deus. A notícia de que um profeta pregava no deserto e às margens do rio, a conclamar o povo à penitência, atraía as multidões.

As esperanças dos homens estavam cada vez mais avivadas, pois que a situação política e religiosa da gente israelita era das mais difíceis. Anseiava-se um messias temporal que viesse expulsar o estrangeiro. Roma dominava a Palestina. No campo religioso, existiam seitas que deturpavam a lei. Fariseus, saduceus e essenios combatiam-se, apegados mais à letra do que ao espírito da legislação mosaica.

Nos anos jubilares, ninguém trabalhava. Podiam os pobres colher nos campos dos senhores o trigo e a uva nascidos sem cultura. Os homens, os animais e a terra descansavam. Por isso mesmo as multidões podiam acorrer mais facilmente a tudo quanto mais chamasse a atenção do povo.

O aparecimento do Precursor deu-se num ano jubilar.

Atraídos pela palavra de fogo de um profeta que não ia às cidades, mas esperava o povo no deserto, multidões de pobres como de príncipes de sacerdotes, de soldados, e até de fariseus caminhavam léguas e léguas para ver e ouvir um homem austero, que se vestia de pele de camelo, e cingia-se de couro, e que se alimentava de gafanhotos e de mel silvestre.

O profeta verbarava contra os pecados, e convidava o povo a receber o batismo de penitência.

Aos que se aproximavam dele, ouvia-lhes a confissão das culpas, e administrava-lhes o batismo de penitência. Tal o movimento que se fazia em torno do seu nome, que o Sinédrio, suprema autoridade religiosa, mandára embaixadores e lhe perguntar quem era ele, se o Cristo, se Elias, ou se algum dos grandes homens de Israel. Respondeu-lhe que era apenas a voz que clama no deserto. E porque então batisava? - interrogaram-no. Explicou-lhes que seu batismo era d'água. No meio deles esteva Aquele que batisava no Espírito, e de quem não era digno de desatar as correias das sandálias.

Identificando fariseus entre os que o procuravam, descobria-lhes a hipocrisia, taxando de raça de víboras, queimando-lhes a consciência com sua palavra de fogo.

A pregação do Batismo é o cumprimento da sua missão. Viera ao mundo para anunciar o Cristo, preperando-lhe o caminho.

O CRISTO NO DESERTO

Quando Jesus saiu das águas do Jordão, batizado pelo Precursor, os céus se abriram para revelar a divindade daquele que não era um penitente comum, que não havia sido atraído pela palavra do grande profeta mas que fôra - às margens do rio para que se realizasse toda a justiça. O Pai celestial apontou ao mundo o seu Filho dileto. O Divino Espírito pairou sobre Ele, num abrir de asas sobre Sua cabeça.

João contemplou a sublimidade daquele quadro que lhe deslumbrou a alma, ajoelhando-se diante da SS. Trindade, adorando o Pai que falava, o Paráclito que lhe havia iluminado a inteligência pela revelação do mistério, e o Filho que ele acabava de batizar.

Desfeita a visão, o Divino Penitente afastou-se das margens do rio e encaminhou-se para o deserto. Que iria fazer, ficando nas areias do deserto ou nos rochedos uns que se erguiam agressivos para o sol? Rezar e jejuar.

Durante quarenta dias ficou Jesus na solidão, em íntimos colóquios com o Pai. A natureza humana do Cristo sentiu-se amparada pela natureza divina. Os sentidos foram dominadas pelo espírito. Jesus não precisou se alimentar. Nas suas pregações, mais tarde, diria que o Seu alimento era obedecer. Viera ao mundo para cumprir a missão redentora que lhe confiara a Pai. E agora, antes de se entregar aos trabalhos de salvar a humanidade, recolhia-se à solidão, para melhor pensar no cumprimento das ordens recebidas, medindo os sacrifícios e realizar, pesando as dores que O acabrunhariam, sentindo as fraquezas da humanidade assumida pela divindade, e antecipando a frase que diria, mais tarde, no Jardim das Oliveiras: “Pai, faça-se a tua vontade!”

JESUS TENTADO

Uma das maiores humilhações a que se quis submeter o Cristo por amor dos homens foi a tentação do deserto.

Sendo a santidade em essência, o Filho de Deus não podia pecar. Assumiu todas as fraquezas da natureza humana, menos o pecado. Permitiu, no entanto, ser tentado.

Antes da criação do mundo visível, Deus criou os anjos, espíritos puros, que foram provados, para merecer o céu. Milhares deles revoltaram-se contra os desígnios do Criador, perdendo, assim, os direitos à felicidade e sendo, ainda, precipitados nos infernos que se cavaram, naquele instante, para recebê-los.

Invejosos da ventura do homem tentaram e conseguiram arrastá-lo também à desobediência às ordens de Deus. E ficaram vagando pela terra, em luta constante com os filhos de Adão, sugerindo-lhes erros, despertando-lhes paixões, querendo arrastá-los para o eterno castigo em que vivem.

O pecado dos nossos primeiros pais desorganizou a natureza humana, quebrando a harmonia entre os sentidos e a razão, obscurecendo a inteligência e enfraquecendo a vontade. Ficou o homem sujeito à tríplice concupiscência dos sentidos, dos olhos e do espírito. Para ensinar a vencer as sugestões dos demônios, o Cristo humilhou-se ao ponto de permitir ser tentado. E quis fazê-lo no deserto, depois de quarenta dias de orações e de jejuns, para mostrar como por mais recolhida que esteja a alma, por mais que se entregue à penitência, nem por isso se considere libertada das tentações.

Quis ser tentado pelo tríplice especto da concupiscência para que a lição fosse completa. Tentou o demônio os sentidos.

Depois de longo jejum a que se submeteu, Jesus teve fome. Aproveitou-se o tentador para lhe mostrar pedras que bem podiam ser transformadas em pão. A resposta do Cristo confundiu Satanás: "Não só de pão vive o homem mas da palavra que sai dos lábios de Deus".

Depois, a tentação do egoísmo, da concupiscência do espírito. Que Jesus se atirasse do alto templo. Os anjos evitariam que Ele se magoasse.

Tentação de vangloria, de presunção, que o Cristo repeliu dizendo: "Não tentarás o Senhor teu Deus".

Ainda uma tentativa do demônio para seduzir a Jesus, de dominar e possuir riquezas.

Satan oferecendo ao Cristo as cidades do pecado, escravizadas ao seu domínio. Dar-lhe-ia todas, se Jesus se prostasse em adoração aos seus pés. "Para traz", responde-lhe o Messias, "Está escrito que só a Deus adorarás". O demônio foi-se embora.

Para a humanidade ficou a grande lição.

Que importa ao homem que o espírito das trevas queira contentar-lhe os sentidos, ou explorar-lhe os sentimentos de orgulho e de ambição?

Escudado pela oração e pela penitência, saberá viver da palavra que sai dos lábios de Deus, humilhar-se diante do seu Criador e desprezar os bens terrenos que são meios e não o último fim do homem.

REVELANDO-SE NO TEMPLO

A notícia do milagre de caná espalhara-se rapidamente. Em torno de Jesus formava-se um halo de admiração, de respeito e de curiosidade. A pregação de João Batista, os comentários da visão que se seguira ao batismo, o modo como grangeara os primeiros discípulos, e o fato de haver transformado a água em vinho impressionavam as multidões.

Era a festa da Páscoa. Cominhava o profeta para a cidade santa. E antes que chegasse a Jerusalém, o ruído do seu nome já se fazia ouvir nas ruas e no tempplo.

A cidade regorgitava de forasteiros. Judeus de todas as partes haviam chegado para celebrar a grande festa nacional que lembrava a libertação do povo deixando o Egito.

O templo dava a impressão de uma feira. Vendilhões de ovelhas para o sacrifício, cambistas a trocar moedas profanas por sagradas, exploradores de todas as castas profanavam a casa do Senhor.

Chegando a Jerusalém, Jesus dirigiu-se ao templo. Contemplando aquele espetáculo de derrespeito, o Cristo encheu-se de santa cólera, e apanhando umas cordas, fez um chicote e saiu a bater nos vendilhões, desmanchando-lhes as mesas, expulsando os profanadores.

A surpresa do gesto e a autoridade com que agiu deixaram sem ação os mercadores, que nem pensaram em reação. Irados e humilhados, tiveram que sair do recinto sagrado, enquanto o Cristo lhes reprovava, dizendo-lhes: não façais da casa de meu Pai casa de negócio. Alguns dos judeus ainda Lhe perguntavam com que autoridade procedia assim, e que sinal lhes daria desse poder.

A resposta do Messias foi um anúncio de Sua Vitória sobre a morte, no grande milagre que atestaria Sua divindade.

Referindo-se ao Seu corpo, templo vivo de Deus, disse aos que O cercavam: "Desfazei este templo, e eu o reedificarei em três dias". - Palavras que causariam escândalo, porque não compreendidas.

"Este templo foi edificado em quarenta e seis anos, e tu o reedificas em três dias?" Explicaram os judeus.

Sim, havia de fazê-lo, porque era o Filho de Deus. Com os milagres que realizaria nas cidades, e nos campos, demonstraria o Seu caráter messiânico, oferecendo ainda aos filhos de Israel o grande milagre da Sua ressurreição, reedificando apenas um símbolo.

O REINO DOS CÉUS

Revelando-se aos homens como o Messias prometido, o Cristo afirmava Sua divindade e anunciava Sua missão. Era o Filho de Deus, e viera ao mundo para redimir a humanidade. Quem quisesse partilhar da misericórdia do Seu sacrifício, que se filiasse ao Seu reinado. Não era um reino temporal, como tantos israelitas esperavam, o que Ele viera estabelecer na terra. Era o reino dos céus, o reinado espiritual da justiça e da verdade, o reino da santidade e do amor. Não viera destruir a lei de Moisés mas completá-la, aperfeiçoando-a, exigindo mais do que atos externos, fazendo questão da pureza da consciência e da retidão do coração.

A humanidade materializada e egoísta, convencionalista e hipócrita, precisava elevar-se, despegando-se da terra, vivendo a lei divina, pelo espírito que vivifica e não pela letra que mata. A situação político-religiosa de Israel cavara cada vez mais profundamente na alma do povo a descrença e o pessimismo. As feridas que martirizavam a nação judia, como a humanidade inteira, pediam bálsamo que suavisassem dores e remédios que curassem males.

As notícias do profeta que aparecera entre as multidões eram na centelha de esperança a farolejar na noite escura de um povo que sentia nos pulsos grilhões estrangeiros. E mais pesadas do que as cadeias do jugo pagão eram as correntes que escravizavam o espírito.

Rodeado pelas multidões que ansiavam pelos Seus ensinamentos, Jesus subiu a um monte, e assentando-se, traçou em palavras cheias de vida eterna o programa do Seu reinado. O evangelista S. Mateus guardou o sermão do Mestre que assim falou à humanidade: "Bemaventurados os pobres de espírito, porque deles é o reinado dos céus. Bemaventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bemaventurados os que choram, porque serão consolados. Bemaventurados os que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bemaventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericódia. Bemeventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bemaventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. Bemaventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus".

Estava erguido o pendão do grande rei que levaria os súditos do Seu coração para a felicidade dos céus.

O FILHO DE DEUS

Anunciando-se aos homens, o Cristo se apresentou como Filho de Deus.

A primeira vez que O escutaram os doutores da lei, no templo de Jerusalém, quando tinha doze anos, respondeu à Sua mãe, que o procurava aflita, que estava tratando dos interesses do Seu Pai.

Iniciando Seu ministério, expulsou do templo os mercadores que profanavam a casa do Seu Pai. Falando sobre a oração, explicou "Nem todo o que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus". "Dou-te graças, Pai" dizia Ele quando agradecia as revelações feitas aos pequeninos. "Todas as cousas me foram entregues por meu Pai", afirmou, acrescentando ainda: "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, ou aquele a quem o Filho quis revelar". Todo aquele que crer e fizer a vontade do meu Pai, que está nos céus este é meu irmão, e irmã e 'mãe", disse quando, certa vez, foi procurado por Sua mãe e seus parentes. Quando Pedro proclamou Sua divindade, exclamando: "Não foi a carne nem foi o snague quem t'o revelou mas o meu Pai que está nos céus".

Falando a Nicodemos, afirmou que era o Cristo, repetindo a mesma afirmação à Samaritana.

Pregando, dizia: "Eu vim em nome do meu Pai, "A minha doutrina não é minha mas daquele que me enviou". "Sou eu que dou testemunho de mim mesmo, e meu Pai que enviou". "Eu e o Pai somos um só".

Ao cego curado, a quem perguntára se acreditava no Filho de Deus, disse claramente que o Unigênito do Eterno era aquele que lhe falava e que havia curado.

Porque se disse Filho de Deus, os judeus quiseram matá-lo.

Perante o Sinédrio, suprema autoridade religiosa daquele tempo, afirmou Sua filiação divina.

Sempre que o Pai falou, foi para dizer que o Cristo era Seu Filho. Foi o que se ouviu no Jordão e no Tabor.

Era como Deus que Jesus agia nas manifestações do Seu poder. "São-te perdoados os pecados". Repeliu a tentação do demônio com estas palavras: "Não tentarás ao Senhor teu Deus". Aperfeiçoando os costumes e citando a lei, ensinava: "Eu, porém, vos digo".

Os apóstolos estavam convencidos da divindade do Mestre. "Nós cremos que tú és o Cristo Filho de Deus", disseram depois da multiplicação dos pães no deserto.

Os próprios demônios atestaram a divindade do Messias.

Os endemoninhados de Gerasa exclamaram: "Que tens tú conosco, Jesus, Filho de Deus".

Depois de afirmar tantas vezes Sua divindade, completando Sua palavra com os milagres que fazia, Jesus podia perguntar aos judeus, incrédulos - imagens vivas de tantas almas que através dos séculos, ficaram insensíveis aos Seus ensinamentos: "Se vos digo a verdade, por que não acreditais?"

O TAUMATURGO

Como se não bastassem as Suas afirmações, pelas quais se declarava substancial ao Pai, o Cristo confirmava com milagres os Seus ensinamentos.

Narram os evangelistas que multidões de enfermos procuravam a Jesus, contando com as graças da Sua bondade infinita.

E Ele a todos atendia, restituindo a vista aos cegos, mandando que os paralíticos andassem, curando surdos e mudos e ressuscitando mortos. Senhor dos seres criados, podia alterar as leis a que estavam sujeitos.

O milagre é uma suspensão das leis da natureza, tealizada pelo poder divino. Somente Deus pode fazer milagres. E fálos diretamente ou por intermediário dos seus enviados. Quando estes realizam prodígios que não podem ser explicados sem a intervenção divina, fazem-se em nome do Criador. Jesus agia em Seu próprio nome. Muitos dos milagres que realizou e foram registrados pelos evangelistas. Milagres com Sua presença e à distancia. Milagres pela transformação dos elementos como pelas curas rápidas. Milagres físicos e morais. Argumentos convincentes da Sua divindade. Se não queriam os judeus acreditar nas suas palavras, alí estavam as obras que realizava. Quem podia fazer o que Ele fazia senão Deus?

Os príncipes dos sacerdotes e fariseus negavam-Lhe a divindade mas não podiam pôr em dúvida os Seus prodígios. Os milhares de homens que se alimentaram no deserto, com cinco pães e três peixes; o cego da nascimento que esmolava no templo; o paralítico que saiu carregando o seu leito; os leprosos que ficaram limpos; a filha de Jairo, o filho da viúva de nain e Lázaro que andavam pelas ruas, e de cujas mortes se teve conhecimento; as testemunhas dos milagres do Cristo

estavam a atestar por toda parte a divindade do taumaturgo. Fatos positivos os milagres. Testemunhados por tanta gente, não podiam ser postos em dúvida.

Por mais prevenidos que sejam os inimigos do Messias, por mais indiferentes que queiram ser, não podem negar a veracidade de prodígios que se registraram outrora e que continuam a se repetir, atestando que o divino taumaturgo não é um simples homem, mas, na verdade, o Filho de Deus.

AS TREVAS E A LUZ

Narram os evangelistas que as trevas cobriram a terra no momento em que Cristo agonizou e morreu crucificado.

O escuro daquelas horas de dor vinha de milênios.

Desde que o homem quebrou a harmonia da criação, tornando-se réu da eterna justiça, as trevas penetraram o espírito humano escurecendo-lhe a inteligência e a vontade. Através das idades, engrossaram cada vez mais as nuvens que toldavam a consciência humana, até que, naquela hora da Paixão, vieram corporificar-se nas trevas que envolveram a terra.

No meio da escuridão, havia, no entanto, uma luz. Era o Cristo Filho de Deus vivo, o verbo que se fez carne, a luz resplandescente nas trevas e que as trevas não compreenderam, no dizer de S. João. A luz que se projetaria séculos em fora, iluminando a trilha que leva aos céus.

Desfizeram-se as trevas, e a luz tornou-se mais visível, mais intensa, nos esplendores de ressureição, fixando-se no meio do dia dos tempos como um sol sem ocaso. Cristo, luz incriada, vive entre os homens aclarando-lhes a mente, aquecendo-lhes o coração, purificando-lhes o sentido. Vive nos mistérios do Seu sacrifício e da Sua Igreja. No sacrifício, pela Eucaristia, memorial de Sua paixão, renovação mística e prolongamento de Sua morte pela salvação do mundo. Na Sua Igreja pelo Seu Corpo Místico, pelo Papa, Bispo, padres e fiéis unidos e vivificados pelos sacramentos.

Quem segue o Cristo pela fé, pela esperança e pelo amor, e quem dele se nutre pela Eucaristia não anda nas trevas e tem promessas de vida eterna. Resume Ele toda felicidade porque pode aspirar o coração humano.

Bemaventurados os que lhe escutam a palavra e a guardam. Desgraçados os que preferem as trevas. São os enfermos do espírito. Não suportam a luz, como os doentes dos olhos fogem da claridade. Na escuridão do ateísmo, das dúvidas, das negações, refugiam-se os que não compreendem o Cristo. Vão descendo a encosta da vida como os fasiseus e príncipes dos sacerdotes desceram o Calvário na tarde da crucifixão, levando n'alma a tortura dos vencidos. Em vez de se voltarem e contemplarem o Cristo que perdoa aos que não sabem o que fazem, preferem dar-lhe as costas enchendo o coração de ódios e blasfemas.

O PRIMEIRO MILAGRE

Depois do retiro do deserto, Jesus voltou à Galiléia.

Foi em caminho que chamou para seus discípulos a Felipe e Natanael.

Em Nazaré, recebeu-O a Virgem, que tanto sentira a ausência daqueles tão longos dias.

Quando não mais precisos eram os cuidados de José, o santo patriarca adormeceu no Senhor. A Virgem tinha apenas a companhia do seu Filho. E agora ia seguí-LO por toda a parte, presenciando-Lhe os milagres e escutando-Lhe os ensinamentos. Deixando a casa, partiu Ele. De passagem por Caná, Jesus, Maria e os discípulos foram convidados para uma festa, certamente de parentes de pessoas amigas da Virgem.

Uma circunstância imortalizou aquelas bodas. Foi o primeiro milagre do Cristo.

Eram pobres as famílias dos noivos.

Em meio à festa, faltou vinho. Maria pressentiu a dificuldade. E sem que ninguém lhe falasse, foi ter com Jesus a quem disse: "Falta vinho".

É bem significante o modo de falar da Virgem. Certamente, ela estava habituada aos milagres do seu Filho, suprindo as deficiências da casa pobre de Nazaré.Por isso, disséra-Lhe simplesmente o que falta. E apesar de Jesus lhe dar a conhecer que não era chegada ainda a Sua hora, recomendou que os servos fizesse o que lhes mandasse o Cristo.

O Messias ordenou que enchessem d'água as talhas da purificação. "Tirai agora e levai-as ao arquitíclino".

E um vinho generoso foi servido aos convivas. "Quando se serve o melhor vinho em começo, diz o mestre da festa ao esposo, gruardaste-o para o fim".

Logo, porém, se soube do que se passára. Os olhos de todos voltaram-se para o grande profeta em cujas obras estava o selo da divindade. O carpinteiro de Nazaré revelava o Seu poder infinito. Mais do que um homem, era o Filho de Deus. Às Suas ordens estavam as leis da natureza. Podia suspendê-las ou transformá-las. Era o senhor de todos os elementos, senhor da vida e da morte. Àquele milagre outros muitos se sucederiam, para que se confirmasse o caráter messiânico do Cristo. Seriam argumentos comprobatórios de Sua divindade. Cumprir-se-iam as palavras do profeta que havia anunciado que quando o Messias aparecesse na terra, os cegos teriam vista, os mudos falariam, os mortos ressursitariam, os leprosos seriam limpos, aos pobres seria pregado o reino de Deus.

GLORIA INCOMPARÁVEL

Amanhã, a cristandade se volta para o túmulo da Virgem Santíssima, e o encontrando vazio, eleva o pensamento aos páramos da glória imorredoira. Os túmulos são a lembrança do pecado. A morte é o castigo da primeira culpa. O próprio Cristo, porque assumiu a natureza decaída, sujeitou-se à lei da morte. A corrupção, porém, não podia atingir-lhe o corpo. Ao terceiro dia do martírio da cruz, ressuscitou, dando aos judeus a prova máxima da Sua divindade.

Aquela carne sobre a qual não tinha poder os vermes do sepulcro era carne de Maria Virgem, a mesma carne e o mesmo sangue que Nosso Senhor ofereceu ao Altíssimo, na encarnação do Verbo. Não estando sujeito à corrupção na pessoa do Filho, também não devia estar na pessoa daquela que se tornou mãe do Unigênito de Deus. Quem não participou da culpa virginal, quem não foi concebida pela mácula primeira, não podia sentir a maldição que pesava sobre o homem prevaricador. A ressurreição da Virgem-Mãe, logo após à morte, foi sua consequência lógica de sua grandeza, de seus privilégios.

Todos os homens hão de ressuscitar no fim dos tempos, depois de haver pago tributo à terra, no pó dos sepulcros. O dogma da ressurreição da carne é evidentemente um ato de justiça. Quando o homem pratica o bem ou o mal, fá-lo não somente com a alma, o corpo toma parte direta nas ações. Não seria justo que depois da morte somente a alma tivesse direito às glórias do céu ou sentisse o peso do eterno castigo. É natural que participe da suprema ventura, como da eterna desgraça, quem partilhou tão diretamente das virtudes ou dos vícios que a alma viveu na terra.

Maria Santíssima não esperou a ressurreição final. Deus lhe concedeu a graça de chamá-la para a glória dos céus, logo depois que ela deixou de existir. Privilégio único igual ao da imaculada conceição.

Depois que Cristo voltou ao Pai, Nossa Senhora passou ainda vinte e cinco anos na terra.

Sua presença entre os cristãos era necessária. A Igreja nascente precisava dos seus carinhos maternais. Depois daquele século, Deus a chamou para a bemaventurança. Revendo os lugares sagrados pelos sofrimentos do seu Filho, Maria derramou abundantes lágrimas de emoção. E adormeceu no Senhor, acordando na eternidade.

Os apóstolos choraram a morte daquela que o Mestre lhes dera por Mãe. E sepultaram condignamente a Virgem. Tomé não estivera presente aos funerais de Nossa Senhora. Tantas foram as lágrimas que derramou, tantas foram as súplicas aos companheiros para que abrissem o túmulo de Maria, pois desejava ainda uma vez olhar a Virgem, que os apóstolos o obedeceram. A surpresa, então, não foi menor que a alegria. Nossa Senhora não estava mais no sepulcro. Havia ressuscitado. A terra não tinha direitos sobre o que não lhe pertencia. Maria estava no céu. Sobre a fronte augusta e virginal da filha dileta do Pai, da mãe de Deus-Filho, da esposa do Divino Espírito a Santíssima Trindade havia depositado a coroa imortal de rainha dos anjos, dos santos e dos homens.

("A Ordem" - 14.08.1942)

O TRIUNFADOR

A última viagem do Cristo a Jerusalém foi um triunfo.

Cada vez se avolumava a admiração do povo pelo grande profeta. O prestígio do Seu nome impunha-se a todas as classes. A notícia dos seus milagres irradiava-se por toda parte. A ressurreição da Lázaro, no quarto dia de sepultado, era assunto de todas as rodas.

Esperava-se que Jesus fosse à festa da Páscoa. Quando o povo soube da Sua próxima chegada, preparou-se para recebê-LO como a um triunfador. A cidade movimentou-se. A multidão foi ao encontro do Cristo, empunhando palmas e cantando hosanas ao Filho de David. Colchas e ramos tapetavam as ruas. Jesus, montado em uma jumenta, recebia as aclamações e abençoava o povo. Dirigia-se ao templo.

Nem supunha aquela gente que aqueles gritos de triunfo se transformariam, dentro de poucos dias, em gritos de morte, e que o verdadeiro triunfo, a grande vitória do Cristo seria a do Seu martírio. Nem se lembravam os judeus que Ele havia dito que quando fosse exaltado atrairia a Si todos os homens. No dia em que os hosanas se transformassem em "crucificai-O, crucificai-O!" - o Seu triunfo seria completo. O triunfador carregaria aos ombros o Seu trono e altar. Entre apupos da multidão, seria açoitado e coroado de espinhos, e teria que levar uma cruz até o Calvário. Não iria mais ao templo, para os sacrifícios dos cordeiros e dos touros. Caminharia para o novo templo em que a natureza seria o "santo dos santos"; em que o altar seria um instrumento de suplício; o sacerdote e a vítima Ele próprio; o fumo do incenso as nuvens negras a envolver a terra. No altar a cruz gravar-se-ia um dístico a proclamar a Sua realeza. E naquele triunfo estava a humanidade a partilhar de uma felicidade perdida há milênios e reconquistada agora, à custa de um sangue divino que era oferecido à

Divina Majestade, em remissão dos pecados do mundo! Se a multidão soubesse quem era aquele a quem aclamava com ramos a vivas, dias depois subiria ao monte das crucifixões, para aclamá-LO não com palmas e hosanas, mas atirando aos pés da Sua cruz a alma e o coração.

O GRANDE MILAGRE

Para demonstrar a Sua divindade, o Cristo realizou o grande milagre de ressurgir dos mortos. Profetas haviam ressuscitado mortos. Mas nenhum havia ressuscitado a si mesmo.

Quando Lhe pediam os judeus um sinal de Sua filiação divina, respondeu que aquela geração má e adúltera não teria outro sinal senão o de Jonas. Assim como o profeta havia passado três dias no ventre de uma baleia, assim o Filho do homem passaria três dias e três noites no coração da terra.

Anunciou que podia destruir o templo e em três dias reedificá-Lo. Disse aos apóstolos que era preciso que fosse a Jerusalém, que sofresse da parte dos anciãos e dos príncipes dos sacerdotes, que fosse condenado à morte, e que ao terceiro dia ressuscitaria.

Depois que o Cristo expirou, José de Arimatéa e Nicodemus, pediram a Pilatos o corpo do divino Supliciado. Com a certeza da morte de Jesus, o governador romano atendeu ao apêlo. Os soldados não precisaram quebrar as pernas do Redentor, como fizeram com os ladrões crucificados, porque verificaram estar Ele morto. Para mais atestar a morte de Jesus, um legionário romano, atravessou-Lhe o peito com uma lança.

Depois de satisfazer a Nicodemos e Arimatéia, Pilatos atendeu também ao Sinédrio. Os príncipes dos sacerdotes e fariseus foram ter com ele e lhe pediram guardas para o sepulcro do Cristo, alegando que Ele havia dito em vida:

"Depois de três dias ressuscitarei".

Na manhã do primeiro dia da semana, os guardas romanos procuram assombrados os príncipes dos sacerdotes. Haviam

testemunhados a ressurreição do Cristo. Recebem dinheiro, para que não divulguem o fato.

As piedosas mulheres encontram o sepulcro vazio. Pedro e João também de certificam do fato. Logo depois, as aparições do Ressuscitado à Madalena, a Pedro, às santas mulheres, aos discípulos de Emaús e aos apóstolos.

O grande milagre se tornou o argumento dos apóstolos em favor da divindade do Cristo. Mais tarde S. Paulo chegou a dizer aos coríntios: "Se o Cristo não ressuscitou, vã é a nossa pregação, vã a nossa fé".

O racionalismo tentou negar a ressurreição de Jesus. Alegou que a morte do Cristo foi aparente, que os apóstolos roubaram o corpo do Mestre, depois d'Ele reanimado com os aromas do embalsamento, e que os apóstolos, alucinados, pensaram ter visto Cristo.

Não valeram, porém, as alegações. Simples homem, Jesus não teria resistido à flagelação. E ainda teve horas de carregar a cruz e passar três horas de agonia no Calvário. Se não tivesse morrido com tantos padecimentos, não escaparia da lançada que lhe atravessou o peito.

É irrisório dizer-se que os apóstolos roubaram o corpo do Mestre, eles que fugiram do Getsêmani e que não tiveram coragem de aparecer no Calvário.

A alucinação não pode ser invocada nas aparições do Cristo redivivo, porque os apóstolos não queriam acreditar no grande milagre. Na tarde da ressurreição os discípulos de Emaús ainda contavam as aparições sem afirmá-las.

O grande acontecimento desafia a incredulidade. Foi o argumento maior com que o Messias provou Sua filiação divina.

("A Ordem" - 31.10.1942)

SURREXIT

Surrexit... é o grito alvissareiro, que espontâneo brota de todos os peitos. É a Igreja de Deus despindo o cilício e sacudindo o pó da penitência, abafando os estos dolentes dos salmos de agonia, entôa triunfante o canto sublime da Aleluia. Sobre as trevas do Calvário brilhou o astro da Ressurreição. Às tristezas da morte seguia-se a alegria da vida. Sobre as saudades do Gólgota brotaram verdes as esperanças da Redenção. Na tarde do Calvário de dor se comoveram as entranhas da terra. Relâmpagos navalharam o espaço - era como se a natureza chorasse lágrimas de fogo. Reboou o trovão, como uma salva imensa saudando o triunfo do Cristo.

Na alvissareira manhã do **Surrexit** a natureza desperta esplêndida para saudar o Triunfador, que venceu a morte. Vazio está o sepúlcro, e o dedo encarquilhado do tempo jamais escreverá sobre sua lousa: **Hic Pacit.**

A História na sua grande peregrinação através dos séculos, passou diante dos mausuléus dos reis e potentados, viu sarcófagos de Faraó e de Imperadores, sentou-se sobre a lápide dos túmulos de todos os conquistadores, de todos os Césares, e de todos os Gênios, mas ela jamais **nos** apontará o sepúlcro do CRISTO. É que o Salvador, vencendo a morte ressuscitou. E a ressurreição de Cristo, foi a semente bendita de imortalidade, que caiu nas almas fecundadas com o sangue de Jesus. Onde está a tua vitória, ó morte?

As almas que crêem na Ressurreição já não morrem; elas trazem os germes de uma vida imortal.

Podem passar pelo túmulo, mas nas cinzas do sepúlcro não está o aniquilamento, ou o nada, as relíquias dos cristãos são sementes de ressurreição.

É que Jesus ressuscitando, venceu a morte.

(1929)

O DIVINO ESPÍRITO SANTO

Havendo Jesus ressuscitado, para a confirmação dos seus discípulos na fé, permaneceu com eles quarenta dias, predispondo-lhes o espírito para as dores e perseguições futuras.

Antes da sua paixão, em colóquios espirituais, o Filho de Deus dissera aos seus amados companheiros, que muitas coisas ainda tinha para lhes revelar, porém, só quando viesse o espírito da verdade as ensinaria.

Era o Espírito Santo que Jesus prometia: "O espírito da Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê nem percebe".

Era a força dos fracos e a intrepidez dos pusilânimes!

Os apóstolos, certos da promessa que lhes fizera o Mestre, depois da sua ascenção puzeram-se em oração, corações entregues a Deus, esperando o Consolador tão auspiciado. É o mesmo Amor Divino que abumbrou a Virgem, fazendo-a gerar o Verbo; é o mesmo que desceu sobre Jesus nas águas do Jordão, no dia do batismo; é o mesmo que se na transfiguração surgiu como nuvem, que os humildes pescadores genuflexos imploram do céu.

Era mister, para a transformação daqueles espíritos rústicos, um portentoso milagre; milagre este que se operou no dia de pentecostes, dez dias depois que Jesus subiu ao trono de seu Pai.

Línguas de fogo caindo das alturas sobre os discípulos reunidos no Cenáculo, inflamavam aquelas almas, tornando-as intrépidas, encheram-nas de "santo entusiasmo e infundiram-lhes, com a ciência das altas coisas, das grandes verdades, o dom das línguas, pelo qual se fizeram entender dos mais diversos povos na pregação da Boa Hora".

Hoje, do mesmo modo que naqueles tempos, ainda vem do céu, não como querem os visionários pentecotistas, o Espírito Paráclito: para fortalecer na virtude as almas santas.

É este mesmo Espírito, que fez dos apóstolos mártires e santifica os bons, que dirige a Igreja - a Barca de Pedro - e ela, como no tempo dos imperadores romanos, vai vencendo os seus inimigos, não contando eles nenhuma vitória decisiva.

Está em eterna juventude!

Quando aparece algum louco gritando que vai derrotar a igreja, é justamente o tempo em que ela floresce e surgem novos heróis combatendo e derramando o sangue pela causa que juraram defender.

É o Espírito Santo que gera mártires!

Esta é a marcha triunfal das instituições divinas aqui na terra perseguidas, porém, jamais vencidas.

Em os tempos que correm se faz necessário o auxílio do Espírito de Fortaleza para robustecer a fé de muitos que vacilam e para a morigeração dos costumes tão corrompidos, no seio das grandes cidades.

Veni, Sancte Spiritus!

Vinde Espírito de Sabedoria apagar da inteligência dos hereges a ignorância, para que eles conheçam o seu Deus, para que eles honrem a Virgem e cultuem os santos. Vinde Espírito de Ciência esclarecer os cientistas, iluminar-lhes o intelecto, mostrando-lhes que entre a Religião e a ciência não há incompatibilidade.

Esta é a súplica de todos os fiéis no dia em que o céu se abre e de lá nos vem o Parâclito, inspiração dos santos, consolo dos bons e sustentáculo dos fracos.

(1926)

Testemunhos

PADRE MONTE

É difícil escrever sobre o Cônego Monte com agrado para os seus exagerados admiradores que aliás, somos todos nós. Só havia um escritor capaz de satisfazer a todos e seria o próprio Padre Monte.

Ele, porém, não quis deixar-nos a sua auto-biografia - composição hoje da moda e que seria, então, um livro formidável...

Leão do Norte, pseudônimo com que se disfarça o nosso querido Padre Luís Teixeira, foi de muita felicidade, escrevendo a biografia do Padre Monte, editada em S. Paulo. É uma biografia sintética em que trabalhou um fino espírito e uma mão de mestre.

As setenta e sete páginas que a gente devora num fôlego, trazem flagrantes deliciosos, descritos numa linguagem fácil, em estilo simples e agradável, que confirma as credencias do autor de "Saudade", livro que li sem fadiga, com sabor indizível e com muita comoção.

Os capítulos em que está dividida a obra de Leão do Norte, apesar de curtos (e o autor parece que assim os fez de propósito), obrigam o leitor a completar o que está vivo a palpitando nas entrelinhas.

O filho querido e exemplar, o estudante único que depressa parecia mestre, o professor de recursos que só aos gênios são dados, o orador que fez da tribuna um carro de triunfo, o jornalista que iluminava com revérberos de talento e de erudição raríssima as colunas dos jornais, aparecem nos capítulos do livro focalizados em todos os contornos e relevos que a inteligência e o talento de Leão do Norte não quiz exagerar, temendo, talvez, parecesse uma simples caricatura.

Há páginas que brilham como um pedaço de céu sertanejo, todo enluarado, como fulgurante estema aureolando o Padre Monte. Outras há que parecem vibrações de harpas eóleas ensaiando os epinícios da bondade de quem jamais capitulou quando preciso sanear o bem.

Quem lê o trecho abaixo sem doce comoção?

"O SEU QUARTO. Não só as paredes falam, mas todo e qualquer objeto ou coisa que pertenceu a um amigo que o Destino subtraiu aos nossos olhos dele nos fala com eloquência e emoção. O próprio meio ambiente em que ele viveu: a casa, as árvores, os animais domésticos de sua estimação proclamam bem alto o seu nome, a sua fisionomia, os seus hábitos... É verdade que esses seres falam sem falar, mas quem não sabe que o silêncio, muitas vezes, diz mais do que a palavra escrita ou falada? Quem será capaz de traduzir, em prosa ou em verso, o olhar de um moribundo fitando uma vela acesa, ou os suspiros de uma noiva vendo o noivo amortalhado? Não raro um simples relance de olhos, um aperto de mão, um sorriso ou uma lágrima dizem muito mais que uma conferência ou um tratado...

Em um dos recantos mais pitorescos de Natal, entre cajueiros ensombrados e palmeiras esguias, ergue-se um prédio majestoso e soberbo, adrede construído para a formação dos levistas do Senhor. No centro desse edifício, à direita de quem entra, no primeiro andar, morava ele. Aí entrou ainda quase criança, para lecionar, por ser sábio: OS MEUM LOQUETUR SAPIENTIAM, a minha boca falará sabedoria" (Ps. XLVIII); daí saiu sem se esperar, para morrer, por ser santo... "**Placita erat Deo animailus; propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum**, porque a sua alma era agradável a Deus, Ele se apressou em tirá-lo do meio das iniquidades" (Dab., IV).

O seu apartamento mais parecia uma biblioteca pública do que um aposento particular, tal a afluencia de consulentes que o procuravam. Era o oráculo dos alunos e dos mestres. Daí a alcunha que lhe deram de Biblioteca Ambulante.

Hoje, o seu quarto se assemelha a um ninho de águia abandonado! E com efeito, aquele que agora lhe batesse à porta não ouviria mais o terno acento de sua voz amiga! No entanto, a sua mesa de trabalho, as estantes vazias, as paredes, o prédio inteiro, os cajueiros ensombrados e as palmeiras esguias, todos à uma responderiam incontinenti:

- Não mora mais aqui mudou-se para o céu!..."

LÚCIO
(Publicado no jornal A Ordem
em 28 de Abril de 1945)

QUANDO AS PEDRAS SE CONVERTEM EM PÃO (III)

Pe. Francisco das Chagas Neves Gurgel

Deixaremos daqui há pouco o domínio da Scheelita para, em ligeiros traços, apreciarmos a presença dos outros minérios entre nós. As últimas minas estão marcadas entre Currais Novos e Acarí.

A Scheelita no Seridó tem se apresentado em abundância nos terrenos de aluvião, determinando esse acúmulo pelo efeito da erosão geológica que desprendeu dos grandes blocos e sepultou nas depressões do solo de modo que agora, nas vizinhanças de certas minas, se tem encontrado scheelita em proporções consideráveis, quase à flor da terra para somente em seguida, encontrar-se o cordão de pedras enxertadas de scheelitas, aqui, está se apresentando em meio de blocos de granada e epídoto e ainda no cristal de rocha tipo leitoso, principalmente na mina da família Cassimiro, já no município de Currais Novos, num terreno anexo ao de dr. Tomás Salustino. É o mesmo cordão de pedras, que pertence aos contra fortes do grande sistema orográficos da Borborema, onde estão situadas as novas minas. São elas em Acarí; no sítio Riacho da Serra, num "cabeço" denominado Lombada dos Pombos, pertencente ao sr. Manoel José Fernandes, conhecido pelo nome de Bilé, as banquetas pertencem alí ao sr. Francisco Inácio, anexo está a mina de Agenor Ferreira, no lugar denominado 'Soledade" e outros em começo de exploração, sendo possuidores o sr. Tomás Lopes, em serrote por nome "Cabeço da Dorna" e Tijuca e por fim José Braz com uma exploração incipiente na estancia apelidada "Talhado".

Em Currais Novos, próximo à grande "Mina", estão Joaserinho do sr. Bilé, Fco. Cassimiro (já falecido) e José Leônidas.

Pormenores sobre a scheelita

Na última parte sobre esse estudo, de feição histórica e científica faremos uma apreciação sobre a scheelita e demais minérios na sua aplicação de indústria. Num cordão de pedras a que nos referimos descobriu e marcou a primeira mina de scheelita o Padre Estanislau Piechel, na serra da "Dorna", com uma estria de um bloco de scheelita com três quilos. Pe. Estanislau, atual vigário de Flores, de posse de grande inteligência e invulgar dedicação, é ardoroso animador do movimento de exploração de minérios. Tem marcado vários terrenos naquelas paragens. A scheelita quadrática, apresentando acidente de cristalização fundamentalmente triangulares. Começa por vezes em aluvião, depois é - encontrada em "veios", por entre granada, epídoto, prosseguindo por fim a ser retirada nas rochas metamórficas. O cordão de pedras é todo notadamente rico em granada e epídoto, sendo, porém, por vezes espantosa a quantidade de scheelita. Assim é que, no dia 29 de junho deste ano, foi retirada da mina situada no lugar "Cabeço dos Pombos", de que já falamos, na serra da "Dorna", o maior cristal de scheelita, pesando oito quilos. As banquetas aí tem variado tamanho. Há banquetas como a pertencente ao Pe. Estanislau de cinco metros de largura por vinte e cinco de comprimento e onde trabalham sessenta pessoas, tendo retirado entre os dias 11 e 18 de julho 1166 ½ quilos. Há no entanto banquetas onde uma pobre senhora explora com o adjutório apenas de um filho.

Estão em progresso o comércio e a indústria no Seridó; pois aquelas paragens enriquecidas, têm reunido muito gente, formando simples sítio de outróra, verdadeiros centros de afluencia operária de hoje.

A produção semanal tem atingido vinte toneladas somente na propriedade do dr. T. Salustino, regulando vinte e cinco para todo o Seridó. Em média a quota semanal proveniente de minérios do Estado está entre hum mil e duzentos e hum mil e quatrocentos cruzeiros, incluindo nela uns setecentos cruzeiros do Seridó. Não é exagero, pois tenhamos em mente que estão também em foco outras minas, como sejam a de colombita, - um silicato de alumínio, na Serra do Equador, próximo à Parelha, berilo no Seridó, e muitas outras estão em exploração incipiente. Recentemente estão descobertas em S. Cruz, minas de Berilo, destacando-se uma em estudos no lugar Grossos, propriedade do sr. Manoel de Souza. Lages tem provado que também suas lages se convertem em pão. Há suspeitas bem fundadas de novas minas num terreno do Monsenhor João da Mata Paiva. Em Santana do Matos o sr.

Aristófanes Fernandes e o dr. Renato Dantas, juiz de direito da Comarca, têm contribuido para o êxito da exploração de minérios, pela distribuição semanal de "pedras de tipo" entre os habitantes da zona contemplada. Por último consta-nos a descoberta de um minério de ouro no município de Pau dos Ferros a exemplo do que já se verifica em Patos, na Paraiba. Posso afirmar que no momento é impossível precisar a quantidade de minérios, por isso que semanalmente se estão descobrindo novas minas de scheelita, e novos metais se anunciam. Assim é que o **cônego Luiz Gonzaga do Monte**, essa expressão conjugada de verdadeiras glórias, julga ter encontrado um minério de zinco numas amostras que lhe mandaram de S. Rafael. Não admira que ainda se venha encontrar uma mina em Serra Caiada, sabido como é, que ela pertence ao mesmo sistema orográfico do cordão de pedras do Seridó que desaparece alí para culminar com o pico do Cabugi, seguindo daí para Angicos e Santana do Matos. Nem admira que nesta exposição se apresentem todas as personagens da história do minério, entre nós, onde encontramos na exploração, leigos, padres, médicos, magistrados e senhoras, pois no Seridó pelo menos a situação é: "ou tira pedra ou come pedra", porque as chuvas começam a vivitar a região, quando já as pedras chuviam dinheiro, fertilizando a aridez do Seridó. Muitos são os que têm feito sólidos recursos à custa das banquetas e no exercício da indústria. Interessante é notar que apesar de todo esse surto de riqueza e vida fácil, que têve início praticamente logo após Joel Dantas descobrir a primeira scheelita em 05 de outubro de 1941, há quem se encontre na mesma pista de outrora, sem banquetas nem minérios no Banco. Sendo míopes dado à debilidade visual congênita viram mais do que todos. Em Caicó Joel continua queimando as pálpebras na ardencia do sol, para ver de perto mais pedras, a fim de enriquecer o sertão até encontrar mais uma pedra diferente das outras.

Cônego LUIZ MONTE, o cientista a quem Joel Dantas recorreu para confirmar seus estudos, o analista profundo que gratuitamente já fez no laboratório do Seminário de "São Pedro", mais de mil análises de minérios da nossa terra e Estados limítrofes, desenvolveu todos os dias a sua costumeira trajetória, saindo todos os dias a pés, do glorioso Seminário de Dom Marcolino Dantas para a luta constante no ministério e magistério de sempre.

Vítimas da inteligência e da dedicação, também um dia as pedras do vosso caminho se converterão em pão.

Pe. Francisco das Chagas Neves Gurgel
("A Ordem" 05.08.43)

NOTAS AVULSAS

Nilo Pereira

Merece os mais justos louvores o escritor Jurandyr Navarro, de Natal, pela publicação da Antologia do Padre Monte, edição da Fundação "José Augusto".

A idéia partiu de Sanderson Negreiros, quando dirigiu aquela entidade. O apoio dado por Franco Jasielo na presidência da **Fundação**, permitiu a realização desse plano que é antes de tudo, um serviço cultural prestado aos estudiosos e à juventude e uma homenagem ao Padre Monte, que foi meu professor e de quem guardo inapagável impressão de sabedoria e de santidade.

Na imprensa natalense publicou o saudoso sacerdote artigos e ensaios que não podiam ficar esquecidos. Daí essa **Antologia**, que encontrou em Jurandyr Navarro um pesquisador não somente idôneo como amoroso. Pois é obra de amor e até de devoção procurar em velhos jornais o que de mais sábio e atual deixou o mestre de geração, o teólogo, o cientista, o matemático, o latinista, o lexicólogo, o humorista, o sexólogo, o homem plural que foi o Padre Luiz Gonzaga do Monte.

Quem o conheceu de perto, quem dele recebeu ensinamentos, quem o viu na cátedra ou o ouviu no púlpito, jamais o esquecerá.

O seu mais completo retrato - um "poster" intelectual esplêndido nas linhas impressionistas da sua recordação - foi pintado em artigo magistral por Edgar Barbosa, que nele encontrou o que chamou de "uma leveza de pássaro".

Esse admirável Padre Monte agora revive pelo trabalho meticuloso e honesto, além de brilhante e devotado, de JN, que merece todos os aplausos pelo que está fazendo em nome da cultura brasileira.

Foi muito o que o grande sacerdote deixou de si mesmo nos velhos jornais e revistas. A pesquisa continuará em benefício do espírito, da verdade e da fé.

Nilo Pereira
(O Jornal do Comércio do Recife de 29 de setembro de 1978)

NOVO QUESTIONÁRIO DE PROUST

Entrevista concedida a **Veríssimo de Melo** pelo Cônego **Jorge O'Grady de Paiva**.

Nosso ilustre conterrâneo o Cônego Jorge O'Grady de Paiva, reside no Rio de Janeiro há muitos anos, sendo atualmente Capelão da Irmandade do Divino Espírito Santo da Lapa do Desterro. Membro das Academias Norte-Rio-Grandense de Letras, da Academia Fluminense de Letras e da Academia de Ciências de Mossoró - é autor de numerosos livros ligados à Ciência e às letras, destacando-se, entre outros, sua magistral biografia do Padre Luiz Gonzaga do Monte. Outra obra importante do Cônego Jorge O'Grady de Paiva é o seu **Dicionário de Astronomia e Astronáutica**, já em 3ª edição. Nesta entrevista, fala-nos de sua obra sacerdotal, dos seus livros e lembra admirações do passado e do presente, como Luiz da Câmara Cascudo, Nilo Pereira, Américo de Oliveira Costa, José Lívio Dantas, Mons. Expedito Medeiros, Padre Eymard Monteiro e outros.

VM - O Sr. é um dos acadêmicos norte-rio-grandenses mais ativos e fecundos. De onde vem essa força criativa extraordinária?

JOP - A força criativa que me fiz "ativo e fecundo" é, em grande parte, a metodologia de estudo, a mim ensinada pelo Pe. Luis Monte, que a reduziu a 10 (dez) pontos:

01) Significado exato das palavras e profundidades de expressão;

02) Sinonímia ou equivalência das palavras;

03) Antônimos ou contrários;

04) Idéias afins e associação de idéias;

05) Idéias opostas (ver o oposto das frases);

06) Correção gramatical;

07) Comparar (o homem aprende porque compara);

08) Resumir, condensar e só adjetivar com parcimônia;

09) Ver as coisas por novos ângulos ou enfoques diversos (descobrir);

10) Refletir, meditar, pensar para não repetir, simplesmente, o que os outros disseram.

VM - Qual dos seus livros editados que mais gosta? Por Que?

JOP *- Dos dez livros que escrevi e publiquei gosto mais do 1º (primeiro), no qual biografei o Pe. Monte - foi escrito com alma.*

VM - Quantos livros inéditos ainda tem?

JOP *- Dois, já escritos, aguardam oportunidades de publicação:* ***Prédicas e Alocuções*** *(3º vol.) e* ***Dicionário de Nomes Próprios Pessoais*** *(em dois volumes).*

VM - Acompanha, mesmo de longe, o que se escreve em Natal?

JOP *- Sempre acompanhei o que se escreve em Natal e quase todos esses livros me são enviados por Jurandyr Navarro.*

VM - O que representa para o Sr. a obra de Cascudo?

JOP *- A obra de Câmara Cascudo representa um mundo ou melhor, um universo, como disse Américo de Oliveira Costa em obra consagrada. Muitos livros seus ofereceu-me Câmara Cascudo e tenho dele, arquivadas, mais de 40 (quarenta) missivas.*

VM - Consideramos a sua biografia de Padre Monte uma obra-prima. Por que não a reedita?

JOP *- Não me parece ser necessário reimprimir ou reeditar minha biografia sobre Pe. Monte; é obra definitiva.*

VM - Quando publicará seu Dicionário de nomes próprios pessoais?

JOP *- Espero ainda poder publicá-lo em vida. São dois volumes, como o meu* ***Dicionário de Astronomia e Astronáutica****, sendo que desse já saíram 3 (três) edições.*

VM - Além do seu livro sobre o Padre Monte, quais os livros norte-rio-grandenses que gostaria de ver reeditados?

JOP *- Todo livro que se esgota devia, em princípio, ser reeditado; nem sempre, porém, é possível fazê-lo.*

VM - Qual a sua impressão da entrevista do escritor José Lívio Dantas, divulgada no Novo Questionário de Proust?

JOP *- A entrevista que lhe deu José Lívio Dantas é marcante, sobretudo no que se refere à filosofia. Tenho a dizer, a propósito, que o maior conhecedor de Kant, atualmente, no Brasil, é Gerardo Dantas Barreto, natural de Ceará-Mirim, RN, e residente no Rio de Janeiro.*

VM - Das artes - músicas, artes plásticas em geral, poesia - qual a que mais o empolga?

JOP - Música e poesia. Sobre música escrevi ensaio intitulado "A Teoria Religiosa da Música", trabalho publicado em várias revistas literárias. E antes, sobre poesia, por completo, o Soneto, analisando-o sob todos os aspectos.

VM - Qual a impressão que conserva do Seminário São Pedro do qual foi Reitor?

JOP - Não fui Reitor do Seminário de Natal, e sim, por 7 (sete) anos diretor do Colégio Diocesano Santa Luzia, de Mossoró. Durante minha gestão levei L.C.Cascudo, por duas vezes, a Mossoró, hospedando-o no estabelecimento e sendo ele muito homenageado.

VM - Quais os Bispos ou arcebispos que serviram em Natal e mais o marcaram?

JOP - Ordenei-me em 1934, em Natal, por Dom Marcolino Dantas que me nomeou para duas paróquias (Penha e Macáu) antes de me fazer diretor do Colégio de S. Luzia. E, 1943 voltei a Natal e, em 44, vim para o Rio de Janeiro, onde fui coadjutor paroquial e Capelão Naval (de 1947 a 1950). Hoje exerço o cargo da Irmandade do Divino Espírito Santo da Lapa do Desterro.

VM - Qual a sua impressão do trabalho sacerdotal do Mons. Expedito Medeiros?

JOP - O Mons. Expedito Medeiros foi dos primeiros párocos a fazer opção pelos pobres e a evangelizar por uma sociedade mais justa. É um pioneiro.

VM - Quais os poetas natalenses (ou norte-rio-grandenses), entre vivos ou mortos de sua preferência?

JOP - Segundo Wanderley, Auta de Souza, Otoniel Menezes e Edinor Avelino; todos foram por mim literariamente analisados. Gotardo Neto, Juvenal Antunes, Antonio Soares, Carolina Wanderlei e Esmeraldo Siqueira merecem destaque, como grandes poetas.

VM - Que acha do trabalho de pesquisa de Jurandyr Navarro, republicando a obra do Padre Monte?

JOP - Jurandyr Navarro fez grande obra recolhendo os trabalhos do Pe. Monte e os enfeixando numa Antologia. Um homem como o Pe. Monte não podia jazer esquecido.

VM - Em breves palavras, o que representa a obra de Nilo Pereira para o Sr.?

JOP - Nilo Pereira foi grande escritor e dono de um estilo límpido e inconfundível. Ele e Edgar Barbosa são grandes ceará-mirenses.

VM - O que acha da obra do Padre Eymard Monteiro com sua imensa bibliografia?

JOP *- Pe. Eymard Monteiro é dos sacerdotes potiguares que mais escrevem e penso que já faz jus à imortalidade acadêmica.*

VM - E que acha da fidelidade de Otto Guerra à temática religiosa e nordestina em geral?

JOP *- Otto Guerra é o nosso Tristão de Ataíde pela sua pena sempre dedicada às causas religiosas e sociais.*

VM - Conheceu o Padre Leonel Franca? Qual a sua impressão do homem e do filósofo, sinteticamente?

JOP *- Conheci de perto e ouvi, sempre embevecido, o Pe. Leonel Franca, uma das maiores figuras intelectuais que o Brasil já teve. Seus livros devem ser lidos pelas novas gerações.*

VM - O que se pode esperar de melhor no século XX?

JOP *- Cada século tende a ser melhor que o precedente, pois vai acumulando saber e experiência. O século XXI, totalmente informatizado, será o século do computador.*

(Pub. no jornal "A Tribuna do Norte"
em 22 de Março de 1996)

Registros

JUVENTUDE FEMININA CATÓLICA

A Nomeação do Assistente Eclesiástico

Por nomeação do Exmo. Sr. Bispo D. Marcolino Dantas, vai assumir o cargo de Assistente Eclesiástico da Juventude Feminina Católica o Padre Luiz Monte.

Não se faz mister referir quão merecida foi a escolha do Pe. Monte, pois o seu nome já se impõe pelas suas qualidades intelectuais e o espírito abnegado de apóstolo.

Assim, vai o Revmo. Pe. Luiz Gonzaga do Monte trabalhar no campo vasto e humano da Ação Católica.

(A Ordem em 2 de set. de 1936)

FESTA DE SANTA TEREZINHA

... Hoje prossegue o novenário, havendo pela manhã reunião da Pia União de Sat. Terezinha. Amanhã, domingo, é o dia da festa de encerramento, pregando o Sermão da missa solene o Padre Luiz Monte.

("A Ordem" 03.10.36)

O DIA DO CONGREGADO MARIANO COMEMORADO HONTEM

A Conferência do Pe. Luiz Monte

Presidencia do Mons. Alves Landim. Após a audiência do hino da Congregação falou o seu Presidente dizendo da finalidade daquela reunião solene da instituição. Aludiu em seguida a um fato que se passou um dia na ano de 1918. Um candidato se apresentou, diz ele, à Congregação para se inscrever. Tinha idade inferior à exigida pelo Manual. Devido a isso hesitou Dom Antonio, então seu Diretor, a admití-lo. Entretanto, atendendo às virtudes de espírito do candidato, abriu exceção. Esse candidato, concluiu, era o futuro Padre Monte, alí presente, o conferencista que ia ser ouvido naquela tarde.

Sob estrondosas palmas levantou-se o Pe. Monte, que agradecendo a homenagem que lhe prestava aquela assembléia, discursando depois sobre o palpitante tema de sua palestra, terminando sob os aplausos gerais.

Falou em seguida Otto Guerra, orador da Congregação, usando finalmente da palavra o Mons. Landim, encerrando a reunião.

(O Jornal A Ordem de 18 de jun. de 1936)

FESTA DO IMORTAL CRISTO-REI

Pauta dos trabalhos da Sessão
solene de encerramento

O Programa da Sessão é o seguinte:

01. "Credo" pelas Scholas Cantorum do Seminário e dos Irmãos Maristas.
02. "Brasil" - marcha cívica - Domingos Raimundo - Orfeãos a duas vozes.
03. Abertura da sessão pelo Exmo. Sr. - Bispo Diocesano.
04. Discurso do Revmo. **Padre Luiz Monte.**
05. "A Cristo Rei", declamação - Des. Antonio Soares - pela jecista Angélica Almeida.
06. Discurso do prof. Ulisses de Gois, presidente da Federação Mariana de Moços.
07. "Murmúrios da Primavera"- piano - Sinding - por Glorinha Sigaud, jicista.
08. Discurso de Zeneide Gomes presidente de C.D. da J.F.C.
09. "Ao Mar" - barcarola - dueto, Da Coleção "es Contes d'Hoffmann".
10. Saudação ao Papa, pelo Padre José Adelino.
11. Oração do Brasil à Beata Paula Frassinetti - Russe Cristino.
12. Encerramento, pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano.
13. Hino Final.

("A Ordem" de 30 de out. de 1938)

CENTRO ESTUDANTAL POTIGUAR

A posse da sua nova Diretoria

Efetuou-se domingo último, às 14 horas, a posse da nova Diretoria do Centro Estudantal Potiguar. A sessão foi presidida pelo revmo. Mons. Alfredo Pegado.

Ouviram-se vários oradores da classe estudantil, inclusive o novo presidente Luís Maranhão.

Finalizando a solenidade, o Revmo. Pe. Luiz Monte produziu empolgante oração, estudando o problema da inteligência.

("A Ordem" 02.03.42)

PADRE LUIS MONTE

Por postaria de 28 foi nomeado secretário do Bispado o padre Luiz Gonzaga Monte.

Sacerdote moço, porém, com uma cultura pouco vulgar em todos os ramos da ciência.

A sua nomeação ecoou muito bem no meio eclesiástico, que conhece as virtudes do escolhido.

É o substituto do cônego Estevão Dantas.

Duplamente substituto, em zelo, proficiência nos negócios daquele departamento e no cultivo da lingua latina, que maneja com a habilidade de mestre.

Nós, que aqui trabalhamos, já há muito nos habituamos a admirá-lo. Os seus artigos são apreciados por elevado da linguagem e casticismo da forma.

É o sacretário desta folha, dando-lhe o melhor dos seus esforços e de inteligência.

Felicitamos o exmo. sr. bispo pelo acerto da escolha.

Sexta-feira, 30 de agosto de 1929

AS MINHAS CARTAS - VII

(Ao Pe. Luiz Monte)

Aposto que não estás mais zangado commigo do que eu mesmo, com tamanha maçada, abusando tanto da reconhecida paciente do leitor amigo.

Agora vae mesmo, hei de chegar ao fim. Continuemos.

Do Seridó, heroico no conduzir sempre viva chamma sagrada de suas tradições de trabalho e de civismo, rumámos a Parahyba, passando por pombal, Souza, e Cajazeiras, cujos bellos templos vizitámos.

A agradável impressão que nos deixava a religiosidade da grande terra de João Pessôa éra em muito diminuida pela visita de lugares que haviam sido theatro de horrendas scenas de cangaceirismo.

Transpondo os limtes da Parahyba ingressámos a terra de Iracema. Não posso me furtar ao dôce dever de dizer algo sobre a acção catholico-social do pe. Raymundo Augusto Bezerra, incansavel vigario de Lavras, uma das mais bellas e adiantadas cidades do Ceará. Visitar os trabalhos da Matriz, que está sendo remodelada, é ver o quanto pode o sentimento religioso, guiado por um apostolo da religião. O trabalho está contractado por 85:000$000 que têm sido angariados pelo zelo do pe. Mundóca.

Mostra-nos a experiência que os trabalhos manuais são geralmente executados com prejuizo da parte espiritual. Não assim com o pe. Raymundo, que, vendo o grande mal que vem causando a familia catholica brasileira o cantracto civil, producto de uma constituição de "raizes envenenadas", administrado por juizes que se dizem catholicos (de procissão e novena), que não sentem em su'alma o remorso pela acquisição de um dinheiro que vem preencher a vaga da consciência,

procurou oppor um dique á torrente invasora do mal. Conseguiu elle em sua parochia este grande bem que decorre da harmonia de vistas com a autoridade civil, para que o contracto civil e o acto religioso sejam celebrados successivamente e nunca, em hypothese alguma, um com exclusão do outro. Que bem immenso para a familia chistã decorre desse acordo! Quanto é duro praticar-se em nome da lei a revoltante injustiça de condemnar uma mãe chistã, honesta, laboriosa, innocente, á singular vuivez do abandono criminoso, cercada de filhinhos, mais orphãos que os proprios orphão, para que se ampare a donzela doidivana, que se atira á conquista do homem casado, já na esperança do contracto civil, por cuja promessa sacrifica quasi sempre o direito ás flores de laranjeira. Quantos males se remediariam se o Episcopado brasileiro conseguisse este accordo com o governo da União, e isto se estabelecesse em todas as Parochias!

Em Lavras deixámos o nosso Fordzinho e tomámos o trem que nos conduz directo a Joazeiro, em quatro horas e meia de viagem.

Agora, leitor amigo, tem paciência, fica aqui na antesala da grande cidade, que eu não posso falar della sem tomar folego. Já volto.

Touros, 15-III-29.
Dapraia

PADRE LUIZ MONTE

Ocorrendo ontem o segundo aniversário da ordenação do Padre Luiz Monte, nosso secretário de Redação, os alunos do Seminário prestaram-lhe significativa manifestação.

Foi orador o seminarista Jorge O'Grady, que disse, em nome dos seus colegas, a alegria em que se achavam e fez votos para que a sua carreira continuasse sempre triunfante, como vem sendo até aqui.

O homenageado agradeceu as expressões de amizade dos seus discípulos e dirigidos espirituais.

É mais que justa essa homenagem pois desde que concluiu o seu curso tem sido dedicado o Padre Monte à educação dos futuros levistas do senhor.

O **Diário**, que tem recebido o seu valioso concurso, o cumprimenta.

(Diário de Natal, 9 de setembro de 1929)

OITAVO ANIVERSÁRIO DA JUVENTUDE FEM. CATÓLICA

As jefecistas cantam a 8ª estrofe do seu hino de trabalhos. Se a vida é realização, a Juventude Feminina Católica de Natal possue uma vida exuberante. Oito anos de vitórias e sacrifícios, de apostolado e formação mostram bem a obra de quem a construiu. E a figura inconfundível do Cônego **Luiz Gonzaga do Monte** como o abnegado ezeloso orientador, o devotado ex-Assistente Eclesiástico da J.F.C. O seu desaparecimento garantiu à sua obra um maior manancial de graças celestes. Em todas as atividades as jecefistas sentem o seu olhar protetor a dirigir-lhes os passos.

As dirigentes renovam o convite a todos os benfeitores, admiradores e amigos da J.F.C., a quem antecipadamente se dizem gratas pelo comparecimento.

(A Ordem de 6 de setembro de 1944)

CÔNEGO LUIZ MONTE

Entrou para o Cabido Metropolitano
de S. Luiz do Maranhão

A pedido de D. Marcolino Dantas, Bispo Diocesano, a D. Carlos de Vascocelos Motta, Arcebispo do maranhão, o Pe. LUIZ MONTE foi nomeado Cônego Honorário do Cabido Metropolitano de S. Luiz do Maranhão.

O Sr. Arcebispo do maranhão teve a gentileza cativante de fazer a nomeação do **Cônego Monte** no dia 19 de Maio, em homenagem à data comemorativa da sagração de D. Marcolino.

Foi o seguinte o telegrama recebido por S. Excia. Revmo.:

S. Luiz do Maranhão, 19 - Congratulo-me vossencia data sagração comunicando nomeação Cônego LUIZ MONTE. Arcebispo.

(O Jornal "A Ordem" de 20 de Maio de 1941)

CENTRO ESTUDANTAL POTIGUAR

O Centro Estudantal Potiguar comemorou ontem a sétimo aniversário de sua fundação, com uma sessão solene, na sede da liga Artístico-Operária, sob a presidencia do **cônego LUIZ MONTE**, presidente de honra do sodalício, que abrindo a sessão pronunciou ligeiras palavras. A seguir discursaram o prof. Luiz Soares, diretor da Associação de Escoteiros do Alecrim e do Grupo "Frei Miguelinho", e o sr. Luiz Maranhão Filho, presidente do C.E.P., os quais foram muito aplaudidos. Falaram ainda o estudante Boanerges Soares e a sr. Antonio Dourado, este em nome da Liga Artistico-Operaria. Encerrando a solenidade, pronunciou brilhante oração o **cônego LUIZ MONTE**.

(Publicação da "A Ordem" de 13 de maio de 1942)